

ERROS ACERTOS
Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

ERROS E ACERTOS

CÉLIA XAVIER DE CAMARGO
PELO ESPÍRITO MARCELO



– Março de 2002 –

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	13
CAP. 01 – A VERDADE	17
CAP. 02 – RESPEITO Á VIDA	29
CAP. 03 – AUTO-AFIRMAÇÃO	42
CAP. 04 – O PRECONCEITO	50
CAP. 05 – O PERDÃO	62
CAP. 06 – RECUPERAÇÃO	71
CAP. 07 – RECUPERAÇÃO	81
CAP. 08 – ODIÁRIO	89
CAP. 09 – AMENTIRA	100
CAP. 10 – A FLOR AMARELA	109
CAP. 11 – DOENÇA PROVIDENCIAL	123
CAP. 12 – INDIFERENÇA	132
CAP. 13 – ÁRVORES E FRUTOS	139
CAP. 14 – DIGNIDADE	148
CAP. 15 – TRABALHO EM EQUIPE	162
CAP. 16 – AMBIÇÃO	169
CAP. 17 – VIVÊNCIA CRISTÃ	179
CAP. 18 – A PEQUENA MENDIGA	185
CAP. 19 – ABNEGAÇÃO	193

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

APRESENTAÇÃO

A trajetória do Espírito rumo à evolução é repleta de experiências, grande parte das quais negativas, mas que se revestem de imensa importância, uma vez que, através das incontáveis vivências reencarnatórias, ele vai aprendendo a superar erros, vencer dificuldades, contornar obstáculos, refazendo relacionamentos danificados, revisando conceitos, acrescentando valores morais e amadurecendo emocional e espiritualmente. De cada encarnação, o Espírito sai mais forte e experiente.

Todavia, nada se faz sem esforço. E, na construção de um ser melhor, a vida é a grande mestra, pois coloca a criatura diante de situações e problemas que envolvem pessoas e sentimentos, obrigando-a a tomar decisões que serão fundamentais para seu futuro, por meio do confronto com aqueles que um dia prejudicou, ou foi por eles prejudicado. Nesses momentos, o Espírito terá que acessar, da memória profunda, todo o conhecimento adquirido, as qualidades morais já conquistadas, as inúmeras experiências vividas, e, manipulando seus sentimentos, tomar a atitude que melhor se coadune com o seu estágio evolutivo.

Então, graças ao livre-arbítrio, dádiva que lhe foi conferida pelo Criador, poderá escolher a opção que mais lhe aprouver. E é aí que, não raro, erra e se compromete, candidatando-se a um futuro de dores e sofrimentos, em obediência aos ditames da lei de causa e efeito.

Entretanto, sempre poderá refazer seus passos. Deus é Pai justo e bom, oferecendo novas oportunidades ao faltoso, desde que demonstre sincero desejo de reparar o mal praticado.

Assim, todo dia é dia de renovação. A todo instante podemos modificar nossa existência, criando, com o auxílio do Bem, créditos

13

que funcionem a nosso favor, amenizando o mal que praticamos e oferecendo-nos novas condições de vida.

O Evangelho de Jesus é roteiro seguro para todos nós, concitando-nos à modificação interior. E a Doutrina Espírita, tão sabiamente codificada por Allan Kardec, facilita nosso entendimento, leva-nos a refletir sobre os grandes questionamentos do ser humano e nos conduz à fé raciocinada, apanágio do verdadeiro espírita-cristão. Podemos agora afirmar com certeza: não apenas acreditamos, temos convicção!

A finalidade desta obra é exatamente lembrar alguns exemplos de ERROS e ACERTOS. Pela análise de casos que nos chegaram para estudo e do qual participamos, nosso grupo considerou que seria importante deixá-los registrados, em textos simples e despretensiosos, de modo que todos, especialmente os jovens, deles pudessem tomar conhecimento, e, de alguma forma, ser ajudados. Os nomes foram trocados para evitar qualquer reconhecimento ou identificação passível de prejudicar os encarnados cujas histórias foram enfocadas.

Todos os casos refletem situações e problemas do dia-a-dia, em que os personagens, ao contato com a mensagem evangélica, repensaram suas atitudes e se modificaram,

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

exercitando o perdão, a humildade, a compreensão, a responsabilidade, a tolerância, a generosidade, o desprendimento, enfim o amor.

Do imenso acervo, o grupo pinçou apenas alguns casos positivos, que realmente podem servir de exemplo e alerta para os que vierem a folhear estas páginas. Também resolvemos que nos manteríamos à margem, praticamente sem nos darmos a conhecer durante o transcorrer dos acontecimentos, salvo exceções, limitando-nos a relatar pura e simplesmente as histórias, que são retalhos de vidas.

Como representante da equipe, agradeço a colaboração de todos os que, de alguma forma, deram sua colaboração para que mais este trabalho - iniciado em 13 de março de 2000 e concluído nesta data - se realizasse.

Nossa gratidão: especialmente a Deus, Pai Amantíssimo, pela oportunidade que nos foi concedida, pois sem Sua permissão nada

14

seria possível. A Jesus, Mestre e Amigo querido, pelas lições imorredouras que nos deixou, as quais, como um farol, direcionam nossas vidas no roteiro do Bem e do Amor. À Espiritualidade Maior, representada pela mentora Maria de Nazaré, pelo amparo e assistência em todas as horas. Por fim, aos Orientadores, que tanto nos ajudam e instruem.

Aos leitores, o nosso abraço, suplicando a Jesus os ampare e fortaleça no cumprimento do dever.

Muita paz!

Marcelo

Rolândia, 23 de outubro de 2001.

15

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

CAP. 01 – AVERDADE

(...) Só por meio do bem se repara o mal e a reparação nenhum mérito apresenta, se não atinge o homem nem no seu orgulho, nem nos seus interesses materiais. (...) (O Livro dos Espíritos - pergunta 1000, Allan Kardec.)

Naquela manhã, Marina acordou mal-humorada. Não bastasse ter passado quase toda a noite insone, preocupada com a prova de Biologia que teria logo cedo, ainda essa chuva irritante que não parava.

Marina nunca gostou de chuva. Amava o sol, o calor, os dias alegres, o céu azul. E agora esse aguaceiro que não tinha fim.

Levantou-se descontente e sem ânimo. O quarto ainda estava escuro. Movimentou-se com cuidado para não despertar a irmã, que dormia na outra cama.

Arrumou-se, pegou a mochila e foi para a cozinha, onde a mãe preparava o café. Em silêncio, tomou um copo de leite.

- Aconteceu alguma coisa, minha filha? Você está com uma cara!...

- Não dormi direito, mamãe.

- Algum problema? - perguntou a senhora. - Tenho prova de Biologia hoje.

- Ah!... Então, boa sorte, Marina. Que Jesus a ampare. Antes da prova, minha filha, não se esqueça de fazer uma oração. Verá que a ajuda de Deus não vai faltar.

17

Alegando pressa, e antes que a mãe acrescentasse alguma

coisa, Marina saiu correndo.

Abriu o guarda-chuva e enfrentou o aguaceiro que caía, enquanto pensava: *Ajuda de Deus, pois sim! Eu que não estude para ver o que acontece...*

Chegou à escola, encharcada. O barulho dos alunos era ensurdecedor. Dirigiu-se à sua sala, onde os colegas estavam esperando

o início das aulas.

Logo que entrou, ela o viu. Roberto, ou Beto, como todos o chamavam, tinha sido sempre seu melhor amigo. Alguma coisa dentro dela, porém, se quebrou, desde o dia em que o vira todo sorridente, abraçado a uma garota, passeando no centro da cidade. Tudo tinha mudado. Reconhecia-se descontente, insatisfeita, irritada e nervosa..” Agora, ao vê-lo na classe conversando com um colega, percebeu que seu mau humor não era pela noite

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

maldormida, pela prova de Biologia ou pela chuva que continuava a cair lá fora. Era por causa dele. Sentia-se traída.

Dirigiu-se à sua carteira e sentou-se, de cara amarrada. - Ei! bom dia! Que bicho a picou hoje? Não precisou se virar para saber que era ele. A voz era inconfundível. Cumprimentou-o. Beto estava de excelente humor, alegre e brincalhão, como sempre. Isso a irritou ainda mais.

A professora entrou na sala e os alunos se acomodaram. Enquanto ela passava as orientações sobre o teste que seria realizado, Marina não conseguia prestar atenção. Só pensava em Beto. Uma onda de mágoa e ressentimento avolumava-se em seu íntimo. Tinha vontade de tirar aquele sorriso do rosto dele, de fazê-lo sofrer tanto quanto ela estava sofrendo.

Respondeu aos quesitos da prova sem perceber direito o que estava fazendo. Era boa aluna, e o teste, fácil.

Estava para se levantar e entregar a folha, quando viu que Vera, a colega do lado esquerdo, deixara cair uma "cola" sobre o assento da carteira. No mesmo instante, notou que Beto terminara o teste e também se levantava.

18

Então, uma idéia infeliz acudiu-lhe à mente. Ergueu-se e, discretamente, apanhou o papelzinho no banco ao lado; caminhou lentamente para a mesa da frente, dando tempo para que Roberto depositasse sua prova no monte, junto com as outras. Depois, Marina colocou sua prova por cima, tendo o cuidado de inserir a "cola" na folha de Beto.

Saiu satisfeita. Estava vingada.

Dois dias depois, estourou o escândalo. A professora entrou na sala, séria e compenetrada. Antes de entregar o resultado, fez um discurso. com uma das provas na mão, explicou que um aluno, exatamente aquele de quem ela menos esperava tal atitude, havia usado de fraude. Mas fora denunciado por si mesmo, uma vez que esquecera a prova do crime dentro do teste. Em virtude disso, teria nota zero.

Todos estavam espantados e curiosos para saber a quem ela se referia. Afinal, a professora falou:

- Roberto Fontes, venha buscar sua prova.

Perplexo, incapaz de acreditar, Beto levantou-se e dirigiu-se à mesa.

A mestra olhou-o desolada: - Lamento, Roberto. Você não precisava disso.

O rapaz não entendia o que estava acontecendo. Seu olhar esgazeado ia da folha para a professora e desta para os colegas, sem conseguir dizer nada.

Enquanto ele retornava para seu lugar, havia tal sofrimento em seu rosto que Marina se condoeu. Tomara uma atitude irrefletida, por impulso, e agora estava arrependida. Mas não podia voltar atrás.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

com o rosto afogueado, ele não conseguiu mais segurar as lágrimas e deixou a sala gritando:

- Eu não fiz nada! Sou inocente! Não fiz nada!...

A classe ficou em silêncio. Os alunos estavam sob o impacto da cena que se desenrolara diante deles.

Mais tarde, naquele mesmo dia, alguns amigos se reuniram e resolveram dar uma força para Roberto. Convidaram Marina, natu-

19

ralmente. Ela foi obrigada a acompanhar o grupo, conquanto tivesse o coração apertado de remorso.

Ele os recebeu com gentileza. O rosto, inchado de tanto chorar, agora estava enxuto. Trazia uma expressão triste, mas resignada. Diante dos comentários dos colegas, afirmou:

- Deve ter sido um engano. Tenho fé em que a verdade vai aparecer. Não se preocupem. Tudo será esclarecido.

Nesse momento, a porta se abriu e entraram na sala duas pessoas: uma delas era dona Judite, mãe de Roberto, e a outra, uma moça. Marina reconheceu a garota que Beto abraçava naquele dia. Somente agora pôde vê-la melhor: alta, loira, olhos azuis e um lindo sorriso. Era muito atraente, elegante, e certamente ele a amava. Mordeu os lábios, despeitada. Roberto, vendo-as chegar,

apresentou:

- Esta é minha prima Solange, que está passando alguns dias conosco. Minha mãe, vocês já conhecem.

Marina, que se remoía de ciúmes, ao ouvir essas palavras respirou aliviada. *Então, eles não eram namorados* E aquele ressentimento, tão profundamente alimentado em seu coração, foi aos poucos se dissolvendo.

Após algum tempo, os colegas se despediram. Marina acabou ficando por último. Envergonhada, comentou:

- Outro dia eu vi você e Solange juntos na cidade e pensei que fossem namorados.

- Eu e a prima? Que idéia! Não. Nós nos damos super bem. Sempre que nos encontramos, o que não é fácil porque ela mora longe, é uma alegria. Contudo, namoro é outra coisa. Só com alguém a quem eu realmente ame.

Acompanhou essas palavras com um olhar tão carinhoso que Marina sentiu o coração bater apressado.

- E você ama alguém? - atreveu-se a perguntar.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Amo. Essa garota, no entanto, finge que não entende meus sentimentos.

- E ela? Estará apaixonada por você, Roberto?

20

O rapaz passou a mão, com carinho, sobre os cabelos dela.

- Espero que sim. Mas isso só você poderá dizer, Marina.

E, vendo a expressão de surpresa no rosto dela, completou baixinho:

- Não entendeu ainda que é você que eu amo?

Marina não podia acreditar em tamanha felicidade. Beto segurou-lhe o rosto com as mãos e deu-lhe um delicado beijo na boca.

Quando se despediram, ela estava nas nuvens. Todavia, ao retornar para casa, lembrou-se do que fizera e ficou muito aflita. A felicidade a fez esquecer por completo sua malfadada atitude.

O remorso corroía-lhe o íntimo. Agora que se sabia amada e que a outra não representava perigo, compreendia o quanto fora má e inconseqüente. Antes, os sentimentos estavam confusos dentro dela. Sempre o tratou como amigo e não percebeu que era ciúme o que sentira quando viu Beto com outra. Ela o amava, e prejudicara justamente aquele a quem amava. Ele, que sempre fora digno, respeitador, estudioso, companheiro e amigo.

Como reverter a situação? Impossível!

Não suportaria vê-lo sofrer por algo que não tinha feito. Por outro lado, se contasse a verdade, o perderia. Roberto não perdoaria a maldade que cometera contra ele. O que fazer? O que fazer?

Marina chegou em casa e fechou-se no quarto. Não queria ver ninguém.

Quando a mãe veio chamá-la para jantar, disse que estava sem fome.

- Você está doente? Tem febre?

- Claro que não, mamãe. Só quero ficar sozinha.

- Aconteceu alguma coisa hoje no colégio?

- Não! - gritou Marina, impaciente. - Já disse que quero ficar só!

- Hum! Que mau humor! - murmurou a senhora, saindo e fechando a porta, preocupada.

Na manhã seguinte, a jovem acordou pálida e desfeita. Não tinha fome.

21

Na escola, uma novidade. Comentava-se que a professora, inconformada com o acontecido - pois gostava muito de Roberto e o julgava incapaz de tal atitude -, resolveu levar a fundo a questão e, analisando a caligrafia na "cola", descobriu que não era a dele.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Não se falava de outra coisa. Vera, a dona da "cola", estava inquieta. Desde que percebeu que tinha perdido o papelzinho, não teve mais sossego. Depois, Roberto foi acusado e ela se aquietou; certamente ele também tentara colar. Mas agora, se a letra não era a dele, de quem seria? Seria a sua? Seria seu aquele papel encontrado no meio da prova de Beto? E se isso fosse verdade, como teria ido parar lá?...

O mistério prosseguia e não se falava de outra coisa no colégio.

Três dias depois, Marina era uma sombra do que fora. Emagreceu e parecia sempre aflita e assustada. Não tinha coragem de enfrentar Roberto e o evitava, levando-o a achar que ela estava fugindo dele porque não o amava.

A situação estava nesse pé quando, uma noite, a mãe procurou Marina no quarto. Ela estava deitada, com a cabeça coberta e virada para a parede. De vez em quando, ouviam-se soluços abafados. Marina chorava. A mãezinha, com ternura, sentou-se no leito, envolvendo a filha com o braço:

- Minha filha, não posso vê-la se consumir assim, desse jeito. Fale comigo. Abra seu coração. Percebo que você está sofrendo muito e não posso mais me calar. Não sei qual é o problema que tanto a aflige, mas para tudo há uma saída, acredite. Não há problema sem solução.

Marina, ouvindo as palavras da mãezinha, recomeçou a chorar com mais intensidade. Como ela continuasse calada, a senhora prosseguiu:

- Minha querida, seu pai e eu estaremos do seu lado em qualquer circunstância. Você é nossa filha e nós a amamos muito. Confie em nós.

Silêncio. Fez uma pausa e arriscou:

- Você está grávida?

22

Marina virou-se, descobrindo a cabeça e sentando-se na cama, surpresa:

-- Por Deus, mãe, claro que não! O que a levou a pensar isso?

- Bem, não sei. O Roberto esteve tantas vezes aqui em casa e você não quis vê-lo, pensei...

- Pois pensou errado. Não tenho nada com ele.

-Mas o Beto a ama, minha filha, e está sofrendo com sua atitude. Marina baixou a cabeça e murmurou:

- Sofreria mais ainda se soubesse a verdade...

- Que verdade, minha filha? Você está gostando de outro? -Não, mamãe. Eu amo o Beto-e desatou em choro convulsivo.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Então?...

Marina pensou um pouco e não conseguiu mais se segurar. com o rosto lavado de lágrimas, explodiu:

-- Mamãe, me ajude! Por favor, me ajude! Não agüento mais! Abraçando a filha, a senhora acalentou-a como se fosse um bebê.

- Fale, filhinha, estou escutando.

E Marina, entre soluços, contou para a mãe tudo o que tinha acontecido, sem omitir nada. Quando terminou de falar, a mãe, séria, considerou:

- Você realmente agiu muito mal, minha filha. Todavia, não é tão grave assim. É muito jovem, tem apenas dezesseis anos, e agiu por impulso. Como eu afirmei, para tudo há solução e a verdade é sempre o melhor caminho. Explique a situação para Roberto, em primeiro lugar.

- Isso nunca! Ele não me perdoará!

- Como pode saber? Talvez ele se enteneça ao ver que você agiu assim por ciúme, e que o ama.

- Não sei, mamãe. Creio que não terei coragem.

- Tente. Se você teve coragem para fazer o que fez, certamente terá coragem também para desfazer seu erro. Depois, esclareça o caso com a professora, que precisa ser inteirada da verdade.

Marina estava ainda em dúvida. A mãe concluiu:

- Minha filha, não perca essa oportunidade de reparar o mal cometido. Enfrente a responsabilidade pelos seus atos. Não basta

23

reconhecer que errou, é preciso reparar o erro. Seja sincera, verdadeira, e se surpreenderá. Além disso, você será a maior beneficiada. O remorso é dor pungente da alma e que não dá tréguas. Há quantos dias está sofrendo, sem ter sossego? A paz de espírito, minha querida, é uma bênção de valor inestimável. Coragem!

Marina concordou finalmente com a mãezinha. Libertar o coração lhe faria bem.

Na manhã seguinte, foi para o colégio disposta a contar a verdade.

Ao entrar na sala, porém, percebeu um burburinho diferente. Biologia seria a primeira aula, e a professora já estava na classe.

Levantando-se, a mestra acusou Vera como a dona da "cola".

Chorando, a garota explicou:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- É verdade, professora, a "cola" é minha. Fiz porque tinha medo de não me sair bem na prova. Entretanto, não a usei. A senhora deve ter visto que o conteúdo dela não caiu no teste.

- Tudo bem. Mas a infração permanece. Você também terá nota zero na prova. Só não sei por que colocou o papelzinho dentro da prova de Roberto, incriminando-o.

A confusão era total. Beto estava aliviado, apesar de intimamente condoído da situação de Vera.

Nisso, não suportando mais, Marina levantou-se, decidida:

- A culpa não é dela. É minha. Toda a classe se aquietou de repente.

- Pode se explicar melhor? - indagou a professora, espantada. Respirando fundo, Marina prosseguiu:

- Antes, quero dizer que me arrependo muito do que fiz e estou disposta a enfrentar as conseqüências dos meus atos. Vera está inocente, assim como Roberto. Fui eu que peguei a "cola" que Vera deixou cair na carteira e a coloquei no meio da prova dele.

Todos estavam abismados. Beto, perplexo, não conseguia acreditar.

- Você?!... Por que, Marina? Por quê?

Virando-se para ele, viu a expressão de sofrimento em seu rosto. Esquecendo-se do resto da classe, ela explicou:

24

- Fiquei com ciúme quando o vi abraçado com aquela garota no centro da cidade e desejei fazê-lo sofrer. Não sabia que ela era sua prima. Percebo agora que o amo demais, Roberto, e que minha vida não terá sentido sem você. Poderá me perdoar algum dia?

Roberto, atingido no que tinha de mais caro, baixou a cabeça e não respondeu.

- É justo. Não mereço o seu perdão - murmurou Marina, saindo da sala a correr e escondendo as lágrimas que lhe desciam pelo rosto.

Uma semana depois, Roberto procurou Marina em sua casa. Os amigos não mais a tinham visto e estavam preocupados. Tocou a campainha e dona Helena veio abrir.

- bom dia, dona Helena. Gostaria de falar com Marina. Ela está?

- Olá, Roberto! Que prazer em vê-lo! Marina está no quintal. Vá entrando. Você sabe o caminho.

O rapaz agradeceu e dirigiu-se para os fundos da casa. Logo viu a garota sentada num banco, debaixo de uma enorme mangueira. Aproximou-se, sem que ela desse pela sua presença. Não pôde deixar de constatar as mudanças que se haviam operado nela: emagrecera bastante, trazia uma expressão triste e abatida nos olhos perdidos ao longe.

Acercando-se mais, ele chamou baixinho:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Marina... : A jovem sorriu levemente, sem se voltar. Ele repetiu:
- Marina!... Só então ela deu pela presença dele.
- Você está aqui, Roberto!... Pensei que fosse minha imaginação...
- Como está, Marina? - perguntou ele, acomodando-se ao lado dela no banco.
- vou levando - respondeu, de cabeça baixa.

25

- Não nos vimos mais desde aquele dia. Você não voltou mais à escola...
- Não tive coragem de enfrentar a classe, a professora, você... enfim, não depois de tudo o que aconteceu.
- Acho que está enganada, Marina. Você tem muita coragem, sim. Se não tivesse, não teria contado a verdade.
- É... e agora todos me desprezam.
- Engana-se. Os colegas reconhecem que você agiu mal, mas todos admiram sua coragem.

Afinal, Marina virou-se e, levantando a cabeça, olhou para o rapaz .

- Verdade? Ou está dizendo isso para me consolar?
- Palavra de honra. Todos sentem sua falta. E eu, mais do que os outros.

Ela novamente curvou a fronte, envergonhada. Roberto pensou um pouco e prosseguiu:

- Marina, a princípio fiquei revoltado com sua atitude. Depois, pensando melhor, tive tempo para analisar tudo o que aconteceu, suas razões, seus sentimentos. E, o que é mais importante, lembrei-me das palavras do Cristo: "Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado". Foi o suficiente para entender que não podemos julgar ninguém.

Fitou-a com imenso carinho. O olhar dela, fixo no dele, parecia não ter entendido direito.

- Quer dizer que você me perdoa?...
- Quero dizer que a amo muito e que nada mais poderá nos separar.
- Você é muito generoso, Roberto. Jamais conheci alguém como você.

Abraçaram-se, permutando sentimentos e o prazer de estarem juntos. Marina, depois de alguns minutos, comentou:

- Nesses dias de isolamento, pude refletir bastante, Roberto. A par da valiosa ajuda de meus pais, apeguei-me a Jesus, sentindo grande alívio e consolo com seu amparo. Aprendi grandes lições,

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

creci bastante nesse pequeno espaço de tempo. Aprendi, em especial, que nunca podemos agir de forma irrefletida, porque só temos o controle de nossas ações antes de executá-las. Além disso, o ressentimento é mau conselheiro e nos leva a reações desajustadas. Depois, por mais que nos arrependamos, não podemos voltar atrás. Aprendi também que a verdade é o único caminho possível para quem deseja ter consciência tranqüila. Confesso que, apesar do sofrimento e da vergonha que passei, desnudando-me perante todos, senti-me tranqüila e em paz comigo mesma. Roberto concordou:

- Acredito que todos aprendemos muito com esse episódio: Vera, que não deve usar meios escusos; a professora, que não deve julgar ninguém; os colegas, que aproveitarão a experiência dos outros, adaptando-a às suas próprias vidas e dela tirando ensinamentos úteis. Todos têm algo encoberto, que não desejam venha a público, algo que é preciso retificar, para se alcançar a paz.

Abraçaram-se novamente, e Roberto sugeriu:

- Vamos entrar e contar à sua mãe? Sei que ela tem sofrido muito e certamente ficará satisfeita com nosso reencontro.

Aproximaram-se da porta da cozinha, onde a senhora fazia o almoço. Enlaçando Marina, Roberto informou:

- Dona Helena, segunda-feira Marina retorna às aulas. Vendo, pelo sorriso da filha, que entre eles tudo se esclarecera,

ela levantou as mãos para o Alto:

- Tenho orado muito e agradeço a Deus, que ouviu minhas preces. Felizmente, tudo retornou à normalidade. Roberto, quer almoçar conosco?

Em qualquer circunstância, procure manter o equilíbrio das emoções.

Sentimentos negativos, como o ciúme e a inveja, nos levam ao ressentimento, e pela irreflexão tomamos atitudes impulsivas e

27

desordenadas, emitindo julgamentos precipitados e causando prejuízos a outrem.

Lembre-se: somente a paz interior baseada em sentimentos nobres e pensamentos elevados poderá nos conduzir ao amor e à felicidade que almejamos.

28

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

CAP. 02 – RESPEITO ÁVIDA

Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?

- Há crime sempre que transgredís a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando. (O Livro dos Espíritos - pergunta 358, Allan Kardec.)

O trânsito estava impossível; congestionamentos dificultavam a evasão dos veículos. Nas calçadas, uma multidão frenética se acotovelava, caminhando apressada para rumos diferentes. Àquela hora do dia, as pessoas saíam do serviço e ansiavam voltar logo para casa.

Imersa em seus pensamentos, Tânia andava pelas ruas sem se dar conta do intenso movimento. O sol sumira por trás dos edifícios e começava a escurecer.

Nesse instante, ela ouviu uma freada brusca, enquanto uma buzina soava estridente, bem próxima. Uma voz irritada berrou:

- Ei! Veja por onde anda! Está ficando louca?

Virou-se assustada. Era com ela que o motorista falava. Só então percebeu que o carro freara bem perto dela e por pouco não a atropelara.

29

Nervosa, balbuciou um pedido de desculpas e afastou-se, ouvindo ainda o motorista praguejar em altos brados, enquanto uma enxurrada de buzinas soava vinda da fileira de carros, cujos motoristas, inquietos, aguardavam passagem.

Atravessou a avenida de tráfego intenso com o coração aos saltos. Do outro lado, livre do trânsito, encontrou certa paz numa pequena praça, que, semelhante a um oásis no deserto, acolheu-a. Sentou-se num banco para recuperar o fôlego.

A cabeça dava voltas. Intimamente, sentia-se confusa, assustada, atônita. *Talvez fosse melhor ter sido atropelada mesmo* - pensou, amargurada. Ao mesmo tempo, a voz da consciência segredava-lhe: *Nem pense nisso! Especialmente agora, você tem que se preservar.*

Tânia colocou a cabeça entre as mãos e começou a chorar. Imagens surgiam-lhe na mente, lembrando tudo o que tinha acontecido.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Conhecera Rogério numa lanchonete. Ele era muito atraente. Moreno, alto, cabelos soltos e encaracolados, e ela sentiu-se imediatamente fascinada por ele. O rapaz, igualmente interessado, aproximou-se, oferecendo-lhe uma bebida. Ele tinha papo agradável e sabia como seduzir uma garota. A partir desse momento, estabeleceu-se grande ligação entre ambos.

Tânia, adolescente de dezesseis anos, estatura mediana, era delicada, de traços bem-feitos e olhos amendoados. Embora parecesse ser mais velha, pois tinha corpo sensual e boca adornada de lábios carnudos e vermelhos.

Apaixonaram-se perdidamente um pelo outro e entregaram-se ao amor, sem reservas, com a força e o entusiasmo dos jovens.

Isso acontecera há alguns meses. Ainda, de uns tempos para cá, Tânia vinha tendo estranhas sensações. Sentia-se diferente. Tinha muito sono e acordava com mal-estar e náuseas freqüentes. Em virtude disso, não conseguia se alimentar direito. Para complicar ainda mais a situação, a menstruação não viera e ela estava apavorada.

30

Tenho que falar com Rogério. E se estiver mesmo grávida, como tudo leva a crer, o que será de minha vida? E meus pais, como irão reagir? - ao pensar neles, uma onda de pavor apoderou-se dela.

- Meu Deus! Estou perdida! Meus pais nunca me perdoarão. Fizeram tantos projetos para mim, sonham ver-me ingressando na universidade, diplomando-me num curso superior... o que vou fazer?... - murmurou baixinho.

Nisso, ouviu uma voz empastada próximo de sua cabeça. Ergueu a fronte e deu com um homem bêbado, sujo e maltrapilho, que lhe dizia alguma coisa. Assustada, levantou-se e saiu correndo.

Estava muito escuro. Preocupada com seus problemas, não viu a noite chegar e o céu se encher de estrelas. Apressou o passo. Precisava chegar logo em casa, onde os pais estariam preocupados com sua demora.

Procurou se recompor. Abriu o portão, respirando fundo e enxugando o rosto ainda molhado das lágrimas. Não podia permitir que eles percebessem seu estado.

A televisão estava ligada. Reconheceu a voz do apresentador do telejornal. Em seguida, ouviu a voz da mãe:

- Olá, minha filha! Você demorou hoje.

- Tive um trabalho para fazer, mamãe. Desculpe não ter avisado.

- O lanche está na mesa, filha. Fiz cachorro-quente, que você tanto gosta - informou a mãe com carinho.

Ao ouvir falar em comida, Tânia sentiu-se mal e correu para o banheiro. Ao retornar, desculpou-se:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Mamãe, amanhã eu como o cachorro-quente. Comi alguma coisa na rua, com os colegas, e estou sem fome. vou para meu quarto. Sinto-me exausta. Boa noite, papai! Boa noite, mamãe!

Em seus aposentos, ela ficou rolando na cama sem conseguir conciliar o sono.

Tenho que falar com alguém. Não suporto mais esta tortura. Preciso de conselhos, de ajuda. Sinto-me tão só...

31

Nesse momento, lembrou-se de uma amiga e resolveu: *Amanhã vou contar à Margarida. Creio que ela poderá me ajudar. Pelo menos, seremos duas cabeças a pensar no assunto.*

No dia seguinte, logo que chegou ao colégio, viu a amiga:

- Margarida, preciso falar com você.

- Pode falar, Tânia.

- Não aqui. É assunto sério. Depois da aula.

- Está bem - concordou a outra.

Ao saírem da escola, caminharam juntas. A colega estava impaciente:

- O que você tem para me dizer, Tânia? Estou curiosa! - indagou, aflita.

- Você jura, Margarida, que não conta pra ninguém?

- Juro. Pode confiar em mim!

- Estou encrencada.

- Como assim?

-Acho que estou grávida - disse, abaixando a voz e olhando em torno, com medo de ser ouvida.

A outra arregalou os olhos e abriu a boca:

- Não é possível! Tem certeza?

- Certeza não tenho. Porém, pelos sintomas... Espírito prático, Margarida considerou:

- Bem, se não tem certeza, é preciso procurar saber a verdade.

- Como? Não tenho coragem de ir a um médico.

- Olhe, tem um remédio na farmácia que funciona como um teste. Não se preocupe. Deixe comigo. Quem é o pai?

- Como, quem é o pai? - retrucou Tânia, indignada. - Rogério, é lógico.

- Ah!... Eleja sabe?

- Ainda não.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Melhor assim. Os homens se assustam com facilidade. Vamos confirmar suas suspeitas antes. Agora preciso ir, mas a procuro assim que puder.

32

- Obrigada, Margarida, tinha certeza de que você poderia me ajudar. É sempre tão decidida, sabe o que quer e como fazer para consegui-lo. Tchau!

No final da tarde, Margarida dirigiu-se à casa de Tânia. Discretamente, entregou-lhe um pequeno embrulho:

- Aqui está o remédio. Tome.

Em dúvida, Tânia questionou, preocupada:

- E se eu estiver grávida? Não vai provocar um aborto, vai?

- Deixe de ser boba. É claro que não. Esse comprimido é apenas um teste. Se dentro de alguns dias não vierem suas regras, então não haverá dúvida: está grávida mesmo.

- Bem, seja o que Deus quiser! - exclamou Tânia, esperançosa. Como se suspeitava, as regras não vieram. Passou-se uma

semana, depois outra, e nada. Tânia estava desesperada. Perdia o controle com facilidade, chorava por qualquer coisa. Margarida teve que admitir:

- Creio que você está encrencada mesmo. Tânia agarrava e puxava os cabelos em pânico:

- Quero morrer! Prefiro a morte!...

- Não seja dramática, Tânia! Para tudo há solução. Temos que dar um jeito nisso.

- Que jeito?

- Conheço uma clínica onde ajudam mulheres a se livrarem desses *problemas*.

- Como assim? Fazem abortos?!...

- Se prefere...

- Não posso fazer isso, Margarida. Dizem que é perigoso. E ilegal.

A outra fez um gesto amplo de desalento:

- Então, enfrente a situação.

- Não posso. Meus pais não vão aceitar.

- Bem, você terá que se decidir, amiga! Ou uma coisa ou outra. Não há outra saída!

33

vou pensar.

Pois pense rápido. Não temos muito tempo. E custa caro.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

No dia seguinte, uma colega com quem Tânia nunca tivera grande afinidade aproximou-se dela no intervalo.

- Oi, Tânia, tudo bem?

- Tudo bem.

- Tem certeza? Soube que está com problemas e...

- Problemas?

- É. Margarida me contou. Indignada, Tânia retrucou:

- Não acredito Ela me jurou que nada diria a ninguém. Confiei nela! A quantas pessoas terá contado meu segredo?!...

- Compreendo que esteja zangada. Se Margarida contou a mais alguém, não sei. Quanto a mim, fique tranqüila. Quero apenas ajudá-la.

Tânia olhou para Jane. Parecia que a estava vendo pela primeira vez. Seu aspecto sereno, o olhar firme, o sorriso meigo, transmitiam sinceridade e confiança.

- Obrigada, Jane. Estou mesmo precisando de ajuda. Não sei o que fazer.

- Pois o melhor é enfrentar a situação. Contar logo a verdade, acredite. Surpresa, Tânia retrucou:

- É mesmo? Margarida acha que devo abortar.

- Pois essa é a pior solução, Tânia. Nunca pense numa coisa dessas. É um crime que se comete contra um ser indefeso.

- Verdade? Mas ainda não existe vida!...

- Como não? Desde o momento da concepção, existe vida. Diante da incredulidade da colega, Jane assegurou:

- Creio que você precisa se informar melhor. Amanhã lhe trarei alguns livros que tratam do assunto. Leia-os e, depois, voltaremos a conversar.

34

Alguns dias depois, tornaram a se encontrar na casa de Jane.

- Agradeço os livros que me emprestou, Jane. Agora compreendo melhor o crime que iria cometer contra meu filho. Não posso fazer aborto. Você tem razão. Há uma vida que palpita dentro de mim.

Fez uma pausa e observou:

- Não sabia que você era espírita.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Pois sou, sim. Tornei-me espírita lendo livros como esses, que alguém me emprestou certa vez.

- Eles são muito interessantes e tratam do assunto com grande profundidade e seriedade. Sinto que minha visão se ampliou com essas leituras. Gostaria que me emprestasse outras obras. Quero entender melhor o Espiritismo.

- Sem dúvida. Estou à sua disposição. A propósito, freqüento um grupo de jovens, uma vez por semana, onde trocamos idéias sobre esses e outros assuntos, inclusive o estudo sistemático de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec.

- Gostaria de participar também. Mas, voltando ao meu problema, tenho medo de enfrentar a situação, Jane.

- Não tema. Tenha confiança em Deus, minha amiga. Posso lhe dizer que, muitas vezes, nos surpreendemos. Obstáculos que nos parecem intransponíveis são resolvidos facilmente, quando existe a fé. Você aceita orar comigo?

- Claro.

Jane fez uma prece singela que saiu do fundo do seu coração. Depois, aplicou um passe na amiga. Quando terminou, Tânia estava emocionada e sentindo grande bem-estar e uma paz que não conhecia há tempos.

- Temos que aprender a confiar mais na compreensão das pessoas, amiga.

- Antes, não acreditava nisso. Agora, felizmente, sinto-me mais confiante e tranqüila. Sua oração me fez muito bem. Obrigada, Jane.

- Então agora, vamos à luta. Estarei junto de você, se quiser. Comece falando com sua mãe. Ela é mulher e saberá compreendê-la melhor.

35

Tânia respirou fundo:

- Está bem. vou tentar. E se não der certo?

- Vai dar. Confie. | A futura mãezinha foi para casa. Dona Laura estava arrumando a mesa para o almoço quando ela chegou. Tânia tomou fôlego:

- Mamãe, tem alguns minutos? Preciso falar com você.

- Agora não, filha, estou atrasada com o almoço. Depois.

- É importante, mãe.

- Não dá pra esperar?

- Não. Estou grávida - despejou. Dona Laura parou, fingiu enxugar as mãos no avental:

- Creio que não ouvi direito.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Ouviu sim, mamãe. Estou grávida. Sei que será um choque para vocês, como foi para mim. Estou apavorada...

E começou a soluçar.

A mãe aproximou-se, atônita. Abraçou a filha em silêncio, tentando digerir a notícia.

- Mamãe, papai vai me expulsar de casa?

com os olhos rasos de pranto, Laura fitou a filha, que lhe parecia tão indefesa, ali encolhida em seus braços.

- Claro que não, querida! Ele ficará tão surpreso quanto eu, mas compreenderá, tenho certeza.

Laura esqueceu-se do almoço. Desligou as bocas do fogão e levou a filha para um sofá, onde ficaram conversando.

- O pai da criança já sabe?

- Ainda não. Vou contar ao Rogério hoje mesmo. Nós nos amamos, mamãe. Acho que não haverá problema.

- De qualquer forma, minha filha, estou feliz. Uma criança irá alegrar nossa casa.

Tânia abraçou a mãe. Ambas estavam comovidas.

- Mamãe, agradeço sua compreensão. Não esperava. Tive tanto medo, sofri tanto até resolver lhe contar...

- Os pais querem o melhor para seus filhos, Tânia, e serão sempre seus melhores amigos.

36

- Agora entendo isso, mamãe.

Tânia contou à mãe os conselhos de Jane, deixando de falar sobre Margarida, que quase colocara tudo a perder. Estava aliviada. Jane tinha razão. Nada como falar a verdade.

Mais tarde, Tânia telefonou para Rogério marcando um encontro. Arrumou-se cuidadosamente. Seria uma noite especial. Às oito horas da noite, ele chegou e em seguida saíram.

Rogério parou o carro numa rua menos movimentada e abraçou Tânia com paixão.

- Calma, Rogério! Precisamos conversar.

- Depois...

- Não! Agora!

- Está bem. Do que se trata? - perguntou ele, impaciente.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Você me ama?
- Que pergunta é essa agora? Claro que amo!
- O suficiente para se casar comigo?
- Casar?... - perguntou ele, arregalando os olhos, assustado. - Casar? Por que isso agora?
- Porque estou esperando um filho seu, Rogério.

. O rapaz fez silêncio por alguns segundos. Depois, tornou, receoso:

- Está grávida?
- Estou.
- Tem certeza? , - Tenho.
- De quantos meses?
- Pouco mais de dois.

Ele permaneceu calado, tenso, olhando fixamente para um ponto qualquer à frente. Tânia murmurou:

- Você não me ama.
- Não é isso. . - É, sim.
- Compreenda, Tânia. Estou surpreso, confuso. Essa notícia pegou-me desprevenido. Sou muito novo para tomar decisões, para me comprometer, entende? Só tenho vinte anos!

37

- Entendo. Leve-me para casa - disse ela, considerando mentalmente que era ainda bem mais nova do que ele e teria que enfrentar essa barra da maternidade sozinha.

O rapaz dirigiu em silêncio, pensativo. Antes que Tânia descesse do carro, sugeriu:

- Por que não faz um aborto? Olhe, é o melhor que temos a fazer, e tenho certeza de que meus pais pagarão tudo, não se preocupe. Você compreende, não posso me casar agora. Preciso concluir o curso. Depois, poderemos ter quantos filhos quiser.

Tânia sorriu melancolicamente:

- Compreendo. Infelizmente, aborto está fora de cogitação. Margarida também já havia sugerido essa saída.
- Está vendo? Ela mostra que é uma garota sensata.
- Creio que vocês se merecem. Pensam da mesma forma. Para mim, não serve. Adeus, Rogério.

com um aperto no coração, desceu do carro e viu-o afastar-se. Ela o amava e sentia como se um pedaço dela tivesse sido arrancado. Porém, em momento algum se arrependeu da decisão que tomara.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

O pai já estava sabendo de tudo. Quando ela entrou em casa, ele se aproximou e a abraçou, carinhoso. Nos fortes braços paternos, deixou que as lágrimas corressem livremente pelo rosto. Aproveitou para contar aos pais a posição de Rogério, recebendo deles apoio incondicional.

' - Não tem importância, minha filha. Você tem a nós e isso basta. Você nunca seria feliz se ele aceitasse casar-se por obrigação. É melhor assim - tranqüilizou-a o pai.

Os meses se passaram. Entre as visitas ao médico, os cuidados com a saúde e os preparativos para a chegada do bebê, Tânia nem viu o tempo passar. Deixou de freqüentar a escola e, como quase não saía de casa, nunca mais viu Rogério.

Na época prevista, o bebê nasceu. Era um lindo menino, e Tânia deu-lhe o nome de Pedro. Ao receber o filho nos braços pela

38

primeira vez, a mãezinha sentiu-se gratificada, com a certeza de que fizera o melhor.

O recém-nascido tornou-se o centro das atenções e a alegria da casa.

Certo dia, a campainha tocou. Era Rogério. Constrangido, explicou:

- Dona Laura, sei que não mereço, mas gostaria que a senhora me permitisse ver Tânia e conhecer o bebê.

- Entre, Rogério. Sente-se. Mãe e filho estão no quarto. vou ver se Tânia pode recebê-lo agora.

Voltou pouco depois:

- Venha. Ela o espera.

Meio sem jeito, Rogério entrou no quarto. Imediatamente foi envolvido pelo ambiente. Era o quarto de Tânia, que fora decorado para receber o bebê. Em tons de azul, amarelo e branco, o aposento recebia os raios de sol naquela hora e tudo era alegre e aconchegante, cheio de brinquedos e bichinhos de pelúcia. Um cheirinho bom de nenê invadiu seu olfato.

Tânia, mais linda do que nunca, acabava de dar banho na criança. Agindo com naturalidade, convidou:

- Entre, Rogério. Fique à vontade.

- Obrigado, Tânia. Como está?

- Muito bem, como pode ver.

Ela acabou de vestir o bebê e, pegando-o no colo, apresentou:

- Este é Pedro.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Rogério olhou a criança e uma onda de emoção o dominou:

- É lindo. Parece com a mãe.

Tânia corou de prazer e sentou-se numa poltrona, enquanto Rogério acomodava-se em outra cadeira. com naturalidade, ela ofereceu o seio ao bebê, que o agarrou com sofreguidão. Rogério gostaria de ficar ali indefinidamente, mas não desejava impor sua presença.

- Tânia, preciso ir agora. Sou-lhe grato por ter-me deixado ver meu filho depois de tudo o que lhe fiz. Gostaria que me permitisse arcar com as despesas do garoto. Afinal, é meu filho

39

-Não há necessidade, Rogério. Aqui ele tem tudo de que precisa.

- Claro. Entendo. Está bem, se assim prefere. Antes de sair, titubeou, parando no limiar da porta:

- Posso voltar outras vezes? - suplicou.

- Naturalmente. Sempre que quiser.

O sorriso com que ele devolveu a gentileza falava da alegria que estava sentindo.

Rogério retornou outras vezes àquela casa. Os laços entre ele e Pedro foram se estreitando cada vez mais. Saíam juntos, passeavam. Pedro tinha apenas seis meses, mas se alegrava com a chegada do pai.

Um dia, Rogério sugeriu:

- Tânia, que acha de nos casarmos?

- Casar?!... Mas você é muito novo, ainda não concluiu o curso e...

- Perdoe-me pelas palavras irrefletidas que lhe disse. Naquela época, realmente não estava preparado para assumir responsabilidades. Hoje, porém, tudo é diferente. Pedro mudou minha vida. Minha cabeça mudou. Sinto-me pai e responsável.

- Sei disso. Tenho acompanhado as mudanças que se operaram em você durante esse tempo.

- Confesso que você também me surpreendeu, Tânia. Assumi seu papel de mãe com competência e seriedade. E ainda é adolescente.

- Agora tenho quase dezoito anos.

- É verdade. Além disso, desde que nos separamos, senti muito sua falta. Não sabe o que sofri. Nunca deixei de amá-la e agora a amo mais do que nunca. Por favor, me dê essa oportunidade!

Ela respirou fundo. Sentia-se satisfeita e aliviada:

- Não vai se arrepender? Se a qualquer momento quiser voltar atrás...

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Não! É o que quero, sim! Se algo tenho de me arrepender, é de ter sugerido que você fizesse aborto. Quando olho para nosso filho, sinto remorso. Graças a Deus, você não aceitou minha sugestão.

40

- Está bem, Rogério. Vamos tentar, se é o que realmente deseja. Trocaram um longo olhar, em que estava implícito o amor que

sentiam um pelo outro. Abraçaram-se, sentindo que a tempestade passara e que uma nova era começava como prenúncio de paz e de felicidade.

Pedro, que engatinhava no tapete, aproximou-se deles. Tânia o pegou no colo e lhe disse com ternura:

- Agora seremos realmente uma família, meu filho. Unidos num mesmo abraço, deixaram que a emoção tomasse

conta de seus corações. Sentiam-se preparados para uma vida em comum. Sabiam que a felicidade dependeria deles e que, exercitando a compreensão, a boa vontade e o amor, teriam grandes chances de êxito.

A responsabilidade perante os próprios atos é uma característica dos seres que, atingindo certo grau de evolução, já sentem o despertar da consciência e, no exercício do livre-arbítrio que lhe foi concedido pelo Criador, ficam submetidos à lei de causa e efeito.

Assim, jamais fuja ao cumprimento do dever, porquanto, se o fizer, a lei interior que vige em você não lhe dará paz.

Enfrente a consequência de seus atos e terá a consciência tranqüila.

Seja o que for que você tenha feito, confie em Deus.

41

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

CAP. 03 – AUTO-AFIRMAÇÃO

Poderia sempre o homem, pelos seus esforços, vencer as suas más inclinações? - Sim, e, freqüentemente, fazendo esforços muito insignificantes. O que lhe falta é a vontade. Ah! quão poucos dentre vós fazem esforços! (O Livro dos Espíritos - pergunta 909, AUan Kardec.)

No chão ressequido, uma fileira de operosas formigas transitava a caminho do formigueiro. Enquanto umas iam, outras retornavam, transportando folhas verdes, migalhas de pão e pedaços de um doce que alguém deixou cair. Renato, porém, mantinha o olhar fixo no solo, completamente alheio ao que estava acontecendo sob suas vistas.

Aquela hora da manhã, um sol morno espalhava-se ao redor, aquecendo todas as coisas e trazendo esperança nova de vida. A friagem da noite e o sereno que caíra na madrugada haviam ficado para trás, substituídos por uma aconchegante sensação de calor e bem-estar.

Renato levantou a cabeça, deixando que os raios de sol lhe banhassem o rosto. Sentia estranha sensação de alívio e de paz.

Naquele momento, recordou-se do dia em que conhecera Laerte. Era um rapaz mais velho, vivido, experiente, e que, aonde chegava,

42

era bem recebido. Alegre, extrovertido, sabia contar histórias engraçadas e picantes, provocando risadas e mudando o ambiente. Renato simpatizara imediatamente com ele. Ficou orgulhoso ao perceber-se alvo das atenções de Laerte. Afinal, era um menino de quatorze anos, de voz indefinida, magro e alto demais para a idade, desajeitado, tímido e inseguro. Natural que se sentisse valorizado com as atenções que o outro lhe dispensava.

Tornaram-se amigos. Encontravam-se vez por outra na lanchonete. Nunca conseguira entender muito bem o que Laerte fazia. Não era aluno da escola, tampouco cursava a universidade local. Quando Renato perguntava qual a atividade a que ele se dedicava, Laerte dizia que trabalhava por conta própria, mediante serviço de entregas. Desconversava, e Renato continuava na mesma.

Alguns dias depois, já amigos, Laerte ofereceu um cigarro para Renato.

- Obrigado. Não fumo.

- Ora, que bobagem! Pegue um! Vai gostar. E depois, as mulheres gostam de homens que fumam. Acham elegante. Como quer conquistar uma gatinha se age ainda como criança? Tem que demonstrar que é homem, que sabe o que quer.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Renato deixou-se convencer. Confiava plenamente no novo amigo e achou que ele tinha razão. Sim, tinha que se impor, aprender a ser homem.

Tirou a primeira baforada e a cabeça rodou. Sentiu-se mal. Laerte ironizou e todos deram risada.

- Não vai me dizer que esse cigarro é forte demais para você! Renato sorriu constrangido e continuou. Não podia demonstrar

fraqueza perante Laerte e seus amigos.

A partir desse dia, tornou-se um fumante inveterado. O cigarro lhe dava sensações que nunca tivera antes. Fazia-o sentir-se corajoso, forte, seguro de si mesmo e alegre. Verdade é que essas sensações duravam pouco tempo. Depois, vinha a depressão, e sentia necessidade de fumar de novo, para manter o *alto astral*.

43

com o transcorrer dos dias, aquilo que era uma gentileza passou a ser necessidade. Laerte começou a cobrar, afirmando sorridente:

- A partir de agora, você vai ter que comprar seus cigarros, amigo. Vê lá se posso manter vício alheio. Custa caro, ó meu!

Renato passou então a comprar o fumo. A essa altura, tinha percebido que não se tratava de cigarros normais. Eram de maconha. Notou também que eram viciados como ele os jovens que recebiam Laerte com tanta satisfação.

Em casa, enfrentava a maior dificuldade. Era obrigado a dar desculpas a toda hora, a esconder os cigarros, a mascar chicletes para que seus pais não percebessem o cheiro característico da maconha, bastante desagradável.

Denise, uma menina bonita e simpática, que se mostrava interessada nele, e por quem Renato também se sentia atraído, disse-lhe um dia:

- O que está acontecendo, Renato? Você está tão diferente!

- Não está acontecendo nada, Denise.

- Você age de forma estranha, afastou-se de nós, dos amigos e colegas da classe. Está sempre em companhia daquele cara e sua turma...

- Laerte? Ele é muito legal, Denise. Venha comigo, vou apresentá-la a ele.

- De jeito nenhum! Pelo que ouvi dizer, ele é péssima companhia.

- Ora, Denise, isso é inveja.

-- Pode ser. A verdade, porém, é que sua mãe também está muito preocupada com você. Também o nota estranho, desatento e diz que você não estuda mais.

Parou de falar, olhando-o fixamente.

- Acha que ela pensa assim por inveja?

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Renato baixou a cabeça e calou-se. Não sabia o que dizer. Despediram-se. No fundo, ele sabia que sua mãe e Denise tinham razão, porém já não podia voltar atrás.

Certo dia, Laerte lhe ofereceu uma substância diferente. Renato, agora mais esperto, percebeu que era cocaína.

44

Tinham-se encontrado numa lanchonete que Laerte e sua turma gostavam de freqüentar. Havia um lugar reservado, onde, a salvo de olhares indiscretos, sentiam-se mais à vontade. Quando Renato entrou, alguns rapazes estavam inclinados sobre a mesa. Viu um pó branco, semelhante ao açúcar, disposto em carreirinha, que alguém inalava, utilizando-se de um tubo vazio de caneta esferográfica. Laerte convidou:

- Quer experimentar, Renato? Mas, isso aqui é coisa de homem!

Renato teve desejo de voltar atrás, ir embora, desaparecer. Porém, a curiosidade foi maior. Inalou um pouco daquela substância e sentiu-se transportado a um mundo diferente. Viajou pelo tempo e pelo espaço, experimentando sensações indescritíveis.

com o decorrer dos dias, passou a ter urgência da droga. Não podia suportar a vida sem ela. Tornara-se um dependente.

Sua existência mudou de forma radical. Não conseguia mais estudar, nem se interessar por nada. Foi caindo até atingir o máximo da abjeção: começou a roubar tudo o que tinha em casa para manter o vício. A princípio, pegava pertences seus, relógios, roupas, calçados, aparelho de som, CDs, e os vendia. Depois, quando estava *liso*, começou a levar objetos da casa: vasos, telas, cristais, aparelhos eletrodomésticos e o que fosse passível de comercialização, inclusive as jóias da sua mãe.

Os seus pais estavam preocupados; mais que isso, desesperados. Agora já não ignoravam o que estava acontecendo. Tinham consciência do problema do filho, insistiam para levá-lo ao médico ou a um psicólogo, mas Renato reagia. Não aceitava tratamento. Sugeriram uma desintoxicação em hospital especializado - nada. Grupos de apoio existentes na sociedade - nada. Renato dizia sentir-se bem assim, não queria deixar o uso da droga. Quando quisesse, largaria, afirmava convicto.

Denise, que realmente o amava e não suportava vê-lo naquele caminho de autodestruição, insistia:

- Renato, participo de um grupo de jovens num centro espírita e tenho certeza de que você se sentiria bem lá. Venha comigo!

45

Aprenderia coisas importantes e que mudariam sua maneira de ver a vida.

Ele agradecia, gentil, porém algo irritado:

- Talvez algum dia, Denise. Agora não posso.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

As coisas caminhavam de mal a pior quando, certa ocasião, Laerte e seus *discípulos* reuniram-se na lanchonete costumeira. Estavam todos animados para *viajar*. Repartiam a droga, cada um fazendo uso dela a seu tempo. Uma das garotas, Marlene, muito *fissurada*, exagerou na dose da *cafungada* e começou a passar mal. A confusão se estabeleceu. Todos falavam ao mesmo tempo. Laerte, quando viu a situação ficar preta, escapuliu pelos fundos, gritando para um companheiro que estava sempre junto dele:

- Chiii! Pintou sujeira na área! Hora de sumir, cara!

O dono do estabelecimento, ao perceber o barulho, foi ver o que estava acontecendo. Chegou na porta e se assustou.

- Levem essa mulher para fora daqui, rápido!

- Mas ela está passando mal. Precisa de um médico! - informou alguém, aflito.

- Não me interessa! Fora daqui, rápido! Apolícia vem aí! Não posso me comprometer!

Os que estavam em melhores condições carregaram a moça. Quando chegaram à calçada, perceberam que ela acabara de morrer.

- E agora, o que vamos fazer? - perguntou alguém.

- Se a polícia nos pega, estamos encrencados - disse outro.

- Vamos levá-la para aquele beco, ali adiante. Arrastaram a moça até o local, escuro e abandonado, deixando-a

entre latas de lixo. Depois, como ratos assustados, cada um pegou um rumo diferente, desaparecendo de vista.

Em estado de choque, Renato viu tudo isso sem conseguir articular palavra. Ficou parado até ouvir a sirene da polícia, que se aproximava. Seu instinto de defesa fez com que virasse na primeira esquina, caminhando apressado, sem saber para onde ir. Queria afastar-se o mais rápido possível daquele lugar horroroso.

46

Caminhou muito, sem parar. Depois de horas, sentou-se numa praça para descansar. Estava exausto. Tudo lhe parecia um pesadelo. Um terrível pesadelo. Queria acordar e ver que tudo fora um sonho, que aqueles acontecimentos da noite não existiram, que aqueles meses estavam apenas em sua imaginação.

Todavia, a consciência lhe afirmava que tudo era real. Que era responsável também, juntamente com os outros, por tudo o que acontecera.

Marlene era tão jovem! Uma adolescente, como ele! Ainda não completara dezessete anos e estava morta. Aquela menina bonita, de olhos grandes e longas pestanas, de sorriso encantador, nariz arrebitado e boca rosada, estava morta. Ela lhe contara, certa ocasião, que tinha problemas de relacionamento com os pais e, por isso, preferia ficar fora de casa. Que era filha de pais separados e não aceitava essa situação.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Mas eu não tenho problemas de relacionamento com meus pais, nem eles são divorciados! Por que é que entrei nessa? - pensava Renato.

A emoção afinal transbordou, e ele começou a chorar. A princípio, um choro desesperado, convulsivo. Depois, lágrimas que lhe caíam mansamente pelo rosto, lavando-lhe a alma.

Fez um retrospecto de toda a sua vida. Tudo lhe fora favorável: tinha o amor dos pais, dava-se muito bem com os irmãos, sempre fora bom aluno na escola. Dificuldade nenhuma lhe entravara a vida. A não ser sua tremenda insegurança, necessidade de auto-afirmação, e o encontro com Laerte...

Revendo o passado, lembrou que nunca lhe faltaram admoestações e avisos para que retomasse o caminho do dever. Quando se lembrou dos pais é que se deu conta do quanto eles estariam sofrendo esse tempo todo. O semblante de Denise surgiu em sua tela da memória. Ela realmente deveria amá-lo muito, porque

47

sempre procurou ajudá-lo. Ele é que não aceitava, não queria nenhum tipo de ajuda.

Nesse momento, percebeu que a noite passara e que as trevas iam sendo substituídas por um novo dia. Branda claridade espalhou-se pelo céu, enquanto as estrelas desapareciam aos poucos do firmamento.

Renato dava-se conta agora que sentia frio, embora já o atingissem os primeiros raios de sol, que começavam a aquecer-lhe o corpo e o íntimo.

Queria mudar de vida. Estava decidido. Como aquele novo dia que expulsara a noite, como prenúncio de oportunidade nova, também ele queria mudar. Sentia saudade da vida que levava antes, dos hábitos singelos, dos prazeres infantis. Queria reconquistar o respeito de todos, o amor da família e o carinho de Denise. Compreendia agora como era falsa e ilusória a popularidade de Laerte. Ele era disputado apenas por aqueles infelizes que, como ele, haviam-se tornado dependentes das drogas. Ao vê-lo fugir com o inseparável amigo, deixando os demais ali, no meio de uma tremenda confusão, concluiu como Laerte era covarde, insensível e egoísta. Utilizara-se deles para ganhar dinheiro e agora os abandonava. Um imenso sentimento de desprezo por Laerte o dominava.

Não queria ser alguém como ele. Não era isso o que desejava para sua vida. Levantou-se do banco, tomando o rumo de casa.

Ao chegar, os pais estavam preocupadíssimos, bem como Denise, que também ali estava. A mãe aproximou-se, ansiosa, mas aliviada:

- Meu filho, onde você esteve? Passou a noite toda fora de casa! Lá pelas cinco horas da manhã, telefonaram avisando que a Marlene tinha sido encontrada morta... não sabíamos o que pensar. Graças a Deus você está bem.

Renato ouviu tudo em silêncio. Quando a mãe terminou de falar, ele disse:

- Mamãe! Papai! Quero fazer aquele tratamento que me sugeriram.

48

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Em lágrimas de emoção, a mãe perguntou:

- Tem certeza, meu filho? Não será fácil, você sabe.
- Nunca estive tão certo de alguma coisa, mãe. Sei que vai ser difícil, mas quero tentar. Também tenho uma longa... longa história para contar.

Denise sorriu entre as lágrimas:

- Você vai conseguir, Renato. Todos o ajudaremos.
- A propósito, Denise, quando sair da clínica, quero ir com você àquele grupo de jovens do qual me falou. Está combinado?

Denise correu e o abraçou com ternura.

- Combinado. Tudo vai dar certo. com o amparo de Deus, nada devemos temer.

Se você está em crise, atravessando problemas difíceis ou passando por grandes aflições, lembre-se de que o dom maior que possuímos é a VIDA, bênção divina que devemos preservar.

Tudo pode ser modificado. Nada é definitivo. Nenhum problema é insolúvel.

Pense nisso.

49

CAP. 04 – O PRECONCEITO

Bem-aventurados os que são misericordiosos,
porque obterão misericórdia. (Mateus, 5:7.)

Carlos acordou bem-disposto e cheio de energia. Lembrou-se da noite anterior. Tinha ido a uma festa e se divertido a valer. Sorriu na penumbra do quarto. Que estudar, que nada! Gostava mesmo era dos prazeres que a vida lhe reservara. Bem recebido em todos os lugares - afinal, era filho de um grande fabricante de autopeças -, a existência lhe corria fácil e risonha. com todas as condições para viver bem, não lhe faltava dinheiro e choviam garotas e amigos.

Naquele dia havia uma razão maior para estar satisfeito. Aproximava-se a data do seu aniversário e daria uma grande festa. Os olhos brilharam ao pensar no presente que ganharia do pai: um carro novinho, possante e incrementado.

Alguém bateu na porta, delicadamente, depois entrou. Era a empregada.

- Cadinhos, hora de levantar!
- Ah... por quê? Não quero ir à escola, Irene.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Não discuta. Resolva isso com seus pais. Está atrasado. Levante-se. E, sem atender às reclamações do rapaz, a criada foi abrindo as cortinas e a veneziana. O sol inundou o quarto, fazendo com que o dorminhoco levasse as mãos aos olhos ante a claridade excessiva.

50

Depois, deixando o aposento, ela informou:

- Você tem dez minutos para se arrumar e descer. Seus pais já estão sentados à mesa para o café.

O rapaz levantou-se a contragosto. Não tinha a menor vontade de ir à escola, mas temia o pai, que sabia exigente e inflexível.

Dez minutos depois, ei-lo que chega à copa, cumprimentando o casal:

- bom dia!

Notou que o pai estava mais carrancudo do que o normal e parecia preocupado. A mãe, de cabeça baixa, tomava uma xícara de café com leite.

- Papai, tenho uma porção de coisas para fazer e... enfim, posso faltar às aulas? Só hoje!

Naquele momento, ocupando-se em cortar um pedaço de mamão para levá-lo à boca, o industrial respondeu firme, sem levantar a cabeça do prato:

- Não. Arranje outro horário para fazer essas coisas. Talvez, se dormir um pouco menos, encontre tempo...

- Mas papai...

- Meu filho, você parece ignorar como o estudo é importante.

- Essa é boa! Por que me obriga a freqüentar a escola? O senhor não estudou, papai, e, no entanto, ficou milionário! com tanto dinheiro que o senhor conseguiu juntar, não vou precisar trabalhar. Por que, então, estudar tanto, fazer um curso superior? Quero viver, papai!...

Pela primeira vez, levantando a cabeça, o industrial olhou o filho e ponderou, grave:

- Se pelo menos se interessasse pela fábrica, eu poderia acreditar na sua boa vontade e você talvez até tivesse sucesso. É um rapaz vivo, inteligente, sagaz. Contudo, você não gosta de trabalhar, meu filho. Jamais aparece na fábrica, nem sequer sabe como vão os negócios e nunca se preocupou em saber de onde vem o dinheiro que gasta tão prodigamente.

- Mas tem dinheiro, não tem? - retrucou Carlos, sorrindo ironicamente.

51

O pai não respondeu, limitando-se a ordenar:

- Vá para o colégio. Está atrasado.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Carlinhos levantou-se irritado. Não conseguir convencer o pai sempre o deixava descontente.

A caminho da escola, experimentava uma sensação diferente, inquietante. Algo na conversa com o pai o deixara intrigado, talvez fosse a expressão dos olhos dele. Sentia que alguma coisa grave estava acontecendo, mas não atinava com o quê. A mãe permanecera estranhamente calada e isso não era usual. Por quê? Por quê?

Todavia, ao chegar ao colégio e rever os colegas esqueceu-se por completo da conversa com o pai e das ponderações deste. A certa altura, quando já estavam todos reunidos na classe, aproveitando que a professora ainda não tinha chegado, anunciou com

satisfação:

- Atenção! Sábado à noite darei uma festa em casa para comemorar meu "niver". Todos estão convidados.

Espraiou o olhar pela sala, onde os jovens, sorridentes, agradeciam o convite. Nisso, deparou-se com uma moça e um rapaz, irmãos, que se sentavam nas carteiras ao fundo da classe. com expressão de desprezo e desconsideração, avisou:

- Todos estão convidados, menos aqueles dois.

- Por que, Carlinhos? - perguntou alguém, perplexo. Lançando um olhar arrogante, em que deixava claro o seu

preconceito, respondeu:

- Porque não recebo negros em minha casa.

Um silêncio constrangedor se fez na sala. Os colegas se calaram, surpresos com a atitude de Carlos e se viraram para os irmãos. Bruna e Lauro ficaram de pé, estáticos. Ela, que empalidecera ante as palavras duras de Carlos, apertou discretamente a mão do irmão, ao notar-lhe o impulso de reagir à ofensa. Lauro se conteve, engolindo em seco. E os irmãos baixaram a cabeça e se sentaram, humilhados.

Ninguém mais tocou no assunto. Ambos eram bastante estimados por todos. Joviais, simpáticos e prestativos, haviam conquistado a

52

simpatia dos colegas desde que o pai, gerente de uma agência bancária, havia sido transferido para a cidade e eles vieram estudar no colégio. Faziam parte de uma família bem constituída, moravam confortavelmente, vestiam-se bem. Eram mulatos, fato a que ninguém dava importância. Por tudo isso, os alunos estranharam a atitude de Carlos.

Na saída da escola, queriam conversar com os irmãos, falar do absurdo da reação preconceituosa e racista do colega, porém temiam a reação de Carlos, a quem respeitavam pelo poder do dinheiro.

Carlinhos, esse então, nem se deu conta do comportamento deplorável que tivera. Continuava alegre e falante como sempre.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Ao retornar para casa, percebeu que o clima estava ainda pior. Seu pai fechara-se no escritório e a mãe, chorosa, sentara-se num canto da sala.

- O que houve, mamãe? Vocês brigaram? - Essa foi a primeira idéia que lhe veio à cabeça, lembrando os constantes desentendimentos do casal.

- Não, meu filho.

- Então, o que está acontecendo?

- Não sei bem. Problemas na fábrica. Seu pai lhe explicará tudo.

Sentindo de volta aquela sensação de medo, de angústia, Carlos foi procurar o pai. Entrou no escritório e o encontrou, no meio de um monte de papéis, segurando a cabeça com as mãos.

- Papai... me conte o que está acontecendo. Preciso saber.

- Você saberá, meu filho. Mesmo porque, não há saída.

- Fale, meu pai, por favor, não me deixe nesta agonia. Levantando a cabeça, o industrial, com os olhos lacrimejantes, fitou o rapaz:

- Carlos, meu filho, tudo está perdido. Estamos na miséria.

- Como assim, papai? Não pode ser! O senhor tem muito dinheiro, conseguiu juntar muitos bens... não é possível.

53

- A verdade é que a bomba estourou, meu filho. Consegui conter meus credores até ontem. Hoje, é a falência.

- Por quê? Por quê?

Enchendo-se de coragem, o industrial achou que era hora de contar tudo ao filho:

- Há algum tempo, estamos tendo problemas. Trabalho em grande parte com material importado. O câmbio, desvalorizando a nossa moeda, causou-me prejuízos de monta. Precisei obter recursos nos bancos, mas os juros altos foram comendo nosso capital. Investi na Bolsa de Valores, a conselho de um amigo, e esse foi o golpe de misericórdia. Perdi tudo. Vendi bens, tentei negociar, mas o rombo era muito grande. Sem contar nossos gastos, que são excessivos, e... enfim, não temos mais nada.

- Mas... esta casa deve valer uma fortuna, meu pai!

- Tudo que nós temos está hipotecado, meu filho. Inclusive esta casa.

Desabando sobre uma poltrona, o rapaz ainda murmurou:

- Tem que haver uma saída!

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Não há, meu filho. Já tentei de tudo. Lamento.

- O senhor tem tantos amigos cheios de grana! Algum deles não poderia emprestar-lhe a importância de que precisa para sair

desse sufoco?

com sorriso melancólico, o pai considerou:

- Quando estamos em queda livre, meu filho, os amigos desaparecem. Não. Nenhum deles quis ajudar-me.

Carlos sentia como se o mundo estivesse ruindo sobre sua cabeça. No meio dos escombros em que se transformava sua vida, conseguiu lembrar-se apenas dos seus problemas: da festa, marcada para o final de semana; do carro novo que o pai encomendara na concessionária, que chegaria a qualquer momento, e que ele curtia tanto. Tudo perdido. Como bolhas de sabão que se desvanecem no ar, suas esperanças também se dissolviam.

- Quando teremos que deixar nossa casa?

- Temos alguns dias ainda até que as providências legais

sejam tomadas.

54

O rapaz fez meia-volta e deixou a sala, sem uma palavra de conforto para o pai, que ele jamais vira tão desesperado. Considerava-o culpado de tudo. Fora mau administrador e não soubera gerir os bens que pertenciam à família.

Na manhã seguinte, de cabeça erguida, Carlos foi para a escola. O pai queria que continuassem a vida como se nada estivesse acontecendo. O rapaz inventou uma desculpa para os colegas e desmarcou a festa.

No final da aula, estava entrando no seu carro quando se aproximou dele um senhor baixinho e magrelo, que o interpelou:

- Carlos da Rocha Júnior?

- Sim.

- Tenho ordens para apreender o seu carro.

- Como assim?

O homenzinho apresentou-lhe um documento, que ele nem conseguiu ler direito tal era o mal-estar que sentia. O estranho falou, explicou, gesticulou. Depois concluiu:

- Então, queira me perdoar. Entregue-me as chaves, por favor. Carlos percebeu que não adiantava discutir. Como um autômato,

entregou as chaves do carro e o homem deu a partida, afastando-se. O rapaz, envergonhado, olhou em torno. Notou que os colegas, surpresos, haviam presenciado a cena. Inclusive os irmãos, Bruna e Lauro.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

com raiva, ele pensou que ambos deveriam estar adorando vê-lo passar por essa humilhação.

- O mecânico veio buscar meu carro para consertar - disse ele, justificando-se, com a nítida impressão de que não os convencera.

Chegando em casa, encontrou umas pessoas estranhas examinando tudo, relacionando objetos de decoração, quadros, móveis e aparelhos.

- O que está acontecendo? - indagou, assustado.

- Esses senhores estão listando tudo que temos dentro de casa e que agora não nos pertence mais - respondeu a mãe polidamente, tentando manter-se firme.

55

- Mas eles não podem fazer isso! É um abuso! Ir entrando aqui sem mais nem menos...

- Podem sim, meu filho.

Percebendo que não adiantava reagir, o rapaz perguntou:

- E nós, mamãe, para onde iremos?

- Temos a casinha que era do seu avô e que está desocupada

- Mas está localizada num bairro popular e fica tão longe!...»

- Pois é o que nos resta. Apesar de tê-la recebido por herança, felizmente ainda está em nome do meu pai, e não será arrolada. Agradeça a Deus por não ficarmos na rua, meu filho.

Na manhã seguinte, ao chegar ao colégio, Carlos encontrou um clima completamente alterado. Os alunos formavam grupinhos e cochichavam. Muitos riam, tecendo comentários. Ao passar por um deles, ouviu:

- Bem feito! Orgulhoso do jeito que é, com essa empáfia, vai ver o que é bom!

Não teve dúvidas de que falavam dele. Certamente a notícia já se espalhara. Estava na miséria e todos estavam sabendo. Menos mal. Agora, era só enfrentar a situação. Tinha muitos amigos e, mais do que nunca, precisava de apoio.

Chegou perto de alguns rapazes e moças, tentando manter o mesmo sorriso de sempre.

- Olá, pessoal!

Os colegas olharam para ele, constrangidos, mudaram de conversa e, aos poucos, foram-se afastando. Tentou aproximar-se de outro grupinho, todavia a reação foi a mesma. Amargurado, reagiu:

- Ei, pessoal, o que está acontecendo? Eu sou o Carlinhos, lembram-se? Sou o mesmo! Minha família está atravessando alguns problemas, mas continuo sendo o mesmo amigo de vocês. Nada mudou!

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

com ar indiferente, um dos rapazes retrucou:

- Mudou sim! Você agora é como um de nós, não tem mais o poder do dinheiro e não poderá mais nos tratar como antes: como

56

se fôssemos seus empregados. Além disso, muitos colegas nossos foram atingidos, pois suas famílias tinham negócios com o salafório do seu pai. Inclusive a minha. Então, se manca e dá o fora, cara!

Carlos afastou-se atingido nas fibras mais profundas. Começava a ter contato com a realidade da vida.

Saiu da escola e se pôs a caminhar sem destino. Não sabia para onde ir, nem o que fazer. Não queria voltar para casa, onde a situação era caótica.

Assim, vagou por um bom tempo. Até que, cansado, sentou-se no meio-fio. Não agüentava dar nem mais um passo. Entregue a si mesmo, ali permaneceu por horas, sem noção do tempo.

De repente, sentiu mão delicada em seu ombro. Virou-se e, diante dele, estava Bruna. No primeiro momento, temeu que a garota aproveitasse a situação para humilhá-lo, como outros tinham feito. Ela e o irmão, pelo menos, tinham razões de sobra para isso. Ao contrário do que esperava, porém, Bruna lhe falava com respeito e delicadeza. A voz era doce e de timbre agradável.

- Carlos, está bem? Não pode ficar sentado aí, desse jeito. Notando, pela entonação da voz, que havia uma real preocupação, ele respondeu num sussurro:

- Não quero ir para casa. Não tenho para onde ir. Postado um pouco atrás, ouvindo o diálogo, Lauro sugeriu:

- Então, venha conosco.

Carlos olhou para o rapaz, sem entender direito:

- Fala sério?

- Claro! Venha. Almoçará conosco e, depois, resolverá o que fazer.

- Por que está fazendo isso? - perguntou, intrigado.

- Porque você é nosso colega e, sobretudo, um ser humano. E então?

- Está bem. Aceito.

- Então vamos. Nossa casa é aqui perto e meus pais terão prazer em recebê-lo.

57

Carlos acompanhou-os calado. Não tinha coragem de expressar o que estava pensando. Justamente eles, a quem desprezara pela cor, mostravam-se tão gentis. Realmente, não conseguia entender.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Chegando à casa dos irmãos, Carlos ficou agradavelmente surpreendido. A construção era simples, mas confortável e de bom gosto. Na frente, um jardim bem cuidado e cheio de flores. Entraram.

Em ambiente acolhedor, uma música suave tocava. Logo, uma senhora surgiu.

- Olá, mamãe. Este é Carlos, um amigo nosso. Nós o convidamos para almoçar.

A senhora, muito simpática, sorriu, estendendo a mão para o hóspede:

- Pois fizeram muito bem. Seja bem-vindo, Carlos. Sou Lourdes. Encantado, Carlos apertou-lhe a mão.

- Obrigado, dona Lourdes.

Nunca imaginara que Bruna e Lauro tivessem uma mãe tão bonita. Era loira, cabelos até os ombros, olhos castanhos e lindo sorriso.

Conversaram um pouco, esperando o dono da casa. Logo Pascoal chegou. Era um homem de pele escura, alto e elegante. Trajava um terno de corte impecável, gravata italiana sobre a camisa branca de colarinho, combinando com o terno marrom. Abotoaduras de ouro completavam a indumentária. Tudo isso Carlos notou num piscar de olhos. Sorridente, o recém-chegado cumprimentou a todos.

Passaram para a sala, onde estava sendo servido o almoço. Os pratos eram deliciosos, mais saborosos até do que aqueles que o convidado costumava comer em sua casa.

Surpreso, ele notou os hábitos da família, que ele julgara grosseira e mal-educada, em virtude do preconceito. O ambiente era tranquilo, e a conversa à mesa, agradável, ao contrário do que acontecia em sua casa, quando, não raro, os pais aproveitavam a ocasião para brigar durante a refeição, azedando tudo e tomando a comida intragável.

58

, Ao terminar, Carlos agradeceu o convite.

- Venha sempre que quiser! Os amigos de nossos filhos são também nossos amigos - afirmou Pascoal com largo sorriso.

Carlos sentiu-se no dever de esclarecer as coisas:

- Talvez o senhor não saiba quem sou. Sou filho de Carlos da Rocha.

- Ah, sim. Conheço seu pai. Somos amigos. Sei das dificuldades que está passando e estou tentando ajudar, dentro do possível.

Abrangendo com o olhar as pessoas reunidas em torno daquela mesa e sentindo o carinho que lhe dispensavam, Carlos comentou:

- Vendo a família de vocês, que parece tão unida e harmoniosa, lamento por mim.

Um nó apertava-lhe a garganta. Naquele momento - talvez em razão do ambiente fraterno -, sentiu necessidade de abrir o coração. Falou do orgulho que sempre tivera da sua

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

família, mas também dos problemas de relacionamento dos pais; e, agora, das dificuldades econômico-financeiras que estavam vivendo. E concluiu:

- Eu, que sempre fui preconceituoso e arrogante, estou agora tendo a lição de que precisava. Fui grosseiro com Lauro e com Bruna outro dia na escola, e espero que eles me perdoem. A vida me mostrou que os verdadeiros amigos a gente conhece na desgraça. Aqueles que considerava amigos nem querem falar comigo. E hoje, em momento tão dramático e sofrido, encontrei em seus filhos os únicos a me estenderem a mão. Acreditem, nem sei como lhes agradecer. Apesar dos pesares, sinto-me bem.

Todos estavam comovidos diante das palavras do rapaz. Pascoal, com os olhos úmidos, considerou:

- Geralmente, é nos momentos difíceis que crescemos, Carlos. Sei como está sendo doloroso para vocês esse período. Porém, existe sempre uma saída para tudo. Estou certo de que conseguirão vencer. Mesmo que venham a perder tudo, poderão sempre recomeçar. Tenho visto casos em que as famílias se recuperaram economicamente e cresceram muito com as experiências. O importante é permanecerem juntos.

59

Pascoal fez uma pausa, apertou a mão da esposa e prosseguiu:

- Há alguns anos, num acidente, nós perdemos Daniel, nosso filho mais velho, de dez anos. A dor foi insuportável, tão intensa, que até hoje não temos condições de descrevê-la. A partir daí, passamos a ter uma outra visão da vida. Tudo pode ser resolvido. Apenas para a morte do corpo não existe solução.

Ele parou de falar, enxugando uma lágrima, e dona Lourdes aproveitou para completar:

- Hoje estamos bem e conscientes de que, se a morte física é uma realidade da qual não podemos fugir, nosso Daniel continua mais vivo do que nunca na Espiritualidade, e isso nos dá muito consolo. Algum dia, quando Deus julgar oportuno, vamos nos reencontrar com ele e matar a saudade.

- Que interessante! - exclamou Carlos, admirado.

- Sim - prosseguiu Pascoal. - A dor fez com que procurássemos caminhos para entender o que nos estava acontecendo. Hoje somos espíritas e encontramos nos ensinamentos trazidos pela Doutrina Espírita grande consolação e respostas para nossos antigos questionamentos. Por isso, Carlos, agora sabemos que tudo o que nos acontece tem uma razão de ser. Deus é sábio e tudo faz para nossa felicidade; nós é que, muitas vezes, complicamos a vida, comprometendo-nos perante as leis divinas com nossas atitudes errôneas. Assim, não veja na bancarrota um castigo de Deus, nem culpe seu pai por isso. Acompanhei o processo e sei quanto ele lutou e procurou acertar, mas nem sempre foi feliz em suas decisões. Portanto, aceite a situação que não buscou, mas que hoje se apresenta como oportunidade de progresso. Encha-se de coragem, arranje um emprego, lute e ficará contente consigo mesmo. Prometo-lhe que, no que depender de nós, estaremos à sua disposição. Conte conosco como amigos sinceros. Tenha confiança, coragem e disposição de luta. Sobretudo, mantenha a esperança, que é luz acesa em nosso caminho.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Carlos respirou fundo e disse:

-Agradeço sua ajuda, senhor. Entrei nesta casa completamente desorientado, sentindo-me perdido. Esta conversa me fez um bem

60

enorme. Creio, mesmo, que este é o momento mais importante da minha vida. Um imenso desejo de crescer e de trabalhar me domina, como se uma força superior me sustentasse e fortalecesse. Desde que cheguei, fiquei intrigado, procurando saber o que faz sua família ser tão diferente de todas as que eu conheço. Agora descobri. É a Doutrina Espírita. O que o senhor disse me calou fundo e, por isso, também quero saber mais sobre ela. Já não tenho medo da miséria, nem de morar numa casinha humilde. Não é a riqueza que faz o homem, não é verdade?

- Certo.

Carlos pensou um pouco e concluiu:

- Acho que é tempo de voltar para casa. Estou bem, mas sei que meu pai e minha mãe estão sofrendo muito. Preciso dar-lhes um pouco desta força que recebi aqui. Se não for pedir demais, gostaria que fossem nos visitar. Quero que conversem com meus pais. Acredito que eles serão grandemente beneficiados, como eu fui.

Ao despedir-se, virou-se para Bruna e Lauro e disse, como que se desculpando:

- Acreditem, serão sempre muito bem-vindos em nossa casa! Posso dar-lhes um abraço?

Diante de qualquer circunstância, lembre-se de que somos todos irmãos, filhos de um mesmo Pai, que é Deus.

Somente nos amando, nos respeitando, poderemos crescer espiritualmente e atingir nossos objetivos aqui na Terra. Problemas, aflições, obstáculos do dia-a-dia, são meios de que o Criador se utiliza para nos educar, fazendo com que, pelo próprio esforço, nos transformemos em criaturas melhores.

Assim, através do exercício da fraternidade e da solidariedade, conseguiremos consolidar os laços afetivos e melhorar o relacionamento com o próximo, amando-nos como verdadeiros irmãos e contribuindo para a paz.

61

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Então, aproximando-se dele, disse-lhe Pedro: Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão, quando houver pecado contra mim? Até sete vezes? - Respondeu-lhe Jesus: Não vos digo que perdoeis até sete vezes, mas até setenta vezes sete vezes. (Mateus, 18: 21 e 22.)

Era sábado. Dagoberto calçou o tênis, amarrou os cordões e preparou-se para sair. Haveria jogo essa manhã e ele estava eufórico.

Futebol era o sonho da sua vida. Desde criança tinha afinidade com a bola e crescera ouvindo os pais afirmarem, orgulhosos, que ele seria um grande jogador.

Em seus momentos de devaneio, imaginava-se sempre a correr pelo gramado, fazendo jogadas sensacionais e marcando muitos gols, enquanto a torcida aplaudia no estádio repleto. Nessas horas, o coração se dilatava, apressado, ao impacto da emoção. Sorria para a multidão, que lhe gritava o nome, enlouquecida de alegria.

Sim, ele seria um grande craque. Teria fama e ganharia muito dinheiro.

Suspirando de satisfação, Dagoberto colocou as chuteiras na mochila e deixou o quarto. Dirigiu-se à cozinha, deu um beijo rápido na mãe, que preparava o café. Sentou-se, pegou um copo de leite e fez um sanduíche. Engoliu tudo em poucos bocados.

62

- Já vou, mãe. Tchau!

- Mas já? Nem se alimentou direito, menino!

- Comi o suficiente, mãe. Além disso, tenho jogo e estou atrasado.

- Vá com Deus, meu filho. Boa sorte!

O rapaz pegou a bicicleta e saiu apressado. No campo da escola, os colegas já se aqueciam. Naquela manhã, estavam todos satisfeitos. Jogar era um prazer e, especialmente, porque as garotas tinham vindo assistir ao jogo.

Dagoberto retirou as chuteiras da mochila e se preparava para entrar em campo. Vinícius aproximou-se, dando uma pancadinha amigável em suas costas.

- Olá, amigão! Hoje vamos estar em campos opostos. Vamos ver quem faz mais gols.

Dagoberto virou-se, sorridente. Vinícius era um colega de classe e se davam muito bem. Ambos eram considerados bons jogadores.

- Veremos... - respondeu sorrindo, mas com uma ponta de irritação na voz. - O melhor vencerá.

O rapaz afastou-se bem-humorado. Todavia, Dagoberto ficou abalado pelas palavras do colega. Vinícius era excelente jogador e ele sentia-se ameaçado diante das

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

potencialidades do companheiro. A verdade é que, no fundo, sempre existira certa rivalidade entre eles, e a inveja crescia no íntimo de Dagoberto.

O treinador, com bola e apito nas mãos, chamou os jogadores. Dagoberto levantou-se. Olhou para a arquibancada e viu Lívia entre as garotas, esbanjando charme.

A peleja começou. Camisas brancas e vermelhas tomaram conta do gramado. Vinícius, veloz e criativo, numa jogada de mestre, fez o primeiro gol, empolgando o público.

Dagoberto olhou para a assistência e viu Lívia pulando e agitando os braços. Ela torcia para os vermelhos, para Vinícius! Isso já era demais! Teria que fazer alguma coisa. Vinícius estava em alta, enquanto ele desaparecia no meio dos outros jogadores. Cheio de inveja e rancor, Dagoberto gritou, incentivando os jogadores do seu time, enquanto enxugava a testa suarenta.

63

O sol estava forte e o calor, excessivo. Determinado momento, com os olhos ardentes, Dagoberto viu o rival que se aproximava com a bola, driblando um jogador. Correu e, maldosamente, jogou-se sobre ele, colocando sua perna entre as de Vinícius. com o impacto, o outro foi jogado para o alto e caiu de maujeito, ficando estendido no gramado.

O jogo parou. Assustados, todos foram ver o que tinha acontecido. O pai de um dos garotos, médico, correu para examinar o rapaz, que gemia. A perna direita, virada perigosamente para o lado, deixava ver uma ponta de osso que rompera a pele.

- Chamem a ambulância! Temos que levá-lo com cuidado! Ele está com uma fratura exposta.

Em poucos minutos, com alívio, escutaram a sirene da ambulância. Vinícius foi levado para o hospital, enquanto os colegas, atarantados, não sabiam o que fazer. O jogo estava terminado, e a manhã, que se iniciara de maneira tão auspiciosa, agora não tinha mais graça. Grupos se formavam e as conversas surgiam daqui e dali. Muitos olhavam para Dagoberto de modo acusador, hostil, mas ele se defendia:

- Não tive culpa! Foi um lance normal. Entrei para disputar a bola. Vocês se esquecem de que Vinícius também é meu amigo? Estou tão desolado quanto vocês!

Por fim, um a um, todos foram embora. Não havia mais o que fazer ali.

Dagoberto pegou a bicicleta e saiu. Tinha vontade de ir até o hospital saber notícias de Vinícius, mas sentia medo. Não tinha coragem de enfrentar a família dele, que certamente estaria sofrendo muito. Conhecia a mãe, o pai e as irmãs de Vinícius, e seu coração se confrangia ao pensar neles.

Não tive culpa. Foi um lance normal. Entrei para defender a bola! - repetia ele mentalmente, tentando se justificar.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Todavia, a consciência não lhe dava paz. No fundo, acusava-se pelo mal que fizera ao companheiro. Assim, entre o medo e a razão, rodou pela cidade sem saber o que fazer. Afinal, a consciência do dever prevaleceu. Tomou o rumo do hospital.

64

Procurou notícias de Vinícius e foi informado de que ele estava sendo operado. Dirigiu-se à sala de espera e encontrou todos reunidos: a família, os colegas mais próximos, inclusive Lívia, naturalmente.

Quando chegou, todos se voltaram para ele. Sentiu-se constrangido. Sem coragem para se aproximar da família, encostou-se num canto da parede e ficou ali de cabeça baixa.

Alguns minutos depois, percebeu que alguém se acercara dele. Era a mãe de Vinícius. Trêmulo, balbuciou:

- Lamento muito o que aconteceu, dona Aurora, acredite.

- Sei que não teve a intenção de machucar meu filho, Dagô. Sempre foram bons amigos e Vinícius gosta muito de você. Fique tranquilo. Ninguém o acusa de nada. Confio em você.

Ouvindo essas palavras, Dagoberto sentiu um aperto ainda maior no coração. Aquela mãe confiava nele, ele que era um ser desprezível e que não merecia nada.

Duas horas depois, o médico avisou que a cirurgia fora bem-sucedida. Que o paciente demoraria algumas horas até ser levado para o quarto. E completou:

- Ele precisará de tranqüilidade quando voltar da anestesia. Assim, sugiro que retornem para casa e venham visitá-lo quando estiver melhor. Apenas os familiares podem permanecer no hospital.

O médico fora claro e direto. Nada tinham para fazer ali. Contudo, ele não tinha vontade de se ausentar. Seu desejo era ficar ali até ter certeza de que Vinícius ficaria realmente bem.

- Vamos? Nosso trajeto é o mesmo e nos faremos companhia - propôs Lívia, parando a seu lado.

Aquilo era tudo o que ele desejava. Não tivera ainda oportunidade de conversar a sós com ela. Em outras circunstâncias, teria dado pulos de alegria. Naquele momento, porém, só pôde dizer:

- Não, Lívia. vou ficar.

Ela o olhou surpresa e afirmou:

- Então, ficarei também.

Telefonaram para as respectivas famílias, tranqüilizando os pais, que certamente estariam estranhando-lhes a demora. Depois, se

65

acomodaram num banco da pracinha, em frente do hospital, em silêncio.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Tanta coisa havia para dizer, entretanto não conseguiu nessa hora articular palavra. Depois de algum tempo, Lívia falou:

- Compreendo como se sente, Dagoberto. Saber que prejudicou um amigo não deve ser fácil.

O rapaz ergueu a cabeça, encontrando os olhos da garota, compreensivos e carinhosos.

Será que compreende mesmo? O que ela pensaria se soubesse que fiz de propósito? - pensou Dagoberto.

- Fale alguma coisa! Desabafe! Estou preocupada com você, Dagô. Talvez não tenha percebido, mas gosto muito de você - completou ela, desnudando seus sentimentos.

A alegria do rapaz ante a revelação de Lívia, a quem ele amava sem coragem de se aproximar, foi imensa. Ouvi-la chamando-o de Dagô, como os amigos mais íntimos, mexeu com ele. Teve vontade de abraçá-la, contar a verdade e chorar em seus braços. Lembrando-se, no entanto, do companheiro enfermo, conteve-se e sugeriu:

- Vamos saber notícias de Vinícius?

Dirigiram-se à portaria e ficaram sabendo que o paciente já estava no quarto. Foram até lá. No leito, em meio à penumbra do ambiente, viram o rapaz, sonolento, ainda sob o efeito da anestesia. Em voz baixa, dona Aurora informou, vendo os amigos do filho:

- Ele está bem, graças a Deus! Agora, melhor irem para casa. O médico disse que Vinícius dormirá a noite toda em virtude do analgésico que lhe foi ministrado.

- Então, voltaremos amanhã, dona Aurora.

Saíram aliviados. Dagoberto acompanhou Lívia até a casa dela, por causa do horário. A noite descera sem que se dessem conta.

Quando Dagoberto chegou em casa, eram nove horas da noite. A mãe estava ansiosa por notícias e, enquanto comia alguma coisa, ele a colocou a par dos acontecimentos.

66

Apesar do cansaço, ele não conseguiu dormir. A cena voltava-lhe sempre à mente. Revia o instante infeliz em que fora para cima do colega e o atingira com o golpe. A consciência não lhe dava paz.

Nos dias seguintes, não saiu do lado de Vinícius. Por notar o olhar de adoração com que ele fitava Lívia, Dagoberto aproveitou todas as ocasiões para deixá-los a sós. Dava uma desculpa e saía de perto.

Vinícius se recuperava bem. Em casa, continuava a receber a visita dos amigos e, enquanto não podia ir à escola, recebia deles o conteúdo das aulas.

Certo dia, Dagoberto chegou e encontrou Vinícius lendo na varanda. Era uma manhã de sábado em que o sol brilhava no alto. Dona Aurora entrou e comentou:

- Quem diria, um mês atrás, que eu iria ver meu filho em casa, em pleno sábado, lendo?...

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Vinícius fechou o livro, tranqüilo:

- Pois as leituras estão me fazendo grande bem, mamãe. Dagoberto percebeu que a senhora retornou para seus afazeres,

triste, enxugando discretamente uma lágrima. Vinícius explicou ao amigo:

- Mamãe não está muito bem hoje.

- Aconteceu alguma coisa?

- Nada de importante, Dagô. Apenas fomos ao médico ontem e ele disse que não sabe se poderei voltar a jogar bola. Se isso acontecer, será depois de um longo tempo. A recuperação será muito lenta em razão da gravidade da fratura.

Vinícius fez esse comentário sem se alterar. Depois completou, bem-humorado:

- Isso significa que meus conhecimentos tendem a melhorar muito.

Dagoberto ouviu a notícia com um peso no coração. Tentou falar, mas um nó na garganta o impediu. Afinal, prorrompeu em soluços.

Vinícius deixou-o chorar, até percebê-lo mais calmo:

67

- Dagô, meu amigo...

- Não me chame de amigo! - explodiu Dagoberto, levantando a cabeça. - Você não sabe o que fiz. Não conhece o monstro que sou!

Enxugando o rosto com as mãos, ele contou tudo, não omitindo nada.

- Estava louco de inveja e de ciúme de você com Lívia. Quando o vi aproximar-se de mim, só pensei em detê-lo, impedir que fizesse mais gols. O que aconteceu, você já sabe. Agora, por minha culpa, não poderá mais jogar futebol... - e recomeçou a soluçar.

Vinícius ouvia a confissão de Dagoberto estranhamente sereno, sem demonstrar surpresa. O outro prosseguiu:

- Pode me xingar, me bater, me denunciar, me colocar na cadeia até, que eu sei que mereço. Mas, você não reage? Quero que diga o que pensa! Não me poupe!

Vinícius olhou-o, tranqüilo:

- Estou contente pela atitude que tomou, Dagô. Confesso que sabia o que você tinha feito. Senti sua raiva na hora em que me atingiu. Fez aquilo com prazer. Depois, se arrependeu e me ajudou esse tempo todo. Acompanhei seu sofrimento moral, mas não podia fazer nada para ajudar. O primeiro passo tinha que partir de você, meu amigo. Confessando seu erro, libertou-se de um grande peso e isso lhe fará muito bem.

Dagoberto, atônito, fitava o outro sem entender.

- Quer dizer que você sabia o tempo todo? Não sentiu ódio de mim? Nem vontade de me desmascarar perante todos?...

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Vinícius sorriu:

- Uma pergunta de cada vez. Não. Não senti ódio de você. No início, confesso que fiquei revoltado. Depois, como tivesse muito tempo para pensar, comecei a refletir. O que levaria você, meu amigo, a agir dessa forma? E entendi o que lhe passava pela cabeça.

- Mas sou culpado por tudo de ruim que lhe aconteceu, Vinícius. Como pode ter essa tranqüilidade e essa compreensão?

68

- Você é responsável, em parte, pelo que estou sofrendo. Hoje acredito, Dagô, que nada acontece por acaso. Certamente, eu teria que passar por esses problemas, sofrer o que venho sofrendo. Você foi apenas um instrumento da justiça divina para que a lei se cumprisse.

- Não estou entendendo! De onde tirou essas idéias? Vinícius pegou o livro que estava lendo e mostrou-o a

Dagoberto, que o tomou entre as mãos, espantado:

- "O Evangelho segundo o Espiritismo", de Allan Kardec! Não sabia que você era dado a ler essas coisas.

- Pois não era mesmo. A professora Débora, no dia seguinte ao da cirurgia, foi me visitar no hospital e levou-me alguns livros. Desde então, tenho lido constantemente e obtido grande consolação. Além disso, os ensinamentos e informações aqui contidos me abriram a cabeça, me alargaram a visão e passei a ver o mundo, as pessoas e os acontecimentos com outros olhos.

Demonstrando agora grande respeito pelo livro que tinha nas mãos, Dagoberto considerou:

- Se este livro foi responsável por essa compreensão e serenidade que vejo em você, alguém capaz de perdoar as ofensas recebidas, então também quero lê-lo.

- E tem muito mais! "O Livro dos Espíritos", do mesmo autor, é obra para ser estudada em conjunto. A professora Débora me disse que, se eu quiser, ela me levará até a um grupo de jovens que se dedicam ao estudo desses temas, de capital importância para todos nós.

- Pois se ela me aceitar, também serei candidato a freqüentar esse grupo.

O ambiente era de fraternal amizade. As nuvens negras tinham-se dissolvido e Dagoberto sentia-se melhor do que nunca.

- Meu amigo, nem sei como lhe agradecer. Cheguei aqui na condição de criminoso, com a consciência culpada, e você me devolve a dignidade e a vontade de viver. Estou arrependido. Como, porém, reparar o que fiz? Frustré suas expectativas de jogar futebol e não me perdôo por isso...

69

- Dagô, seu arrependimento é extremamente importante, pois lhe facilitará o desejo de reparação. A Doutrina Espírita, explicitando os ensinamentos de Jesus, nos esclarece que o

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

bem ao próximo é o caminho. Fazer aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem é regra para uma vida feliz. Então, procure ajudar quem esteja precisando. Doe-se ao seu semelhante, com amor. Quanto à minha expectativa de ser jogador, era um sonho de criança que nada tinha de real e que se transformou em cinzas. Hoje, enxergo a vida sob uma ótica diferente. O que me aconteceu apenas me abriu os olhos para a realidade, me fez refletir sobre o que realmente vale a pena. Agora, só me interessa estudar bastante. Quero ser médico e poder auxiliar o próximo através dos meus conhecimentos, amenizando dores, curando enfermos.

Vinícius falava com tanta convicção que Dagoberto ficou emocionado. Mas ainda havia uma sombra entre ambos.

- Quanto a Lívia...

- O que tem ela? - indagou Dagoberto, ansioso.

- Ainda não percebeu que ela o ama, Dagô? Agradeço seus esforços para aproximá-la de mim. Mas, acredite, meu amigo, estou em outra. Estou de olho na Letícia, uma garota que está morando aqui ao lado e...

Ambos se olharam e caíram na gargalhada. Estavam felizes.

Dagoberto abriu os braços e envolveu com imensa ternura aquele amigo que, por culpa sua, quase perdera. com a voz repassada de emoção, concluiu:

-A sua amizade é um tesouro que jamais quero perder. Valeu!

O remorso é dor pungente da alma. Causa sofrimentos indescritíveis e tormentos morais acerbos, somente amenizados com a reparação do mal ou do prejuízo a outrem.

Se você cometeu um erro, não hesite em confessar a verdade. A consciência tranqüila é bênção de valor inestimável e compensa todos os esforços. Especialmente se está em jogo a amizade que dedicamos a alguém, sentimento valioso e que não tem preço.

70

CAP. 06 – RECUPERAÇÃO

Fazei aos homens tudo o que queirais que eles vos façam, pois é nisto que consistem a lei e os profetas. **(Mateus, 7:12.)**

Eleutério morava com a mãe e os três irmãos menores num barraco na periferia da cidade. O pai havia morrido num acidente quando ele tinha apenas seis anos de idade.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

A mãe, Antoninha, viúva e com a responsabilidade de cuidar dos filhos, começou a fazer serviços de faxina durante o dia, e à noite, para melhorar a renda familiar, freqüentava as ruas. Para esta atividade, arrumava-se toda, vestia roupas colantes, pintava o rosto, penteava cuidadosamente os cabelos com gel, e saía à cata de programas. Quase sempre, chegava com bafo de bebida e trazendo homem para casa.

Quando Eleutério, ainda criança, reclamava do comportamento da mãe, ela, invariavelmente, afirmava melancólica:

- Faço isso por vocês, meu filho.

o menino não entendia muito bem, mas não retrucava. E cada vez mais sentia falta da presença paterna. Muitas vezes ficava quieto, olhar perdido no vazio. Nessas ocasiões, lembrava-se do pai e de como a vida era bem melhor quando ele estava vivo. Tinham dificuldades, é certo, mas não passavam fome. Depois que o pai morreu, no entanto, a vida da família tinha virado de cabeça para baixo.

71

Orlando era funcionário da Companhia de Estrada de Ferro. Naquele trágico dia, percebendo que um trem ia entrar por um desvio errado e que, fatalmente, iria colidir com outro comboio que vinha em sentido contrário, tentou evitar o desastre. Ao detectar o perigo, correu para mudar a alavanca, mas não houve tempo. Foi colhido pela pesada máquina de ferro e arremessado à distância. O acidente, de terríveis conseqüências, ocorreu logo depois, ocasionando a morte de dezenas de pessoas e deixando outras tantas feridas gravemente.

Eleutério, apesar da pouca idade quando o acidente ocorreu, jamais pôde se esquecer do quadro terrível que presenciou, pois a mãe, informada do que acontecera, tinha corrido até o local da tragédia com a menorzinha no colo e arrastando as outras crianças, que choravam, intuitivamente sentindo, pelo desespero da mãe, que algo de muito sério acabava de suceder.

Foi tudo muito rápido. Parecia um pesadelo do qual esperavam acordar e ver que tudo continuava como antes, que nada mudara. Depois do enterro, a família teve que se adaptar às novas condições de vida. A pensão que Antoninha passou a receber era muito pequena, e ela se viu na contingência de ter que se "virar" para manter os filhos. A primeira providência foi sair da casa, que era da companhia, para morar em outra, onde, o que era pior, tinha que pagar aluguel. com o dinheiro sempre curto, acabaram num barraco de favela.

O mais difícil para Eleutério, porém, não era isso. Não era a comida racionada, a chuva ou o vento que entravam pelas frestas da parede, pelas telhas furadas, nas noites de frio. Não. Era quando a mãe se *juntava* com um homem e o trazia para morar em casa. Conhecera assim saqueiro, viajante, motorista, jogador, garçom, marujo; muitas vezes malandros, arruaceiros, pinguços e todo o tipo de gente. Desses, o melhor era o garçom, porque sempre trazia sobras de comida do restaurante, coisas boas que ela não tinha condição de comprar; depois, era o viajante, porque estava sempre fora. Não raro, se julgando com direitos porque ajudavam

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

72

na manutenção da família, batiam nas crianças. O último deles, um caminhoneiro bronco e agressivo, irritava-se com facilidade, especialmente com o choro de Nilcéia, a caçula, e espancava os garotos. A mãe nunca presenciava essas violências porque estava sempre trabalhando. Certo dia, Eleutério não suportou mais esse estado de coisas e reagiu. O grandalhão, indignado com a ousadia do pirralho, partiu para cima dele. Desesperado, procurando algo com que pudesse se defender, o menino bateu os olhos numa faca sobre a pia da cozinha. Deu um jeito de esgueirar-se até lá, agarrou-a disfarçadamente e, quando o caminhoneiro chegou perto levantando a mão para atingi-lo com o cinto de couro, Eleutério estendeu o braço com firmeza e feriu o brutamontes na barriga. O homem caiu no chão, olhos arregalados de espanto, com o sangue a escorrer pela ferida. Em pânico pelo que fizera, o menino fugiu de casa e nunca mais voltou. Tinha nove anos.

Correu... correu muito. Sentia-se perseguido, estava apavorado e precisava colocar a maior distância possível entre ele e seus perseguidores. Porque ele não tinha dúvida de que a polícia estaria no seu encalço.

Acabou parando debaixo de uma velha ponte, onde se escondeu. Saía do esconderijo apenas para arrumar comida. Uma família que ali vivia, condoída da situação do garoto, ajudou-o no início. Assim, Eleutério adaptou-se às novas condições de moradia. Uniu-se a um bando de meninos de rua e passou a integrar a *gang*. Foi morar com eles e logo aprendeu a pedir, depois a roubar. Do fumo às drogas foi um passo. Os adultos que havia por detrás das crianças forneciam as drogas, desde que elas servissem de *mulas*, *aviões*, ou seja lá o nome que se lhes dê.

Dessa forma, em pouco tempo, Eleutério estava escolado. Sabia tudo sobre as ruas: como agir, como abordar as pessoas, onde se esconder. Aprendeu a atirar e, muitas vezes, ele e seu bando cometiam assaltos à mão armada. Tivera alguns encontros com a polícia, porém, como era menor e ainda não tivesse sido fichado,

73

era logo solto. Ele e os companheiros mudavam sempre de ponto e de moradia. Em algumas ocasiões, invadiam prédios condenados, em outras, ficavam em construções, residências desocupadas, viadutos ou qualquer outro local onde pudessem se abrigar por algum tempo.

Certo dia, contudo, a situação se complicou. No semáforo de uma avenida, Eleutério aproximou-se de um carro para cometer assalto, fingindo-se *deflanelinha*, mas mantendo um revólver por baixo do pano, para qualquer eventualidade. Normalmente, tudo iria correr bem. Nesse caso, no entanto, o motorista entrou em pânico e reagiu. Eleutério atirou. A vítima morreu no local. Uma viatura policial, que surgira de repente na esquina, percebeu o que estava acontecendo e veio em socorro do motorista. Não houve tempo, infelizmente, de salvar-lhe a vida. O assaltante foi reconhecido e caçado, até ser conduzido para a prisão. Como tinha apenas dezesseis anos e, portanto, era menor, as autoridades o encaminharam para um instituto correccional.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Lá, entre quatro paredes, Eleutério sofreu muito. Tinha agora tempo para pensar. Começou a lembrar-se de como era sua existência antes, do pai, que ele tinha na conta de um herói, e que tanto tinha amado. Saudade imensa passou a dominar seu coração. Tudo seria diferente se o pai não tivesse morrido. Somente agora voltava a pensar na família. Como estariam todos? A mãe e os irmõzinhos ainda se lembrariam dele?

A seu lado, Orlando, o pai desencarnado, velava. Pela primeira vez, percebia o filho mais sensível, mais maleável a sugestões superiores. Envolvendo-o nos braços, o paizinho falava-lhe com doçura:

-Meu querido filho, sua vida não tem sido fácil. Todavia, nada acontece por acaso, e as dificuldades que estamos passando são necessárias para nosso progresso. Confie em Deus e procure mudar suas atitudes. Só assim você será feliz.

O rapaz não ouvia com os ouvidos do corpo as palavras ditas pelo pai, mas registrava intuitivamente as idéias que lhe eram

74

sugeridas. E respondia, sem se dar conta de que realmente estava a conversar com o genitor que já partira.

- O senhor não podia ter morrido, meu pai. Enquanto estava vivo, nos sentíamos seguros e protegidos. Depois, mamãe mudou e passou a obrigar-nos a conviver com toda espécie de criaturas. Após agredir um amigo dela, fugi de casa, começando essa vida de delinqüência. Tudo isso porque o senhor nos faltou na hora mais necessária. Ah, papai! Que falta sinto da sua presença tão querida!

Comovido, o pai passou a mão pelos cabelos do filho, falando com brandura:

- Deus sabe o que faz, meu querido filho. Estava programado que eu morreria daquela forma, resgatando erros do passado. Da mesma maneira, vocês teriam que suportar as adversidades, como cúmplices meus que foram, dando a volta por cima e crescendo com as experiências. Contudo, não conseguiram. Sua mãe e você, sentindo-se desamparados, tomaram o caminho mais fácil. À Antoninha e a você, meu filho, como primogênito, cabia a responsabilidade de amparar as crianças menores, Espíritos amigos que renasceram para ajudá-los no futuro.

- Não tomei o caminho mais fácil, meu pai. Ao contrário, tenho sofrido muito...

- Não ignoro seu sofrimento, meu filho, porém a realidade seria outra se você tivesse tomado outro rumo, sem fugir de casa. Se tivesse procurado pessoas amigas para ajudá-lo, ou instituições de amparo ao menor. Sem jamais pensar em trabalhar honestamente, ligou-se à ralé das ruas e ao submundo do crime. Esqueceu-se da família e nunca se preocupou em revê-la. Se tivesse buscado informações, teria se surpreendido. Aquele homem não morreu e, como tivesse contas a ajustar com a lei, não procurou a polícia. Sua mãe o expulsou de casa, e ele sumiu, dando sossego a todos.

Eleutério chorava baixinho. Pela primeira vez, pensou que deveria ter procurado saber o que acontecera depois da sua fuga.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

75

Algo lhe dizia que tudo teria sido diferente. *Talvez aquele infeliz nem tivesse morrido com a facada que lhe dei! Onde está minha mãe agora? -pensava ele, cheio de saudade. - Emeus irmãos? Devem estar crescidos! Como gostaria de revê-los. Agora, porém, estou preso, e sabe Deus quando voltarei à liberdade.*

Ouvindo-lhe os íntimos pensamentos, a amorosa entidade o envolvia com carinho, afirmando-lhe:

- O importante agora, meu filho, é que deseje mudar de vida. Aproveite esta oportunidade para desligar-se das más companhias e transformar-se num homem digno e trabalhador, amante da lei e da ordem. Aqui mesmo, dentro desta instituição, você terá condições de iniciar uma nova etapa, se quiser. Assim, mantenha acesa a chama da esperança e confie em Deus, que é Pai e ama a todos os seus filhos. com a permissão de Jesus, estarei a seu lado sempre que puder, amparando-o e protegendo-o. Até breve!

Eleutério sentia grande bem-estar. Idéias enobrecedoras dominavam-lhe o íntimo, dando-lhe confiança e desejo de mudar. Resolveu que, a partir daquele instante, tomaria outro rumo.

Na instituição, os internos tinham que executar algum trabalho. Eleutério sempre fizera tudo com má vontade, sem desejo de aprender. No dia seguinte, porém, amanheceu com outra disposição e lançou-se ao serviço com perseverança. Em pouco tempo, havia aprendido tão bem sua tarefa, que os coordenadores lhe deram uma função de maior responsabilidade. Como passou a saber bastante sobre marcenaria, tornou-se um profissional competente. As camas feitas por ele eram disputadas e alcançavam bom preço no mercado. Parte do dinheiro apurado na venda dos móveis pagava a matéria-prima; outra parte era destinada à manutenção da instituição e outra mais depositada numa conta bancária em nome do trabalhador. com ele mesmo ficavam apenas alguns trocados, para pequenos gastos. Assim, Eleutério foi juntando uma poupança, que lhe seria de grande utilidade quando saísse do reformatório.

A par disso, ele sentia necessidade de estudar. Há muitos anos deixara a escola e, como se tornara um profissional especializado,

76

desejava também adquirir mais conhecimentos. Isso era possível, pois ali dentro mesmo existia uma escola. com o passar dos meses, Eleutério ligou-se, de forma especial, a uma professora de português, Heloísa, com quem tinha muitas afinidades. Conversavam bastante e ela o incentivava. Um dia, ele considerou:

- Você é diferente das outras pessoas, Heloísa.

- Como assim, diferente? - ela perguntou sorrindo.

- Não sei. Tem um jeito próprio de lidar com as pessoas, respeita a todos e nos trata como iguais. Tenho reparado que se interessa de verdade pela gente.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Por que não me interessaria por vocês? São pessoas como eu. Considero-os meus irmãos perante Deus.

- Porém, tem gente que nos despreza, por sermos criminosos, como se fôssemos uma raça à parte.

-- Para mim, vocês são apenas pessoas que erraram. Geralmente, por não terem tido a oportunidade de aprender coisa melhor, por ter-lhes faltado uma família bem constituída e por não terem estudado na época apropriada. Tudo isso, entretanto, é transitório. Somos criaturas em evolução e estamos aqui para aprender. Essas experiências são muito úteis para o Espírito, que saberá como agir melhor no futuro, crescendo e aprendendo a superar os obstáculos.

Eleutério fitou-a, pensativo.

- É, professora, você fala bonito, mas a realidade é muito triste. Veja o meu caso, por exemplo. Nasci numa família pobre, mas honesta. Meu pai trabalhava numa estrada de ferro...

E contou para Heloísa toda a sua história. Quando terminou, ela estava emocionada.

- Eleutério, certamente você teria que passar por isso. Não foi à toa que seu pai faleceu naquele acidente, tentando salvar vidas. Nada acontece por acaso. E, com certeza, seu pai o está ajudando, pois era um homem bom.

Ao ouvi-la falar daquela forma, Eleutério lembrou-se do dia em que sentiu como se o pai estivesse junto dele. As idéias que lhe

77

brotaram da mente, como se transmitidas por ele, eram as mesmas que Heloísa lhe dizia agora.

- Você acredita mesmo nisso?

- Claro!

- Você tem uma religião, Heloísa?

- Sim, sou espírita.

- Ah, logo vi. Tem uma maneira tão diferente de pensar e expor suas idéias... Estava desconfiado mesmo. Acredita em Espíritos? Em outra vida?

- Sem dúvida. Como não acreditar? Deus nos teria criado para uma única existência? com que finalidade? Sendo o Criador Supremo do Universo, tudo o que Ele faz é justo e bom. Cria os Espíritos simples e sem conhecimentos para que, por seu próprio esforço, cheguem à perfeição. Dessa forma, através das reencarnações, vamos aprendendo sempre mais e nos aperfeiçoando. Portanto, berço e túmulo são apenas fases de uma mesma realidade, que é a vida eterna.

Pensativo, o rapaz concordou:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- É. Faz sentido.

- Mais do que isso, Eleutério. Representa a Misericórdia Divina agindo a nosso benefício e nos dando oportunidade de reparar os erros cometidos.

- Interessante... E por que somos tão diferentes em todos os aspectos?

- Porque fomos criados em épocas diferentes e estamos em estágios diversos de crescimento espiritual.

Eleutério ia fazer nova pergunta, mas Heloísa consultou o relógio:

- Infelizmente, tenho uma aula agora. Mas em outro horário podemos continuar conversando sobre esses assuntos que tanto lhe interessam. Olhe, Eleutério, temos uma reunião aqui mesmo, às sextas-feiras. Gostaria de participar?

- Claro!

- Ótimo! Como a semana mal começou, amanhã trarei um livro que irá ajudá-lo muito. Chama-se "O Evangelho segundo o

78

Espiritismo", de Allan Kardec. com ele você poderá se entreter, enquanto aguarda o dia da nossa reunião.

Eleutério agradeceu e, na manhã seguinte, Heloísa compareceu às aulas trazendo o livro que tinha prometido. O rapaz, logo que se viu livre das obrigações, começou a folheá-lo distraidamente e, não demorou muito, estava mergulhado na leitura edificante. Esperou com ansiedade a sexta-feira. Estava encantado com a leitura e não via a hora de participar dessa reunião sobre a qual Heloísa falara.

Sempre fora convidado para freqüentar atividades de todas as religiões, mas nunca se interessara. Agora era diferente. Ele queria ir. Depois da primeira reunião, nunca mais deixou de participar, para alegria de Heloísa, que o estimava muito.

Terminado o primeiro grau, Eleutério interessou-se por um curso de desenho industrial por correspondência. Os responsáveis pelo reformatório concordaram, facilitando-lhe os estudos. Depois, como ele fosse inteligente e criativo, fez um curso de informática, passando a trabalhar uma parte do tempo no escritório da instituição.

Agora com outra compreensão da vida, conversava sempre com Heloísa, indagando, preocupado, o que teria sido feito da sua família.

- Não se preocupe, Eleutério. Deus vela por todos nós, inclusive por seus entes queridos.

Ao mesmo tempo, residindo fora dos portões da instituição, Heloísa procurava informar-se sobre o paradeiro de Antoninha e de seus filhos. Ficou sabendo que ela havia se mudado da favela depois daquele escândalo com o amante. Não deixara endereço e ninguém sabia dar notícias da família.

Sem perder as esperanças, a professora continuava pesquisando. A um amigo, investigador de polícia, pediu ajuda. Contou-lhe toda a história e deu-lhe os dados que possuía. Sabia o

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

nome da mãe, Antoninha, e dos irmãos de Eleutério: Eleumar, Expedito e Nilcéia. Começaram a procurar nas escolas, nas empresas e em todos os lugares. Naturalmente, sem o conhecimento de Eleutério,

79

pois ela queria evitar-lhe decepções desnecessárias. Ele só ficaria sabendo se o resultado fosse positivo.

Enquanto isso, cinco anos haviam-se passado. Eleutério tinha completado vinte e um anos e, recuperado, com profissão definida e bem recomendado, não foi difícil aos responsáveis pela instituição arranjar-lhe colocação no mercado de trabalho, facilitando-lhe a vida no retorno à sociedade.

Eleutério, no entanto, estava tenso e preocupado. No fundo, sentia medo de deixar aquele lugar, onde permaneceu pôr tantos anos. Ali, estava seguro, tinha amigos. Lá fora, as coisas não seriam tão fáceis.

80

CAP. 07 – RECUPERAÇÃO

(...) Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más. (O Evangelho **segundo o Espiritismo, cap. XVII, item 4, Allan Kardec.**)

- O que está acontecendo? Pensei que fosse ficar feliz por recuperar sua liberdade! - indagou Heloísa.

Ele respirou fundo antes de responder:

-Ah, minha amiga, a você posso dizer. Estou com medo. Não sei onde vou ficar, com quem vou conviver, que obstáculos vou enfrentar.

- Entendo. Você está como uma ave que ficou muito tempo presa numa gaiola e agora tem medo de voar. Fique tranquilo. Vou ajudá-lo.

- Como? Ignoro onde fica a empresa na qual vou trabalhar e onde vou morar. Nem sei se voltaremos a nos ver nesta cidade tão grande!

- Ora essa! Afinal, não somos amigos? Já combinei tudo com o diretor. Você ficará comigo. Moro com minha mãe, que é velhinha, e preciso de um homem em casa.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Olhos úmidos de emoção, Eleutério não conseguia nem agradecer. Pegou as mãos dela e beijou-as, antes que Heloísa pudesse retirá-las.

81

- Que Deus a abençoe! Você tem sido o anjo bom na minha vida. Mas, não tem receio do que eu possa vir a fazer? Afinal, com meus antecedentes...

Ela o olhou serena, com imenso carinho, e, segurando-lhe as mãos, falou firme:

- Tenho absoluta confiança em você, Eleutério.

- E sua mãe? Concordará com minha presença?

- Minha mãe é uma velhinha adorável e tenho certeza de que vai gostar de você, como eu gosto.

Eleutério abriu os braços num gesto amplo:

- Se é isso o que você quer, aceito com prazer sua hospitalidade. Mas, com uma condição.

- Qual?

- Que me deixe participar das despesas. Afinal, sei que o salário de professor não é lá essas coisas!

Heloísa estendeu-lhe a mão, que ele apertou entre as suas:

- Está bem. Concordo.

Eleutério saiu do reformatório e ajustou-se, sem grande dificuldade, à nova vida. Na empresa onde estava trabalhando, havia muitos operários egressos da cadeia e, por esse motivo, ele não era uma exceção e fora bem aceito no grupo.

A par da vida profissional, integrou-se nas atividades de uma Casa Espírita que Heloísa freqüentava, passando a colaborador diligente e bem-disposto.

Executavam atividades numa das favelas da cidade e, semanalmente, para lá se dirigiam. Nessas ocasiões, Eleutério lembrava-se, com lágrimas nos olhos, da mãe e dos irmãozinhos. Heloísa, por sua vez, não perdera as esperanças de descobrir o paradeiro deles.

O tempo passava. Eleutério, que se sentia responsável por seus antigos companheiros da gang, passou a trabalhar com meninos de rua, infratores e usuários de drogas. Dava palestras, orientava-os com grande êxito, pois a empatia entre eles facilitava o entrosamento. Depois, quando já recuperados, arrumava-lhes colocação e acompanhava com carinho o desenvolvimento deles, evitando assim que chegassem ao estágio em que ele havia chegado.

82

Respeitado e querido por todos, era difícil aos seus tutelados acreditarem quando Eleutério lhes contava que fora menor infrator e estivera preso.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Certo dia, Heloísa foi visitar uma professora, amiga e colega de trabalho, que estava aniversariando. Tocou a campainha e logo uma senhora veio atender.

- Boa tarde! Rosalina está?

- Sim. Entre, por favor. Vou chamá-la. Quem devo anunciar?

- Diga que é Heloísa.

A criada saiu e Heloísa acomodou-se no sofá. Logo entrou na sala a aniversariante.

- Heloísa, que prazer! Não esperava sua visita hoje! Abraçando a amiga, a recém-chegada declarou:

- Não poderia deixar de vir cumprimentá-la no dia do seu aniversário. Parabéns, minha querida! Olhe, trouxe-lhe uma lembrancinha. Não repare na insignificância!

Abrindo o pequeno embrulho, Rosalina surpreendeu-se:

- Que lindo colar! Obrigada! Você sabe como gosto de bijuterias!

- Que bom. Fico contente por você ter gostado.

- Aceita alguma coisa? Um café, um refrigerante...

- Uma água, por favor. Rosalina chamou a criada.

- Antônia, traga um copo d'água para minha amiga.

Ao ouvir esse nome, Heloísa sentiu como se um alarme soasse dentro dela. Continuava procurando a família de Eleutério, apesar dos anos transcorridos, e não perdera o hábito de fazer perguntas. Quando a doméstica voltou, trazendo o copo d'água numa bandeja, fitou-a com cuidado.

- Você é muito simpática, Antônia. Ainda não tinha tido a oportunidade de conhecê-la.

- É verdade! Antônia está trabalhando em casa há dois meses apenas.

- Ah!... Interessante, ela me lembra alguém que conheço, mas não consigo atinar com quem. Sou professora e por minhas classes passam muitas crianças. Você é casada, Antônia?

83- Não, senhora, sou viúva.

- Tem filhos?

- Tenho. Dois rapazes e uma moça.

- Ah!... Só esses? - indagou Heloísa um pouco decepcionada. Os olhos da criada se nublaram, denotando certa tristeza.

- Não. Na verdade, tive um outro filho, que saiu de casa ainda criança e do qual nunca mais tive notícias. Porém, não entendo a razão de seu interesse, minha senhora...

- Eleutério. É esse o nome do seu filho? - voltou a perguntar Heloísa, com a voz embargada pela emoção.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Sim!... mas, como sabe? - balbuciou a criada, surpresa e trêmula.

- O que está acontecendo aqui? Do que estão falando?- quis saber Rosalina.

Sem denotar ter ouvido a pergunta da amiga, Heloísa murmurou:

- Graças a Deus! Finalmente! Você é Antoninha, então.

- Sim, mas há muitos anos ninguém me chama assim. Era como meu saudoso marido me chamava. Mas, por Deus, como sabe de tudo isso? Se é por causa do meu passado...

Diante da perturbação da mulher, Heloísa fez com que ela se sentasse e deu-lhe a água para beber.

- Acalme-se! Tudo está bem. vou lhe contar tudo o que sei. E, diante da atônita criada e da não menos surpresa Rosalina, Heloísa contou como conhecera Eleutério, como se inteirara da vida deles e de como, há anos, procurava por Antoninha e seus filhos.

Sob copioso pranto, Antônia não sabia o que dizer.

-Nem sei como lhe agradecer, minha senhora, tudo o que tem feito por meu filho. Ele está bem?

com largo sorriso, Heloísa respondeu:

- Ele está ótimo! Você vai se orgulhar muito dele, Antoninha.

- Que saudade! Preciso vê-lo! Reencontrar meu filho!

- Claro que sim! Ele ficará muito feliz ao rever a mãe e os irmãos. Jamais se esqueceu de vocês, só não sabia como e onde encontrá-los.

84

- Após o episódio triste em que meu filho se envolveu, o depois da fuga dele, ficamos ainda algum tempo na capital, com a esperança de que ele retornasse. Todavia, o tempo passava e não tínhamos notícias dele. A situação começou a ficar insustentável porque, sentindo-me culpada pelo que acontecera a eleuterio, resolvi mudar de vida. Não conseguia mais exercer as atividades de antes e o dinheiro era curto. Um amigo do meu falecido marido, a quem procurei pedindo ajuda, ofereceu-me serviço num sítio localizado em cidade próxima. Sem alternativa, aceitei, e ficamos residindo lá por muitos anos. Retornamos há pouco tempo para a capital porque meus filhos, crescendo, sentiram necessidade de encontrar um local de trabalho onde pudessem obter melhores salários. Ávida no sítio estava muito difícil. Não tínhamos recursos.

- Deus é muito bom! Você veio trabalhar justamente na minha casa, onde haveria possibilidade de encontrar Heloísa! Então, Antônia, você é a mãe do Eleutério! Eu o conheço e tenho muita admiração por ele. Jamais poderia imaginar. Sei que Heloísa procurava por uma Antoninha, mas nunca pensei que pudesse ser você!

Em clima de grande alegria, Heloísa pegou o endereço de Antoninha e combinaram de se rever naquele mesmo dia.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Chegando em casa, Heloísa esperou com ansiedade Eleutério voltar do trabalho. E o informou, meio misteriosa:

- Precisamos visitar uma família na favela.

- Quando? No final da semana?

- Não. Hoje.

- Ah!... É urgente, então. Vamos - concordou o rapaz, que nunca se negava ao trabalho no Bem. - Dê-me apenas o tempo de tomar um banho e comer alguma coisa.

Uma hora depois, pegaram o carro e se dirigiram para o endereço dado. Era na mesma região onde costumavam ir todas as semanas e, por isso, Eleutério não estranhou. Diante da porta, o rapaz sentiu o coração se confranger. A miséria era grande e ele se lembrou imediatamente da sua infância. Bateram.

Uma moça bonita veio atender. Heloísa percebeu que era muito parecida com o irmão.

- Boa noite! Desejam alguma coisa?

- Boa noite, meu bem. Queremos falar com sua mãe. Ela está? De dentro do barraco surgiu uma senhora ansiosa e de sorriso

fímido. Ao ver os recém-chegados, levou as mãos à boca, sem poder acreditar. Não conseguia tirar os olhos do rapaz que ali estava, de porte elegante e bem vestido. com o coração a explodir de felicidade, caminhou até ele com os braços estendidos.

Eleutério olhou para a mulher, a princípio sem entender-lhe a reação de surpresa ao vê-lo. Depois, observando-a melhor, analisando aquele rosto sofrido, no qual o tempo deixara marcas profundas, os cabelos grisalhos, sentiu-se finalmente dominado pela emoção:

- Mãe?!...

-- Sim, meu filho, sou eu!

Caíram nos braços um do outro, chorando de felicidade.

A jovem que atendera à porta, perplexa, observava a cena. Tinha vaga lembrança do irmão, pois contava apenas quatro anos quando ele fugira de casa. Lembrava-se, porém, de ter sentido muito a falta dele. Antoninha virou-se para a filha e os apresentou:

- Nilcéia, minha filha, este é Eleutério, seu irmão, há tantos anos desaparecido. Lembra-se dele?

Os irmãos se abraçaram também cheios de alegria. Conversavam, matando as saudades, quando chegaram os outros irmãos, Eleumar e Expedito. Também foi grande a surpresa de ambos ao ver que tinham visitas na moradia humilde, o que não era usual. Mais espantados ficaram ao reconhecer o irmão mais velho, que não viam desde criança.

Naquele dia o barraco inundou-se de luz com a festa do reencontro. Da Espiritualidade, o pai Orlando, ali presente, agradecia a Jesus as bênçãos daquela hora.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

De ambos os lados foram dadas explicações sobre as dificuldades que tinham vivido até então e sobre o desejo de se reencontrarem, que nunca deixara de existir.

86

- Graças a Deus resolvemos voltar para a cidade tinindo em busca de melhores salários! No campo, apesar da vidinha sossegada os recursos eram escassos, dificultando tudo - falou eleumar É verdade! Aqui, apesar da falta de empregos, sempre posso fazer alguns bicos - concordou Expedito.

Eleutério, que ouvia os irmãos comovido, considerou:

- Felizmente, estou em condições de ajudá-los. Lá onde trabalho, sempre estão fazendo novas contratações. Amanhã mesmo vou cuidar disso. E também, se me permitirem, vou procurar uma nova casa para vocês, maior e mais confortável. E mais perto de nós, não é Heloísa?

Bênçãos de luz espraivavam-se sobre os componentes daquele lar. Novas esperanças surgiam em todos os corações como prenuncio de uma nova vida de paz e de renovação. Cheio de gratidão, Eleutério considerou:

- Tudo isso devemos a Heloísa, esta grande amiga que aqui está. Ao inverso de vocês, que levaram vida tranqüila no campo, tomei outro rumo. Logo que saí de casa, me liguei a um grupo de meninos de rua. Experimentei de tudo. Fui viciado em drogas e delinqüente. Estive preso por muitos anos e, graças a Deus, encontrei Heloísa, a professora de quem sempre recebi incentivo e ajuda. Deixei uma vida de delinqüência, passando a dedicar-me ao trabalho. Estudei, fiz cursos e hoje sou profissional respeitado. Acima de tudo, porém, agradeço a ela, amiga dedicada e por quem tenho carinhos de filho, por ter-me feito conhecer a Doutrina Espírita, que tem sido o roteiro seguro em minha existência e que me fez encontrar Jesus.

Fitando-o com carinho, Heloísa retrucou:

- Mas se você não tivesse tido sincero desejo de se reabilitar, nada disso teria ocorrido. E graças aos créditos adquiridos com seu trabalho, dedicação e desinteresse, aqui nesta comunidade, é que foi possível o seu reencontro com os entes queridos. Jesus, que é todo misericórdia e bondade, o premiou pelos esforços.

- Acredito que você tenha razão. Também sinto que, se não me tivesse dedicado com amor à tarefa de reconstruir vidas com a

mesma intensidade como outrora ajudei a destruir, não teria tido a bênção de reencontrar minha família. Por isso, gostaria que elevássemos o nosso pensamento a Deus, gratos por todas as dádivas recebidas.

E com uma prece singela, que na Espiritualidade Orlando e nosso grupo acompanhamos reverentes, aquele barraco humilde inundou-se de safirina luz.

A Providência Divina é bênção em nossas vidas, agindo a nosso favor, mesmo que não percebamos. Não raro, através da ajuda de entes queridos, de amigos desencarnados que

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

velam por nós. Assim, por mais erros que tenhamos cometido, o que vale é o sincero esforço em aprender e ajudar, reparando os danos e nos modificando à luz do Evangelho.

Cada um de nós receberá de acordo com as próprias obras. A sementeira será luz ou treva em nosso caminho, conforme o que tivermos plantado.

88

CAP. 08 – O DIÁRIO

Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo. (Mateus, 11:28 a 30.)

Fábio acordou indisposto naquele dia. Não quis alimentar-se direito, apesar dos rogos da mãe.

- Meu filho, você precisa comer alguma coisa. Um copo de leite, talvez?

- Não, mamãe, não quero.

- Quem sabe uma fruta? - ela insistiu.

- Não! - respondeu ele fazendo careta. A mãe suspirou, dando-se por vencida:

- Está bem. Então, pegue sua mochila e vá para a escola. Mas não deixe de comer o lanche que coloquei.

Após a saída do garoto, Salete ficou a mordiscar um biscoito, olhar perdido ao longe, distante da realidade.

Raul entrou na copa já arrumado para sair. Banho tomado, recendia a colônia após a barba; roupa impecável, cabelos bem penteados.

Ao notar que a esposa não dera pela sua presença, indagou, acomodando-se numa cadeira do outro lado da mesa:

89

- Ei, o que está acontecendo? Você me parece apreensiva. Salete saiu do seu alheamento, fitando o marido à sua frente:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Raul, estou preocupada. Nosso filho não está bem.

- Ora, Salete, Fábio é um menino normal, ativo e inteligente. Por que se afligir à toa?

- Você o tem observado ultimamente? Ele não se alimenta direito, está pálido, abatido. Há algo errado com ele. Sinto isso.

- É impressão sua, querida. Tranqüilize-se. Não está acontecendo nada com ele.

Salete resignou-se, levando a xícara de café aos lábios:

- É. Talvez você tenha razão. Preocupo-me demais. Afinal, é nosso único filho.

Após o café, despediram-se, ambos saindo de casa apressados para suas ocupações. Raul, representante comercial, tinha inúmeras visitas para fazer nesse dia. Salete, dona de uma pequena e elegante floricultura, estava atrasada na abertura da loja.

Mais tarde, quando atendia uma freguesa, o telefone tocou.

- Dona Salete, é da escola do Fábio.

Sentiu um baque. Desculpando-se, pediu que sua auxiliar acabasse de atender a senhora, fazendo o arranjo das flores. Era a diretora, que solicitava sua presença no colégio.

- O que aconteceu com meu filho?

- Fique tranqüila. Queremos apenas conversar com você. Salete dirigiu-se imediatamente para a escola. O coração batia

acelerado. Uma sensação de angústia, de medo, passou a dominá-la.

Ao chegar, a diretora convidou-a para ir até sua sala, ao mesmo tempo que pediu para uma atendente chamar a professora Márcia. Quando esta entrou, trocaram cumprimentos e Salete foi logo perguntando:

-- O que houve, Márcia?

- Salete, tem notado algo de diferente no Fábio nos últimos dias? - quis saber a professora, sem responder diretamente à pergunta.

- Por quê?

90

- Bem, somos amigas há muitos anos e conheço Fábio praticamente desde que nasceu, você sabe. Posso dizer que aqui na escola seu comportamento mudou bastante.

- Como assim?

- Está apático, não consegue fazer as tarefas nem acompanhar as lições. Quando pergunto a razão, alega sempre cansaço,

- Cansaço? Bem, é compreensível, não come nada! Afinal, *saco vazio não pára de pé*, diz o ditado! Você tem razão. Também tenho percebido que está pálido, abatido e sem ânimo.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Exatamente. Esse não é o estado normal dele. Sempre foi dos melhores alunos da classe. Talvez fosse o caso de consultar um médico. O que acha?

- Sem dúvida. Vou levá-lo hoje mesmo ao pediatra. Agradeço a atenção de vocês. Depois voltaremos a conversar.

Naquele mesmo dia, à tarde, Salete levou o menino ao médico.

- O que está havendo com o nosso Fábio? Nesses oito anos de vida, sempre teve saúde de ferro.

- É verdade, doutor Francisco. Mas algo não anda bem com ele. Está sem apetite...

- Ora, essa é sempre a reclamação das mães, não é Fábio? Vamos ver o que tem esse rapazinho. Sente-se aqui e tire a camiseta.

Examinou cuidadosamente o garoto, fez algumas perguntas e depois, procurando aparentar tranqüilidade, disse:

- Estou pedindo alguns exames, dona Salete. Logo que estiverem prontos, traga-os.

- Ele está bem, doutor? - indagou a mãe, aflita.

- Preciso dos exames para um diagnóstico mais preciso. Faltam-me dados. Quando retornar, conversaremos. Seria importante que seu marido também viesse.

- Está bem, doutor. Até logo.

Na volta, passaram no laboratório para marcar a coleta de urina e sangue para os exames. Depois, Salete sugeriu que fossem tomar um lanche no *shopping*, programa que sempre agradava Fábio. Nesse dia, porém, recusou-se.

91

- Se não se incomodar, mamãe, prefiro ir para casa. Estou cansado.

A mãe não insistiu, ficando ainda mais angustiada.

Assim que os testes laboratoriais ficaram prontos, Salete e Raul foram ao consultório. O médico examinou os resultados e, com expressão grave, afirmou:

- Os exames confirmaram minhas suspeitas.

- E então, doutor Francisco? - perguntou Salete, aflita. Fitando os pais, que aguardavam ansiosamente à sua frente, o

médico explicou:

- Lamento informar que as notícias não são boas. Asseguro-lhes que daria tudo para estar enganado em meu diagnóstico. O filho de vocês está com leucemia.

- Leucemia?!... - ambos se agarraram, como que buscando forças um no outro. Salete começou a chorar.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Olhem, não é caso para desespero. Hoje em dia existem tratamentos novos que têm apresentado excelentes resultados. A doença está apenas começando e isso é ponto a nosso favor.

- Quanto tempo, doutor? Quanto tempo ainda lhe resta? - indagou o pai, sentindo um nó na garganta.

- Não seja pessimista. Mesmo em processos fatais, varia de caso para caso. Cada organismo reage de forma diferente. Como afirmei, temos tratamentos revolucionários atualmente, e a doença foi detectada no início. Isso é muito bom. Por favor, não se desesperem. Têm que pensar no Fábio, que precisará de todo o apoio e o carinho de vocês. Não façam drama na frente dele. Ele necessita, mais do que nunca, de um ambiente de alegria, otimismo, paz e amor. A vontade de viver é o maior estímulo para a cura e temos que trabalhar nesse sentido. Pensem nisso.

Conversaram mais um pouco; o médico respondeu às indagações de ambos, explicou-lhes como a doença agia, o que teriam de enfrentar e o tratamento que seria implantado. Terminou dizendo:

- Estaremos mais juntos daqui por diante. Para qualquer coisa que precisarem de mim, não hesitem em me procurar, seja a hora

92

que for. Se forem religiosos, é hora de orar e, sobretudo, de conservar a esperança e a fé em Deus.

A partir desse dia, a vida de Salete e Raul sofreu transformação radical. Viviam em função do filho, dedicando-lhe mais tempo e satisfazendo-lhe todas as vontades.

Aos poucos Fábio foi piorando. Chegou a hora em que não conseguia mais ir ao colégio. O longo tratamento de quimioterapia, as internações freqüentes, os medicamentos constantes e o mal-estar sempre crescente, com dores generalizadas, fizeram com que Fábio, menino cordato e dócil, começasse a ficar revoltado com a situação.

Reclamava de não poder mais fazer as coisas de que tanto gostava. Não podia mais estudar, jogar futebol, brincar na rua com os amigos ou nadar.

- Por que eu?-perguntava ele à mãezinha.-Todos os meus amigos continuam do mesmo jeito! Só eu estou aqui preso nesta cama!

Salete o abraçava, carinhosa, consolando-o:

- É por pouco tempo, meu filho. Logo você estará bem de novo e poderá brincar à vontade.

- Será? Estou cada vez pior, mamãe!

- Não, querido, você está melhorando a cada dia. Faça direitinho as tarefas que a professora manda e assim, quando voltar à escola, não estará atrasado em relação à classe. Por falar nisso, hoje é dia em que a Márcia vem à tarde para dar-lhe aula de reforço.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Mas a verdade é que Fábio não via melhora alguma e, não obstante as palavras da mãe, do seu otimismo, intimamente, sentia-se muito mal. Alguma coisa lhe dizia que não ia sarar nunca, que ia morrer. Apesar da pouca idade, Fábio evitava falar sobre esse assunto para não entristecer seus pais, que já estavam sofrendo tanto. Sabia que eles choravam longe dele, porque percebia seus olhos vermelhos e inchados, embora, ao entrarem no quarto e se aproximarem da cama, mantivessem invariavelmente um alegre sorriso. Então, guardava para si mesmo seus pensamentos, evitando dividi-los com alguém.

93

Porém, uma revolta tão profunda se instalara em seu íntimo que não queria ninguém por perto. Não recebia mais os amigos, a professora, os parentes, os vizinhos. Vivia sempre fechado em sua concha de sofrimento.

Certa ocasião, estava sonolento quando notou, no quarto, sentado numa poltrona, aos pés da cama, um menino mais ou menos da sua idade. Estranhou. Não era nenhum dos seus amigos.

Quase dormindo, perguntou:

- Quem é você? Como conseguiu entrar? O garoto levantou-se, sorrindo, e informou:

- Olá! Sou Murilo. E entrei apenas.

-Vá embora! Não o conheço e minha mãe sabe que não quero ver ninguém!

- Sua mãe não me viu entrar. E, se visse, não poderia impedir-me. Fábio, mais desperto e interessado, indagou:

- Não? Você é muito estranho, cara! O que faz aqui, afinal?

- Vim vê-lo. Conversar com você.

A despeito da sua revolta, Fábio começou a ficar curioso, espantando definitivamente o sono. O que esse garoto teria para lhe dizer?

- Conversar comigo? Ah, então chegue mais perto. Diga logo o que quer e vá embora!

Quando o menino se aproximou, Fábio estranhou o aspecto dele: -- Você parece diferente!...

Assim dizendo, Fábio tentou tocar no garoto. Porém, com espanto, percebeu que sua mão não encontrou resistência.

- Ei! Não consigo tocar em você!

O garoto sorriu, divertido, informando:

- É porque não faço mais parte do seu mundo.

- Como assim? Você não faz mais parte do meu mundo? Veio de onde, então?...

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Calma! Devagar com as perguntas senão me perco. Respondendo: sim, não faço mais parte do seu mundo. Vim do mundo espiritual. Não tenho mais o corpo de carne, como você.

-- Quer dizer que já morreu?!...

- Para vocês, sim. Contudo, estou mais vivo do que nunca, como pode ver.

- Como isso pode acontecer? Não entendo. Minha mãe sempre disse que os mortos não voltam.

- Pois ela está enganada. A verdade, é que a morte não existe. É uma ilusão. O que acontece é que a alma, ou Espírito imortal, apenas muda de um estado para outro.

- Tão simples assim?

- É. Pode acreditar. Deus faz tudo perfeito e existe vida em todos os lugares. Na escola você aprendeu sobre os estados da água, não é?

- Sim. Ela pode estar no estado líquido, sólido ou gasoso respondeu Fábio, satisfeito por demonstrar seus conhecimentos.

- Isso mesmo. Já viu como a água da chuva, com o calor do sol, se evapora? Continua sendo água, mas em estado gasoso. Vai para o espaço e depois retorna em forma de chuva novamente. com o Espírito acontece mais ou menos a mesma coisa. Apenas muda de estado, mas continua sendo o mesmo!

Fábio mostrava-se agora mais animado e bem-disposto:

- Sabe que conversar com você me fez bem, Murilo? Até esqueci que estou doente.

- Se quiser, posso voltar outro dia.

- Quero sim. Gostaria de saber mais sobre esse tal *mundo espiritual*, onde você mora - disse Fábio, interessado.

- Podemos até passear! - sugeriu Murilo.

- Ei, cara, você está louco? Esqueceu que não posso andar?

- Claro que pode! O seu corpo material é que está doente, não seu corpo espiritual. Quando você estiver dormindo, podemos ir aonde quiser.

- Verdade? Posso deixar esta cama e sair por aí?

- Lógico! vou apresentar-lhe meus amigos, mostrar-lhe onde moro, levá-lo a lugares lindos, cheios de flores e de pássaros. Você vai adorar! Agora, descanse. Preciso ir embora, mas lhe prometo que voltarei. Tchau!

91

Fábio despertou no dia seguinte sentindo grande alegria e bem-estar. Seus pais estranharam a mudança que se operara nele.

- Dormiu bem, meu filho? - perguntou Salete.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Muito bem! Antes, tive um papo muito interessante com um garoto que veio me visitar. O Murilo.

- Mas ontem não veio ninguém aqui em casa. E não conheço nenhum Murilo. Você deve ter sonhado - respondeu a mãe, com firmeza.

- Não. Eu estava acordado. Ele falou mesmo que você não o viu entrar. Murilo é bem legal, mamãe.

Salete não quis encompridar a história, mas achou que o filho estava delirando. Preocupada, comunicou ao médico, que ficou de vir vê-lo mais tarde.

Na noite seguinte, Murilo apareceu trazendo alguns amigos. Eram crianças simpáticas, e Fábio logo fez amizade. A partir desse dia, ele tinha encontros freqüentes com Murilo e sua turma. Evitava de falar no assunto com os pais porque, sempre que tentava contar suas aventuras, ninguém acreditava nele.

Assim, os novos amigos o levaram para conhecer lugares lindos, onde viviam, a escola que freqüentavam, os passeios mais interessantes e muita coisa bonita.

Como não pudesse repartir essas informações com os pais, Fábio resolveu escrever tudo no seu diário.

Certa noite, chegou uma senhora de mãos dadas com as crianças. Sorridente, ela aproximou-se dele falando-lhe com ternura:

- Como vai, Fabinho?

- Mas... é a vovó Hortênsia!

- Sou eu mesma. Fico feliz ao vê-lo assim tão animado. Dê um abraço à mamãe e diga-lhe que fique tranqüila. Eu estou bem e cuidarei de você com muito carinho.

Fábio então percebeu que não ficaria muito tempo aqui na Terra. Sentia que estava sendo preparado para essa mudança e não tinha medo. E ele estava realmente muito mal, preocupando os pais, tios, avós e demais parentes.

96

Certa manhã, acordou com a sensação de que seu tempo se findava e resolveu chamar os pais no quarto.

- Preciso ter uma conversa muito séria com vocês. Raul e Salete se aproximaram do leito e Fábio disse:

- Papai. Mamãe. Quero agradecer tudo o que fizeram por mim até hoje. Eu amo muito vocês. Porém, sabem que vou ter que ir embora para um outro lugar.

A mãe, chorosa e aflita, o interrompe:

- Meu filho, por que está nos dizendo essas coisas? Você ficará conosco...ficará bom!

Sério, mas sereno, Fábio afirmou:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Mamãe, não se iluda. Minha hora de partir chegou. Não se preocupem comigo, estarei muito bem, tenho excelentes amigos no mundo espiritual e vovó Hortênsia cuidará de mim.

- Sua avó já morreu! Você não sabe o que diz, meu filho!

- Sei mais do que pensa, mamãe. Vovó Hortênsia tem vindo me visitar e até mandou um abraço para você. A morte não existe, mamãe. Continuarei vivendo e amando vocês do mesmo jeito. Acreditem.

Fez uma pausa, tomou fôlego, e prosseguiu:

- Mamãe, deixei meu diário na gaveta do criado-mudo. Depois da minha partida, quero que você e papai o leiam, ele a prova de tudo quanto lhes afirmei. Agora, estou cansado... muito cansado...

- Repouse, meu filho. Ficaremos aqui a seu lado. Algumas horas depois, Fábio piorou. Agonizante, em meio ao sofrimento de familiares e amigos, abriu os olhos lentamente. Vendo os pais ali juntinho dele, ensaiou um sorriso:

- Não... se esqueçam... do... que... lhes... disse. Faça... uma oração... mamãe...

Salette fez o pai-nosso entre soluços. Quando acabou, Fábio disse, olhando para o alto:

- Murilo e meus outros amigos vieram me buscar. Vovó Hortênsia, vovô Juarez também estão aqui. Até um dia...

E em meio à comoção geral, Fábio partiu, deixando nos lábios um ligeiro sorriso.

Alguns dias depois, ainda trespassados de dor, Salete e Raul estavam no quarto arrumando as coisas dele, quando se lembraram das palavras de Fábio. Abriram a gaveta do criado-mudo. Em cima de tudo, encontraram o diário. Ao abrir aquelas páginas, impregnadas da letra e da presença do filhinho, não puderam conter a emoção, pois constataram a veracidade de tudo quanto ele dissera.

Fábio relatava, com minúcias, todos os acontecimentos dos últimos meses. Falava das visitas espirituais que recebia, dos lugares e das pessoas que conhecera, muitas delas falecidas antes do seu nascimento e sobre as quais não podia saber. Mencionava até de um aborto que Salete tivera e que ele ignorava:

"Vovó Hortênsia me contou que, antes de renascer como Fábio, tentei vir na família, mas que abortei. Disse-me a vovó que eu precisava passar por essa experiência dolorosa e vocês também. Por isso, mamãe, não se culpe por aquele aborto. Era necessário. Mas voltei, para estar com vocês novamente, agora como Fábio. Quis Deus que eu retornasse cedo ao mundo espiritual. Em virtude de um erro que cometi no passado, estava previsto que minha reencarnação seria curta, mas que ela teria a função de despertá-los para as realidades espirituais. Nada acontece por acaso, tudo está previsto nas leis de Deus."

Quando Salete e Raul terminaram a leitura do diário de Fábio, estavam transformados. Ele lhes falara de coisas que, em circunstâncias normais, nunca teria condições de saber,

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

especialmente a experiência frustrada da primeira gravidez, da qual a mãe sempre se sentira culpada.

Jamais as idéias e conceitos escritos naquelas páginas poderiam ter saído da cabecinha de Fábio, um menino de oito anos. Eram grandiosas demais.

98

Confortados e confiantes, os pais começaram a ter uma outra noção sobre espiritualidade, sobre a vida e sobre Deus. Sentiam agora que Fábio realmente não morrera e que continuava vivo em algum lugar. Tinham também a certeza de que um dia teriam condições de se comunicar com ele.

A partir daquele momento, resolveram se informar sobre a realidade da Vida Maior, buscando numa Casa Espírita os conhecimentos necessários.

com a esperança e a confiança em Deus transformadas em companheiras diletas de seus dias, passaram a acalentar um objetivo na vida: o de ajudar outras famílias que também tivessem perdido entes queridos, espalhando, assim, consolo e paz, esperança e fé, como acontecera com eles, para que elas também voltassem a sentir a alegria de viver, convictas da imortalidade da alma.

Quando o sofrimento bater à sua porta e a dor confranger-lhe o coração diante da perda de um ente querido, não se desespere. A morte não existe e a vida continua em outra dimensão.

Por isso, conserve a confiança em Deus e o otimismo, com a certeza de que nossos amados continuam existindo. E mantenha acesa a chama da esperança, trabalhando e servindo, pois, algum dia, em algum lugar, iremos nos reencontrar.

99

CAP. 09 – A MENTIRA

Aquele, porém, que recebe a semente em boa terra é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos, dando cem ou sessenta, ou trinta por um. (Mateus, 13:23.)

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Ângela, 15 anos, tinha um gênio muito especial. Em qualquer situação, ela estava sempre alegre e bem-disposta. Jamais alguém a viu reclamar de nada, falar mal de alguém ou desanimar ante uma dificuldade.

Era sempre cheia de bom ânimo que chegava ao colégio, enquanto os demais colegas se queixavam, mal-humorados, por terem que levantar cedo, por serem obrigados a assistir aulas chatíssimas, enquanto o sol explodia lá fora em luz e calor, num alegre convite à vida e ao lazer.

Ouvindo as conversas, Ângela, porém, apenas sorria, sem fazer coro com as reclamações. Ao contrário, como *Pollyanna 1*, sempre descobria motivos para se alegrar e incentivo para aprender.

- Que é isso, pessoal? Se todos os dias fossem feriados, seria uma chatice! Em pouco tempo estaríamos cansados de não fazer nada. Além disso, ficaríamos com a cabeça vazia, sem conhecimento algum. Vamos lá, ânimo!

¹ Personagem do livro de mesmo nome, da autoria de Eleanor H. Porter, tradução de Monteiro Lobato, publicado pela Companhia Editora Nacional.

100

Esse seu comportamento incomodava inúmeros colegas, porque o ser humano sempre espera que os demais endossem suas idéias. Não deseja ouvir a verdade, mas apenas a concordância dos outros.

Especialmente Helena irritava-se com as atitudes de Ângela. Era uma morena de olhos chamejantes, rosto anguloso, altili e esguia, de modos desagradáveis e indelicados. Sua voz, de timbre metálico, arrogante e algo irônica, afastava as pessoas. Era do tipo que reparava em tudo, tecendo comentários maldosos sobre as outras colegas. Queixava-se de qualquer coisa, protestava contra tudo, desentendia-se facilmente com os outros. Somente Ângela tinha paciência e a tratava com bondade.

Helena, porém, não dava tréguas nem àquela que considerava sua melhor amiga. Aliás, a única.

- Não entendo esse seu jeito de ser. Para você está tudo bom, nunca se aborrece. Não acredito que seja assim de verdade. Para mim, isso é falso. Um dia sua máscara vai cair e vou dar boas risadas.

E Ângela respondia, serena e afável:

- Você pode não acreditar, mas eu sou assim. Para mim está tudo bom mesmo. Não vejo razão para reclamar de nada. Você não entende, porque pensa e sente de forma diferente, mas as pessoas não são iguais. Tente enxergar o mundo de outra maneira. Veja quanta beleza existe na natureza! As flores, os passarinhos, tudo me encanta...

- Bah! Não me venha com lições de moral. Você pensa assim porque não tem problemas, isto sim.

Ângela ouviu calada, respirou fundo, depois murmurou:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Você está enganada, Helena. Tenho problemas, sim, como todo mundo. Só acho que ninguém tem a obrigação de suportá-los. A carga é minha, Deus a concedeu a mim e espero ter condições de bem conduzir minha vida, vencendo os obstáculos que surjam em meu caminho.

Helena estranhou a maneira de falar da amiga. Isso nunca acontecera antes. Contudo, não deu o braço a torcer:

101

- Que problemas, que nada! Sua vida deve ser muito boa. Não sabe o que é sofrer. Certamente não tem pais separados e nunca foi obrigada a suportar brigas e desentendimentos dentro de casa.

- Sabe, Helena, esse problema realmente não tenho.

- Está vendo?

- Minhas dificuldades são outras.

- Não acredito!

-- Pense como quiser. Não posso convencê-la do contrário - respondeu Ângela, serena, dando por encerrado o assunto.

Despediram-se, cada qual tomando seu rumo. Nesse dia, porém, Helena ia pensativa. Percebeu, naquele momento, que nada sabia da vida de sua amiga Ângela. Haviam-se conhecido no colégio e suas relações se restringiam ao ambiente escolar.

Sentia-se descontente. Na verdade, a superioridade moral da colega a irritava profundamente. Decidiu que ainda veria a máscara de Ângela cair, custasse o que custasse. Começaria a fazer investigações. com certeza, também teria seus pontos fracos, como qualquer outra pessoa. E, quando os descobrisse, saberia usá-los a seu favor.

Chegando em casa, bela residência localizada em bairro nobre da cidade, onde morava com a mãe, passou Helena o resto do dia a meditar sobre o que deveria fazer.

Na manhã seguinte, logo cedo, encontraram-se no colégio. Helena, que tinha resolvido não perder Ângela de vista, notou que seus olhos brilharam em dado momento. Virou-se e viu alguém que acabara de entrar pelo portão. Era Júlio, um rapaz atraente, alto e forte, jogador de vôlei. Muitas meninas estavam interessadas nele. *A sonsa tem bom gosto!* - pensou.

Observando o rapaz, reparou que ele também olhava para Ângela e sorria. Toda sem jeito, ela baixou a cabeça.

Bingo! O dia hoje começou bem. Parece que essa boba tem seus segredinhos. Aposto que está apaixonada pelo nosso belo e atlético jogador. Veremos!

102

Durante a aula, tentou arrancar alguma informação da amiga, dando a entender que percebera um clima entre eles.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Você se engana, Helena. Eu e o Júlio não temos nada um com o outro.
- Mas você o ama, confesse.
- Bem, eu o acho muito simpático. Gosto dele - afirmou Ângela sorrindo, vermelha como um pimentão.
- E ele?
- Não sei, mas parece que também gosta de mim.
- Que ótimo! Espero que tudo dê certo entre os dois. vou torcer para isso - afirmou Helena, enquanto fazia figa com as mãos nas costas.

Decidida a fazer Ângela sofrer para, como ela dizia, fazer cair a máscara, bolou um plano.

Naquele mesmo dia, surgiu a oportunidade que almejava. Um professor não compareceu e tiveram aula vaga, sendo a classe dispensada mais cedo. Ângela foi logo embora, mas Helena esperou o término das aulas e, quando Júlio saiu do colégio, cruzou a frente dele.

- Preciso falar com você.
- A respeito de quê? - perguntou ele, que não simpatizava com Helena.
- É sobre Ângela. Mas, podemos ir andando? Não quero que nos ouçam.

Começaram a caminhar. Helena não pôde deixar de notar que, quando falou no nome de Ângela, ele se mostrou mais interessado.

- Muito bem, pode falar. Está acontecendo algo com a Ângela?
- Não. com ela, não. Estou preocupada com você.
- Comigo? Nem nos conhecemos direito! Que papo é esse? Mostrando-se meiga e sedutora, Helena olhou-o fixamente:
- A verdade, Júlio, é que sinto grande admiração por você.
- Sim? Continue.
- Bem, não pude deixar de perceber que tem interesse por minha amiga.
- Não é apenas interesse. Eu amo Ângela e estou esperando uma oportunidade para poder falar com ela.

103

- Aí é que está. Ela não merece seu amor. Acredite, pensei muito antes de vir falar-lhe, mas não poderia deixar que fosse enganado por ela.
- Como assim? Não estou entendendo. Explique-se melhor. Helena falou que Ângela não era aquela menina ingênua que aparentava ser, que era mentirosa, que fazia os rapazes se apaixonarem por ela e depois os abandonava, assim que surgisse outro melhor. E que ela lhe confessara que pretendia fazer o mesmo com ele. Para concluir, deu o golpe de misericórdia:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Como a aconselhei que não fizesse isso, que você não merecia ser tratado assim, Ângela deu risada e quis fazer uma aposta comigo, afirmando que iria conquistá-lo.

Enfim, pintou com cores tão fortes e cruéis o caráter de Ângela que o rapaz, decepcionado, afirmou:

- Tem certeza?

- Claro. Se não acredita em mim, pode perguntar para quem quiser.

- Entendi. Agradeço-lhe o aviso.

com fisionomia carrancuda e feroz, Júlio afastou-se, enquanto Helena disfarçava o riso. E se ele fosse mesmo se informar melhor, seguindo a sugestão dela? Bem, aí ela estaria enrascada. Mas não, não faria isso. O olhar dele era transparente, demonstrando ingenuidade e pureza. Confiava nas pessoas. E acreditara nela. Sua indignação, por isso mesmo, seria maior ainda, por sentir-se enganado. Não poderia permitir, porém, em hipótese alguma, que ele se aproximasse de Ângela, porque isso poria tudo a perder.

Nos dias seguintes, notou que Ângela estava séria e parecia um pouco triste.

- O que houve? - indagou, fingindo não saber.

- Nada.

- Como, nada? Vejo-a triste e ainda diz que não é nada? É problema com o Júlio?

- Bem, já que você tocou no assunto... É com ele, sim. De uns dias para cá, passou a me ignorar. Passa perto de mim e nem

104

me olha. Parece que está com raiva. Hoje mesmo eu o vi com outra garota...

- Que canalha! Você tem que esquecer esse cara! Quer que eu vá lá e brigue com ele?

Ângela suspirou e respondeu, depois de pensar alguns instantes:

- Não, Helena. Nunca houve nada entre nós. Mas tenho pensado em ir falar com ele e procurar saber se fiz algo que o magoasse.

- NÃO! Isso você não pode fazer! Vai se humilhar diante de alguém que a enganou? Nunca!

- Talvez você tenha razão, minha amiga, mas não gosto de situações mal resolvidas. E... se ele está interessado em outra garota, tenho que me conformar. Espero que seja feliz com ela.

- Ele não merece seu amor.

- Não se trata disso. Ele nunca me disse nada que pudesse induzir-me a pensar que me amava. Se eu cultivei esperanças, a culpa é minha, e não dele. Vamos deixar isso pra lá, está bem? É passado.

- Mas você está sofrendo! Chore! Grite! Arranque os cabelos!

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Pra quê? Nada disso iria mudar a situação!

Irritada por seu plano não ter funcionado, por Ângela ter conseguido manter-se serena, Helena saiu pisando duro e resmungando: - Você tem sangue de barata mesmo!

- Intimamente, contudo, mais do que nunca estava resolvida a prosseguir com seus planos. Esse ataque não dera certo, outro daria.

Quinze dias depois, Ângela não compareceu à escola. Alguém avisou que o pai dela estava doente. Helena achou que a situação seria excelente para ver Ângela sofrer e se desesperar. À tarde pegou o endereço na secretaria da escola e foi fazer-lhe uma visita.

Estranhou o bairro humilde, a casa singela. Muitas pessoas lá se encontravam. Havia um clima de velório. Deduziu que o pai deveria ter morrido.

Quando Ângela viu Helena chegar, veio a seu encontro com os olhos rasos de pranto. Pálida e com aparência cansada, era a imagem da dor.

105

Helena, satisfeita, aproximou-se da amiga, abraçando-a:

- Que coisa horrível aconteceu com você, Ângela. Deve estar sofrendo muito, sentir-se desesperada. Que golpe terrível Deus desfechou sobre sua família!

com serenidade, Ângela respondeu:

- Deus sabe sempre o que faz, Helena. Meu pai estava sofrendo bastante. Há cinco anos teve um derrame cerebral que o deixou imobilizado numa cama, dependendo de nós para tudo. Alguns dias atrás, teve uma pneumonia, que lhe foi fatal.

- Que sofrimento! Como Deus permite uma coisa dessas?

- Tudo tem uma razão de ser. Certamente, esse período foi importante, tanto para meu pai quanto para nós da família, que tivemos a oportunidade de assisti-lo em suas necessidades.

- Se fosse eu, estaria revoltada nessa hora.

- A revolta de nada adianta. Estou triste, sim, mas conformada, porque sei que meu querido pai, onde quer que esteja, está bem e amparado pelos familiares e amigos desencarnados. Seu Espírito está liberto das algemas que o prendiam à matéria e sua experiência dolorosa converter-se-á em bênçãos de luz na nova vida.

Helena estava perplexa. Esperava encontrar uma Ângela derrotada, amarga, angustiada e sofrida. Deparava-se com uma criatura forte e resignada; que estava sofrendo, sim, mas que mantinha um equilíbrio invejável naquele momento tão doloroso. Começava agora a ver a amiga de outro ângulo. Percebia que não era de superfície aquela atitude alegre, digna e cheia de bom ânimo que demonstrava sempre, e que ela julgara falsa e hipócrita. Não. Isso era algo que lhe saía do íntimo.

Um tanto envergonhada, Helena perguntou:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Ângela, nunca soube nada da sua vida. Achei que não tinha problemas e vejo agora que os tinha, e maiores que os meus. Gostaria de saber: o que lhe dá essa força?

Ângela sorriu por entre as lágrimas e explicou:

- Essa força me vem da fé. Sou espírita, e os conhecimentos que a doutrina me trouxe alargaram-me a visão e deram-me a

106

convicção da imortalidade da alma. Saber que não existe a morte; que a vida continua numa outra dimensão; que somos aprendizes nesta escola planetária, buscando crescer em todos os sentidos; e que, através das vidas sucessivas, iremos burilando cada vez mais nossos caracteres, são evidências que mudam nossa maneira de pensar. Hoje eu tenho certeza de que, através dessas experiências, iremos, pelo exercício do livre-arbítrio e pela conseqüente responsabilidade dos nossos atos, desenvolver sempre mais a nossa consciência de ser imortal.

Helena estava cada vez mais surpresa, pois Ângela, sem a intenção de aparentar conhecimentos, falara de maneira despojada e simples de assuntos sobre os quais aquela nunca havia pensado antes. Temas sérios e importantes, que fizeram com que notasse como era fútil, vaidosa e ignorante.

Baixando a cabeça, Helena deixou que as lágrimas lhe corressem pelo rosto. Pela primeira vez estava realmente tocada por alguma coisa. Abraçou Ângela, suplicando:

- Será que pode me perdoar? Não tenho sido uma boa amiga para você. Nem para ninguém.

Generosa, a órfã considerou:

- Não diga isso. Você tem me ajudado muito. Limpando as lágrimas, a outra retrucou:

- Diz isso porque não sabe das coisas que andei fazendo. Hoje não é o momento. Amanhã conversaremos. Agora, quero ser realmente sua amiga. Quero aprender com você tudo sobre esse *tal de Espiritismo*.

- Será um prazer. Vou levá-la para conhecer nosso grupo de jovens. Vai adorar!

Helena ficou mais algum tempo. Estava se despedindo quando viu alguém. Era Júlio que, meio constrangido, estava chegando. Foi ao encontro do rapaz, pegando-o pela mão e aproximando-o de Ângela. Entre ambos, segurando a mão da amiga e a de Júlio, encheu-se de coragem e disse:

107

- Fiz coisas horríveis. Sou mesquinha, fútil e má. Preciso que me perdoem.

Ângela, com seu jeitinho meigo, nem deixou que terminasse:

- O que é isso? Somos amigas! Seja lá o que for, já está perdoada. Esqueça!

com a voz alterada pelo pranto, Helena confessou:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Não posso. Não enquanto você ignorar o que fiz, Ângela. - Depois, virando-se para Júlio - Tudo o que lhe contei é mentira. Ângela é a pessoa mais doce, nobre e digna que conheço. Sejam felizes.

E colocando a mão de um sobre a do outro, afastou-se rapidamente.

Ângela, emocionada mas surpresa, inquiriu o rapaz:

- O que está havendo, Júlio? Não entendi nada! Mostrando também a generosidade do seu espírito, Júlio

respondeu dando de ombros:

- Não importa. Estamos juntos e as nuvens negras foram afastadas do nosso caminho. Isso é o que interessa.

Trocaram um longo olhar, cheio de carinho e emoção. De mãos dadas, entraram na casa humilde.

- Quero conhecer sua mãe, Ângela.

- Venha. Ela terá muito prazer em conhecê-lo, Júlio.

A Doutrina Espírita é a única que nos permite entender e aceitar as dores e sofrimentos da existência. Através dos conhecimentos que nos propicia, alarga nossa visão, fazendo com que possamos compreender melhor as pessoas, as situações e as coisas, e, em conseqüência, dar-lhes o real valor.

Somente a fé estribada na razão e calcada nos ensinamentos evangélicos pode nos dar a coragem e a fortaleza moral, o otimismo e a boa disposição para, de ânimo renovado, vencermos as aflições da vida.

108

CAP. 10 – A FLOR AMARELA

Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

- Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem. (O Livro dos Espíritos - pergunta 459, Allan Kardec.)

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Examinava o mato que despontava entre as frestas do piso. O solo cimentado, rústico e antigo, rompera-se aqui e ali, por onde ervas daninhas cresciam. No meio delas surgira, viçosa, uma pequena e singela flor amarela.

Apesar do momento difícil que estava vivendo, da cabeça sempre pesada, dos pensamentos confusos e do sono devastador, naquele instante Luzia olhou para aquela flor amarela que, do alto da sua frágil haste, parecia estar lhe enviando uma mensagem de consolo e de esperança. Era como se ela lhe dissesse, agitando ao vento a linda cabecinha de delicadas pétalas amarelas:

- Tenha confiança. Eu consegui vencer o solo duro e pedregoso. Foi preciso muito esforço e trabalho árduo, mas aqui estou, viva e feliz. Você também conseguirá!

Luzia suspirou, mais refeita, sentindo uma réstia de esperança balsamizar-lhe o íntimo. Nesse momento, porém, um barulho de vozes chamou-lhe a atenção, fazendo com que levantasse a fronte, esquecida já da pequena flor amarela. Duas mulheres se engalfinhavam numa briga, enquanto outras se aproximavam atraídas pela

109

confusão. Mais de uma centena de mulheres ali estavam, amontoadas naquele pátio, e as reações ante o fato eram as mais diversas: uma parte da assistência, alucinada, incentivava a luta; outra parte, também em crise nervosa, chorava, torcendo as mãos. Algumas mulheres corriam para se esconder, assustadas; inúmeras outras partiam para junto das contendoras, desejando participar da briga, tomando partido dessa ou daquela e demonstrando maior lucidez e agressividade; as demais, entregues a seu mundo íntimo, conservavam-se indiferentes, sem perceber sequer o movimento a seu redor.

Ao escutarem a gritaria, enfermeiras correram para apartar a briga e acalmar as oponentes, que foram levadas para o interior com certa dificuldade. Muitas tiveram que ser medicadas, em virtude do desequilíbrio que se estabelecera.

Cessado o problema, o pátio voltou à tranqüilidade de antes, e Luzia retornou a seus pensamentos. Ela foi uma das que se mantiveram distantes e indiferentes à confusão. Contudo, ao contrário de outras, ela não estava alheia ao problema. Percebera todo o movimento, o tumulto, a gritaria; só não se interessou mais por julgar que o fato não lhe dizia respeito. Além do mais, os desentendimentos eram normais nesse local, onde a tônica era não se fazer nada.

Há quanto tempo estaria ali, nesse lugar horrível? As horas se arrastavam, lentas, e perdera a noção dos dias, dos meses, talvez dos anos. Saudade imensa dos pais, dos irmãos, das amigas. Lembrava-se com carinho da escola, dos professores e até do pipoqueiro e do sorveteiro da esquina. *Por que minha família me abandonou à própria sorte?*

Essa era a primeira vez que Luzia se sentia mais lúcida, apesar de certa dificuldade em concatenar os pensamentos. As imagens da casa e dos familiares lhe surgiam na mente. *Como começou tudo isso?*

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Na tela da memória, as lembranças foram surgindo. Um dia bateram à porta e ela foi atender. Era um rapaz desconhecido que pedia ajuda. Em lágrimas, ele dizia que precisava encontrar a

110

família, mas que não sabia onde ela estava. Voltara para casa e não encontrara ninguém.

- Acalme-se! vou tentar ajudá-lo. Onde sua família mora? Como você se chama?

Antes, porém, que ele declinasse seu nome e endereço, a mãe de Luzia entrou na sala perguntando quem havia batido.

- É um rapaz precisando de ajuda, mamãe - afirmou Luzia. Dona Ivete olhou pela porta aberta - não havia ninguém!

Surpresa, virou-se para a filha, que permanecia tranqüila, sem saber o que fazer. Depois, a mãe exclamou, assustada:

- O que está dizendo, Luzia? Não tem ninguém aí fora!

- Claro que tem! É um rapaz, mamãe. Precisamos fazer alguma coisa por ele. Coitado! Sofre e chora.

A moça se voltou, convidando-o para entrar:

- Entre, por favor! - e, quando fez menção de apresentá-lo à mãe, já não o viu mais.

- Ué!... Para onde ele foi? Desapareceu!

Correu ao jardim, foi até o portão, olhou para todos os lados da rua, mas não o encontrou. Sumira.

Dona Ivete, perplexa, caiu sentada numa poltrona. Ao voltar, Luzia explicou:

- Que estranho!... Não sei para onde ele foi, mamãe. Deve ter entrado em alguma casa vizinha.

A mãe não fez comentário algum, limitando-se a observar a filha, discretamente.

A partir desse dia, tudo começou a piorar. A vida de Luzia parecia ter virado de pernas para o ar.

Certa noite, a família estava na sala assistindo à televisão e comendo pipocas. No intervalo comercial, Luzia dirigiu-se à cozinha para buscar um refrigerante. De repente, ela deu um grito tão angustiado que o irmão Breno, de 10 anos, assustado, jogou a travessa de pipocas para o alto. A vasilha rodopiou no ar e caiu no chão, espalhando tudo no tapete.

111

Todos correram à cozinha para saber o que estava acontecendo. Encontraram Luzia agachada e encolhida num canto. Trêmula e apavorada, ela disse:

- Papai, tem um homem horrível aqui dentro de casa! Agora ele foi lá para dentro! - e apontava o corredor que conduzia aos

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

quartos.

- Calma, minha filha! vou verificar. Ivete, você e os meninos fiquem aqui com ela.

- Papai, já sou grande e posso ajudar - afirmou Jéferson, de 12 anos, demonstrando coragem.

- Não discuta, meu filho. Se acha que pode ajudar, então fique aqui e proteja seus irmãos e sua mãe. Quando eu sair, tranque a porta.

Assim dizendo, Rubens pegou uma faca grande da gaveta da pia e, com cuidado, foi em direção ao corredor. Depois que ele saiu da cozinha, Jéferson rodou a chave na fechadura e ficaram quietos, aguardando, quase não se atrevendo a respirar. Algum tempo depois, o pai bateu na porta. Soltava o ar, aliviado.

- Não há ninguém, minha filha. Olhei em todos os lugares, examinei embaixo das camas, dentro dos armários, e nada. Graças a Deus, tudo está tranqüilo e em ordem!

- Mas, papai, *eu vi!* Tenho certeza de que ele foi lá para dentro. E não tem saída! Anão ser por alguma janela...

- Acalme-se, minha filha! Você deve ter-se enganado; ele não está dentro de casa. Além disso, as janelas têm grades de proteção, portanto não poderia ter fugido por uma delas.

- Papai, mas eu tenho certeza! Era um homem grande, forte, usava roupas velhas e sujas; a barba era longa e os cabelos compridos e desgrenhados; os olhos dele, porém, é que mais me impressionaram: duros e frios, olhavam-me ameaçadores. Fiquei com muito medo, e foi aí que gritei. E se ele ainda estiver lá fora esperando a gente dormir para entrar e roubar?

Rubens olhou para a mulher, procurando ajuda. Ivete, abraçada à filha, ponderou:

112

- Querido, talvez seja melhor ligar para a polícia. **Luzia** tem razão.

- Está bem. Concordo.

Pegando o telefone, Rubens chamou a polícia, que atendeu prontamente. Após examinar todo o quintal da casa e o dos vizinhos, os policiais foram categóricos:

-A região está limpa. Se realmente alguém esteve rondando a casa, já foi embora. Podem dormir tranqüilos. Todavia, para maior segurança, ficaremos vigilantes, dando voltas no quarteirão, Qualquer problema, nos comuniquem e viremos imediatamente. Boa noite.

Rubens agradeceu e, mais aliviados, foram dormir. Estavam todos exaustos. Eram quase três horas da madrugada.

Alguns dias depois, Ivete chegou em casa e encontrou Luzia dando gargalhadas na sala. O som estava ligado e ela conversava com alguém.

- com quem está falando, filha?

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Olá, mamãe! Estou conversando com estas duas crianças simpáticas que conheci hoje e que convidei para virem comigo. Não são lindas?

Ivete, com os braços cheios de compras, assustada, saiu apressada da sala, dirigindo-se à cozinha. Quando o marido chegou após o serviço, encontrou-a pálida e chorosa, preparando o jantar. - O que houve, Ivete?

- Precisamos conversar, Rubens. Estou apavorada. ; Abraçando o marido, ela recomeçou a chorar.

- Está bem, está bem! Não chore! Deixe o jantar para depois. e Ele desligou as panelas e levou-a para o quarto. - Vamos, agora me conte tudo. O que aconteceu?

Tentando controlar as emoções, mas com a voz embargada, Ivete explicou:

-Não sei o que está havendo. É Luzia que me preocupa. Ouça. Outro dia nossa filha atendeu a porta e... bem, a história você conhece...

111

E lembrou esse e o outro fato ocorridos recentemente, que a tinham impressionado.

- Para completar, hoje cheguei em casa e ela afirmou estar conversando com duas crianças. Mas não havia ninguém na sala, entende?

Respirou fundo e concluiu:

-Acho até que, naquela noite que você chamou a polícia, não havia ninguém em casa...

- Não é possível! Você quer dizer que nossa filha está vendo "coisas"? Não acredito! Temos que levá-la a um médico! - disse o pai, preocupado.

- Não sei... não sei... tenho dúvidas. Além disso, levá-la aonde? Não conheço nenhum médico que cuide desses problemas. Talvez um psicólogo...

- Boa idéia. vou procurar informar-me e descobrir alguém de confiança que possa atender nossa filha.

Por alguns dias, tudo permaneceu em paz, e, como é comum acontecer, os pais de Luzia acabaram por esquecer o assunto, achando que tudo voltara ao normal. Respiraram aliviados. Melhor assim.

Uma semana depois, foram despertados no meio da noite com barulhos e gritos. A confusão vinha do quarto de Luzia. Breno e Jéferson também tinham acordado e já estavam no corredor, olhos arregalados de medo e espanto. Ivete e Rubens entraram no quarto e encontraram a filha de pé, em cima da cama, falando e rindo, fazendo ameaças contra tudo e contra todos. Estava completamente diferente. Era outra pessoa. Tinha os olhos injetados, cheios de ódio, e falava com voz rouquenha de tonalidade masculina. Ao seu redor, uma porção de objetos quebrados e espalhados pelo piso, incluindo-se vidros de perfumes e cremes abertos e derramados, roupas retiradas do armário, rasgadas, parecendo trapos.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Em pânico, Rubens telefonou para o médico da família. Poucos minutos depois, apesar da hora avançada, o profissional da saúde chegou.

114

- Não se preocupem. Comuniquei o fato a um colega psiquiatra, e ele sabe o que fazer. Não vai demorar.

Logo em seguida, parou uma ambulância na frente da casa. Quatro homens fortes se apresentaram. Eram enfermeiros. Pareciam lutadores de boxe. Um outro carro chegou em seguida. Era o psiquiatra.

- O que vão fazer com minha filha? - perguntou a mãe, aflita, ao recém-chegado.

- Fique tranqüila, minha senhora. Apenas aplicaremos na menina uma dose de calmante.

O psiquiatra e os enfermeiros pediram licença à família e entraram no aposento, fechando a porta. Alguns minutos depois, quando a abriram, Luzia estava inconsciente e contida numa camisa-de-força.

Abraçados, os pais choravam ao ver a situação da pobre filha. Jéferson e Breno não entendiam o que estava acontecendo, pois até aquele momento ignoravam alguns fatos anteriores.

- Para onde vão levá-la, doutor Américo?

- Para uma clínica de repouso. Lá receberá todo o tratamento de que precisa. Aqui está o endereço. Amanhã à tarde, espero-os para podermos conversar. Até lá, terei examinado a paciente e estarei de posse de maiores informações sobre o caso. Às dezesseis horas, está bem?

- Sim. Mas e agora, podemos acompanhá-la? Luzia nunca ficou sozinha, separada de nós...
- perguntou a mãe, inquieta.

- Impossível. Nem adiantaria. Ela vai dormir muitas horas. Além disso, nesse tipo de clínica, não se permitem acompanhantes.

- Está bem. Amanhã iremos vê-la - aceitaram os pais, conformados, ao perceber que não tinham alternativa.

Luzia lembrava-se apenas de que acordava vez por outra sem saber onde estava, das picadas da injeção e de novos mergulhos no sono. Às vezes via a seu lado pessoas completamente desconhecidas. Tentava conversar, mas não conseguia articular direito as palavras, como um disco em rotação diferente.

Aos poucos, foi melhorando. Já conseguia permanecer algumas horas desperta e percebeu que estava num hospital. Um dia, quando o médico chegou, interrogou-o:

- O que estou fazendo aqui? Que lugar é esse? Onde estão meus pais?

Sorridente, ele examinou-a, calado. Depois, respondeu às perguntas:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Luzia, você estava passando por séria crise nervosa e tivemos que interná-la. Seus pais têm vindo vê-la, mas como você estava sendo submetida à sonoterapia, não os viu.

- Crise nervosa? Mas não sou nervosa! E não me lembro disso!

- Exatamente. Faz parte do processo. Mas fique tranqüila. Você está bem agora e recupera-se de forma promissora.

- *Recupero-me?* De quê? Tenho saúde excelente e nunca fico doente! Nem gripe pego!

- Fique calma, sim? Logo você irá entender o que lhe aconteceu. No momento, nada posso lhe adiantar.

Vendo que era inútil continuar perguntando, Luzia se calou. Desse dia em diante, pôde passear no pátio, conversar com as outras pacientes e tomar sol. Todavia, suas companheiras mostravam-se completamente desequilibradas, e Luzia tinha medo delas.

Certa tarde seus pais vieram visitá-la. Ela tentou convencê-los de que estava bem. Queria ir para casa. Os pais, porém, afirmaram que o médico não dera alta ainda. Teria que aguardar.

-Mas estou boa! Não tenho nada! Vocês todos me tratam como se eu fosse desequilibrada. Não estou louca!

- Calma, minha filha, não se agite! - disse o pai, preocupado.

- Sinto falta de casa, mamãe. Por favor, levem-me embora daqui!

Ivete, com o coração angustiado, tentava convencê-la de que precisava ainda permanecer em tratamento.

- Logo ficará boa, filhinha. Agüente só mais alguns dias. Agora, precisamos nos retirar. Terminou o horário de visitas.

116

Luzia agarrou-se aos pais, não querendo deixá-los ir embora. Um atendente teve que intervir, segurando-a. Novos medicamentos e nova fase de confusão mental.

Quantos meses já se passaram?

Olhando aquela florzinha amarela que brotara no meio do cimento, Luzia recordava-se de tudo o que acontecera até então.

Nesse instante, aproximou-se dela uma senhora que estava fazendo visitas aos pacientes.

- Como vai, moça? Sente-se melhor?

Levantou a cabeça e se deparou com uma mulher morena, de aparência humilde e com olhos ternos e cheios de paz. Apesar de nunca tê-la visto, sentiu que podia confiar nela.

- Nem sei. Acho que sim. A verdade é que não tenho nada. A senhora acredita em mim?

- Claro que acredito.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Verdade?

- Sem dúvida.

- Sabe que é a primeira pessoa que me dá algum crédito? Todas as outras pensam que sou louca! Minha família, os médicos, as enfermeiras, todos. Dizem que vejo coisas que não existem, que faço coisas das quais não me lembro.

- Eu sei. Mas você não tem nada. O que você tem chama-se mediunidade. Sabe o que é?

- Não.

- É a faculdade de se comunicar com aqueles que já deixaram este mundo - explicou a senhora.

- Quer dizer que *vejo fantasmas*? - perguntou Luzia, assustada.

- Mais ou menos isso. São espíritos como nós, com a diferença que já não têm mais este corpo de carne. É tudo tão natural que você pensa estar conversando com pessoas encarnadas, não ó?

- Isso mesmo. Muitas me pedem ajuda, outras querem apenas ser simpáticas. - Fez uma pausa e prosseguiu - Às vezes vejo coisas feias também. E fico com medo!

117

- Pois é, minha querida, mas as demais pessoas não entendem e pensam que você tem alucinações, que está desequilibrada. Se quiser, posso ajudá-la. Sou espírita e tenho estudado esses fenômenos. Faço parte de um grupo que presta assistência neste hospital. Meu nome é Francisca. E o seu?

- Prazer em conhecê-la, dona Francisca. Chamo-me Luzia. Se puder me ajudar, ficarei muito grata. A senhora é a única pessoa que até agora conseguiu me dar um pouco de esperança. Interessante!... Ainda hoje, ao olhar para aquela florzinha amarela ali, no meio das pedras, tive a impressão de que ela falava comigo, transmitindo-me idéias de bom ânimo e confiança. Será possível?

- Bem, com certeza a plantinha não fala, Luzia. Provavelmente, tendo em vista sua atenção fixada nela, algum amigo espiritual aproveitou-se da ocasião para inspirar-lhe bons pensamentos e confiança no amparo divino.

- Entendo. E esse amparo veio através da senhora. Aceito, agradecida, sua generosa oferta de ajuda, dona Francisca.

- Muito bem. Então, todas as semanas, no horário de visitas, virei aqui e irei ensinando-lhe o que sei. Agora mesmo, podemos orar juntas e eu lhe aplicarei energias através do passe. Aceita?

Luzia não sabia o que era o *passe*, mas aceitou, certa de que seria coisa boa, vinda de uma senhora tão simpática e amável, e que demonstrava tanta vontade de ajudá-la.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Desse dia em diante, Luzia começou a melhorar. Através das orientações de Francisca, sentiu a mente dilatar-se, as idéias se modificarem e passou a entender melhor as leis que regem a vida.

Compreendeu que todos somos espíritos imortais, transitando por etapas evolutivas distintas, o que explicava as diferenças individuais que sempre percebera entre as pessoas, e que absolutamente não entendia. Passou a respeitar mais o intercâmbio entre os dois mundos e a identificá-lo como processo natural, assim como a reconhecer, como oportunidade bendita de trabalho em favor do próximo, a faculdade peculiar que lhe fora concedida por Deus. Entendeu melhor a responsabilidade que todos adquirem perante

118

os próprios atos, segundo a lei de causa e efeito, que são consequências pelo mal uso do livre arbítrio. Especialmente, reconhecer Deus como o Criador do Universo, o qual entendi as leis perfeitas e imutáveis, sábias e justas. Sobre tudo, pôde confiar nesse Pai, soberanamente bom e misericordioso.

Todos esses conhecimentos, que adquiria em livros que dona Francisca lhe emprestava, fizeram com que também compreendesse melhor as outras pessoas, notadamente seus pais e o próprio médico, que ignoravam esses conceitos. Ao interná-la no hospital, julgaram estar fazendo o melhor por ela. Não eram mal-intencionados, apenas equivocados.

Em pouco tempo, Luzia era outra pessoa. Calma, ponderada, equilibrada. Rubens e Ivete, surpresos, achavam que o tratamento do Dr. Américo era milagroso e não se cansavam de gabar-lhe a eficiência. Ela nada lhes contou sobre as realidades que descobrira. Sabendo que eram bons, mas preconceituosos e desinformados sobre espiritualidade, deixou para contar-lhes depois que saísse da clínica. Senão, era provável que a obrigassem a permanecer ali, principalmente se fossem correndo informar o médico!

Assim, dois meses depois, Luzia teve alta. Havia crescido muito como pessoa. Enriquecera-se interiormente. Através das possibilidades de que dispunha, passou a usar sua sensibilidade mediúnica para ajudar as outras companheiras. Conversava com os espíritos, socorria-os quando necessitados, consolava-os em suas dores e, acima de tudo, incentivava-os à oração, elevando o pensamento a Jesus em benefício deles.

No entanto, fazia tudo em silêncio. Nada dizia a ninguém, sabendo que não iriam entendê-la.

Ao retornar para casa, sua primeira atitude foi implantar o *Evangelho no Lar*. Seus pais estranharam.

- Por quê? Você nunca se preocupou com religião! - indagou a mãe, surpresa com a idéia.

- É verdade. Porém, orarmos em conjunto fará muito bem a todos nós. Aprendi isso na clínica. O Evangelho de Jesus é repositório de sabedoria infinita que nos compete aprender e vivenciar.

119

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Mas vamos todos os domingos à igreja! Assistimos à missa, comungamos e confessamos regularmente. Não basta? -

considerou o pai.

- Não, papai, não basta. Compreendo hoje que nossas dificuldades residem exatamente na distância que temos mantido do Evangelho do Cristo. Não basta nos dizermos cristãos. É preciso que o sejamos realmente.

- Está bem. Se você acha importante...

Assim, aos poucos, através das lições evangélicas, Luzia foi explicando tópicos da doutrina de Jesus sob a ótica do Espiritismo.

Os pais estavam pasmos ante os conhecimentos que ela adquirira e a lógica que demonstrava em suas colocações. Um dia Ivete

perguntou:

- Minha filha, onde conseguiu saber tantas coisas? São idéias que nunca ouvi de ninguém! Quem lhe passou tantas informações? Percebo agora que nunca entendemos o Evangelho de Jesus. Líamos a Bíblia, mas não meditávamos em seu conteúdo profundo. Vejo-a segura e confiante como nunca. Gostaria de conhecer quem tanto a ajudou. Foi o Dr. Américo?

Luzia sorriu satisfeita. Era chegado o momento.

-Tinha certeza de que essa hora chegaria, mamãe. Terei imenso prazer em apresentar-lhes a pessoa que me socorreu nos momentos mais difíceis da vida, acendendo uma luz em meu caminho. Amanhã mesmo vou convidá-la para jantar conosco. Asseguro-lhes, porém, que não é o Dr. Américo.

No dia seguinte à noitinha, bateram à porta. Luzia foi abrir, contente. Ivete e o marido, surpresos, viram entrar uma mulher humilde, com trajes muito simples. Nada nela denotava fosse uma pessoa culta. Tinham-se preparado para receber alguém completamente diferente. Ficaram decepcionados.

- Mamãe! Papai! Esta é a pessoa de quem lhes falei: Dona Francisca! É uma grande amiga. Dona Francisca, meus pais. E estes são meus irmãos, Breno e Jéferson.

Cumprimentaram-se cordialmente e passaram a conversar sobre assuntos triviais. Após o jantar, foram para a sala, ocasião

120

em que os pais de Luzia aproveitaram para saber como Francisca tinha conhecido a filha.

- Nos conhecemos no hospital, aonde eu ia regularmente fazer visitas.

- Ah!... E como conseguiu com nossa filha aquilo que consideramos um verdadeiro milagre?
- perguntou Rubens.

Francisca explicou que era cristã, estudiosa da Doutrina Espírita, e que se afeiçoara a Luzia por perceber que ela não tinha problema mental.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Mas, como isso aconteceu? Por que não nos contou nada, minha filha? - indagou a mãe.

Luzia olhou-os com carinho e ponderou:

- Conhecendo-os como os conheço, sei que vocês não aceitariam o fato de que estava me interessando pelo Espiritismo. Não é verdade? Certamente, nem me deixariam sair do hospital. Por isso, resolvi que iria lhes contar apenas quando tivessem adquirido confiança em mim. Assim, comecei com o Evangelho de Jesus, que é básico para todo espírita consciente, tentando mostrar-lhes que não tenho problema algum, que estou bem e equilibrada, física, mental e emocionalmente.

com simplicidade e clareza, Francisca explicou aos donos da casa as razões das dificuldades que a filha experimentara. E Luzia completou:

- Entenderam? De fato, mediunidade é uma bênção concedida por Deus para que possamos trabalhar mais e melhor a benefício dos sofredores. Não é uma doença. É oportunidade de serviço na seara de Jesus.

Ivete e Rubens trocaram um olhar. Estavam perplexos. Jamais pensaram no assunto por esse prisma, tão lógico e racional.

- É. Acho que também precisamos estudar essa Doutrina que está modificando nossas vidas - afirmou o pai de Luzia com sinceridade e emoção.

com lágrimas nos olhos, a filha considerou:

121

- Hoje tenho certeza de que os problemas que atravessei nos últimos meses foram um chamamento para todos nós. O Senhor desejava nos despertar para as realidades espirituais, e conseguiu.

Abraçaram-se todos, comovidos. Depois, para encerrar aquela reunião tão produtiva e por sugestão de Francisca, elevaram os pensamentos em prece ao Criador, gratos pelas bênçãos recebidas.

O momento era de paz. Grande bem-estar inundava seus corações. Convicção íntima lhes assegurava que, a partir daquela noite, suas vidas nunca mais seriam as mesmas.

Se você sente, de alguma maneira, a presença dos Espíritos desencarnados, procure uma Casa Espírita, onde, além de orientação adequada, poderá estudar, aprender e compreender melhor a razão de seus problemas. E sentirá grande benefício com a terapêutica espírita, representada pelo passe, água fluidificada, leituras edificantes, trabalho no bem e, sobretudo, oração, que eleva o pensamento e melhora o padrão mental.

Mediunidade não é doença. É oportunidade que o Senhor nos concede de, através do processo de auto-educação, ajudar os outros e a nós mesmos, com vista a uma vida mais equilibrada, saudável e cheia de paz.

ERROS ACERTOS
Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

122

CAP. 11 – DOENÇA PROVIDENCIAL

Depois, tendo chamado o povo, ele **Ihe** disse: Escutai e compreendei bem isto: Não é o que entra na boca que contamina o homem, mas o que sai da boca do homem. O que sai da boca parte do coração, e é isso o que torna o homem impuro; porque é do coração que partem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as fornicações, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias e as maledicências; estão aí as coisas que tornam o homem impuro; mas comer sem ter lavado as mãos não é o que torna o homem impuro. (Mateus, 15:10 e 11 e 18 a 20.)

Sentado na soleira da porta, observando o movimento da rua, Henrique conversava com seus botões. Não entendia por que as pessoas o rejeitavam. Sentia-se, entre os próprios colegas, como um peixe fora d'água. Por quê?

Era um rapaz bem-apanhado, considerava-se até bonito, de estatura média para alta, vestia-se bem. Aos dezessete anos, não podia reclamar da vida, que Ihe dera tudo. Tudo? Então, por que essa eterna insatisfação?

Estava sempre irritado e descontente. Olhava o mundo a seu redor e nada via que o agradasse. Um azedume constante corroía-o por dentro como chaga cancerosa.

121

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

De fato, nunca se esforçara para ser simpático a quem quer que fosse. Considerava-se uma pessoa franca e sincera. Zunia a verdade como um chicote, doesse a quem doesse. E essa sinceridade, no seu entender, é que os outros não suportavam nele.

Nesse momento, alguém se aproxima. Senta-se a seu lado sem dirigir-lhe um olhar sequer. Sente um agradável perfume e nem precisaria virar-se para saber quem chegara. Seu coração exultou. Era Nice, uma colega de escola, linda de cair o queixo, olhos escuros grandes e veludosos, cabelos longos e macios, boca bem-feita, sorriso encantador. Como sempre, porém, ele tinha que ser irônico:

- Ora, veja só! Caiu da cama hoje ou deu correição de formigas no seu colchão?

A princípio, a garota permaneceu calada. Depois, virou-se para ele com expressão triste:

- Por que, Henrique?

- Por que... o quê, Nice? - indagou ele, surpreso.

- Você sabe.

- Não. Não sei. Explique-se melhor.

Ela suspirou, pensou um pouco, olhando os passarinhos que gorjeavam entre os galhos da árvore, e prosseguiu:

- Por que foi dizer pra todo mundo que eu estava *andando* com o Rui?

- Ah, isso?!... Bem... eu vi vocês dois juntos no parque... - disse, despeitado.

- E precisava contar pra todo mundo, Henrique? Além do mais, você disse que nós estávamos nos beijando, o que absolutamente não é verdade!

- Pois foi o que vi! - afirmou ele, convicto.

Na verdade, ele ficara enciumado por vê-la em companhia daquele rapaz, mas não admitiria isso nem para si mesmo.

- Não. Foi o que *pensa* ter visto. Henrique, você fala sem saber e magoa as pessoas, entende? Se lhe interessa, vou contar o que realmente aconteceu. Aquele dia eu tinha saído de bicicleta e

124

estava atravessando o parque quando um animalzinho cruzou a minha frente. Assustei-me, perdi o equilíbrio e caí. Por acaso o Rui, que também passava por lá, vindo em sentido contrário, viu o que houve e, gentilmente, me ajudou. Foi isso o que aconteceu.

- É verdade? - perguntou o rapaz um tanto aliviado, corando.

- Sim, Henrique, essa é a verdade.

Ela fez uma pausa e, com expressão de dor intensa, prosseguiu:

- Mas, você não ficou por aí. Andou dizendo também que eu estava fazendo uso de drogas.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Envergonhado, Henrique tentou se explicar:

- É que *todo mundo* sabe que o Rui é usuário de drogas. Então, pensei que você estivesse envolvida nisso também...

- Está vendo, Henrique? Você fala demais e sem pensar! Calunia as pessoas, até os amigos. Porque... nós somos amigos, não é? Pelo menos, eu sempre me considerei sua amiga. Nos conhecemos há tanto tempo! Desde que éramos crianças... Olhe, qualquer pessoa que falasse mal de mim eu poderia até entender... menos você.

Henrique avermelhou. Aquele *menos você* o atingira fundo, mostrando o tamanho da sua indignidade.

- Nice, por favor, me desculpe!

com os olhos rasos de pranto, a garota prosseguiu:

- Aceito suas desculpas, Henrique, mas isso não vai mudar nada. Agora minha reputação está lá embaixo. Estou mais suja do que pau de galinheiro. Nossos colegas de escola estão me olhando diferente, e algumas amigas passaram a me evitar. Certamente, os pais não me consideram mais uma companhia decente para suas filhas.

- Ah, Nice, lamento muito. vou tentar reparar o mal que lhe fiz. Prometo.

- Não adianta, Henrique. Jamais você poderá evitar que o mal se espalhe. É como um gás venenoso. Depois que vaza, ninguém mais consegue deter. Lembra-se da Vera? Você espalhou que a viu com um rapaz qualquer, e acabou com o noivado dela. Ou quando

afirmou que o Antônio havia roubado o *skate* do Caçula, só porque você o viu com um igual. Ou quando fez sua mãe brigar com a minha, jogando uma contra a outra e inventando calúnias. Ou...

- Chega, Nice! Por favor, basta!

A moça virou-se para o rapaz, olhando-o com firmeza:

- Afinal, Henrique, quando é que você vai mudar? Quando deixará de se comportar como um irresponsável?

Depois, com expressão de amargura, acrescentou:

- Você... não sabe como gostaria que tudo fosse diferente.

- Eu gostaria de mudar, Nice. Mas, sou assim, o que posso fazer? - falou desconsolado, segurando a cabeça entre as mãos.

- Pois pode modificar sua maneira de ver a vida. Tudo isso acontece porque você só vê o lado pior das pessoas, ou o que *pensa* ter visto. Você é amargo, negativo e mal-humorado. É como se usasse sempre uma lente distorcida. Mude a lente. Procure ver o lado melhor das situações e das pessoas e irá se sentir bem melhor.

- Não entendo... Sempre procurei falar apenas a verdade...

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Mentira! Você sempre falou o que *pensava* ser a verdade, nunca se preocupando se estaria magoando ou não as pessoas. Pare e pense, Henrique.

Ela se levantou e concluiu:

- Bem, é isso o que eu tinha para lhe dizer. Espero que nossa conversa seja de alguma utilidade para você.

Em seguida, Nice foi embora sem se despedir, sem olhar para ele.

Henrique continuou ali sentado, pensando em tudo o que ouvira. Nice estava magoada e com razão. Estava certa em tudo o que dissera. Ele precisava mudar. Mas, como?

Abaixou a cabeça e ficou ali fitando o tênis, pensativo. A imagem da mãe lhe surgia na mente. Quantas vezes ela também o alertara sobre esse problema? Mas ele não conseguia controlar a língua. Quando percebia, já tinha falado. Ouvir, porém, toda a verdade da própria Nice fora doloroso demais para ele. Ela batera firme.

Aquele dia Henrique não conseguiu parar de pensar no assunto. As palavras de Nice sempre lhe voltavam à mente. Justamente ela,

126

de quem ele gostava e, mais do que isso, por quem tinha verdadeira admiração! Por esse motivo, sentia-se arrependido e envergonhado.

A noite, recolheu-se cedo. Deitado no leito, preparando-se para dormir, buscava uma solução para seu problema. queria mudar, mas não sabia como.

Intuitivamente, lembrou-se de Deus, suplicando Lhe ajuda. Estava cansado de prejudicar os outros; muitas vezes **havia caluniado**, difamado e humilhado pessoas amigas, companheiras e alguns colegas de escola, por falar demais e não saber controlar a língua, Não suportava mais essa situação. Sozinho, no recesso do seu quarto, pela primeira vez Henrique chorou de arrependimento.

Chorou. Chorou muito. Lágrimas sentidas molharam o travesseiro e custou a pegar no sono.

Na manhã seguinte, acordou mais tranqüilo. A mesa do café, sua mãe perguntou:

- bom dia, meu filho! Dormiu bem?

- Mais ou menos, mãe.

- Ué! Você está meio rouco hoje?

- Acho que sim. Ontem à tarde tomei um pouco de chuva e acordei com a garganta irritada.

- Então, é bom se cuidar, meu filho. Na volta da escola, dê uma passada no médico. Sempre é bom.

- Não precisa, mãe. É só uma ligeira irritação. Amanhã estarei bem de novo.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Veja lá! com a saúde não se brinca, meu filho. Agora, tome seu leite e vá para o colégio. Está atrasado.

Henrique engoliu rapidamente o copo de leite e saiu correndo com a mochila na mão.

Na hora do almoço, a rouquidão tinha piorado. Estava com febre. A mãe levou-o ao médico, que diagnosticou uma forte amigdalite. Teria que tomar antibióticos e fazer repouso. Especialmente da língua. Não deveria falar.

127

Para Henrique aquilo era um tormento. Mas, o que fazer? Estava completamente afônico e, mesmo se quisesse, não conseguiria falar nada.

Após melhorar, voltou à escola. Porém, continuava sem poder falar. Isso fez com que aprendesse a ouvir. E ele, que nunca escutava ninguém, que sempre falava sem parar, agora via-se na contingência de ter que ouvir as pessoas. E percebeu que era bom. Chegou à conclusão de que não sabia nada sobre ninguém. Passou a conhecê-las melhor, saber o que pensavam, do que gostavam, o que queriam fazer na vida. E notou que, surpresas a princípio mas satisfeitas depois, elas lhe davam muito mais atenção, porque ele também lhes dava mais atenção, ouvindo com real interesse tudo o que diziam.

Mesmo não podendo falar, ainda assim via e pensava. Contudo, fiel ao propósito que se impusera de mudança de comportamento, procurava ver o lado melhor das pessoas e de tudo o que acontecia a seu redor. Se lhe vinha uma idéia má na cabeça, desviava o pensamento buscando o lado positivo. E assim teve condições de perceber quantas vezes teria errado, se tivesse ficado com a primeira impressão, enxergando apenas as aparências.

Apesar de curado da amigdalite, uma estranha afonia continuava. Tratou de faringite, de laringite, fez exames, testes, mas nada. Tendo o médico desconfiado de que poderia ser uma alergia, fez Henrique submeter-se a novos testes e a tomar medicação antialérgica, mas o problema persistia. Durante alguns meses, ele se viu impossibilitado de falar. Frequentava o colégio, assistia às aulas, fazia deveres, provas e, principalmente, ouvia os colegas.

Dessa forma, Henrique foi mudando. As pessoas passaram a gostar dele, os colegas o convidavam para festas e programas e - o que era mais importante - Nice aproximou-se mais dele.

Quando terminou o período letivo, três meses depois, Henrique já estava bem melhor. Conseguia falar um pouco, mas, se exagerasse na conversa, voltava a ficar afônico. Assim, aprendeu a se controlar, dosando a voz e falando apenas o necessário. Como agora

128

conseguia ouvir, encontrando nisso verdadeiro prazer, já não o incomodava tanto manter a boca fechada.

A classe preparou uma grande festa de confraternização para comemorar o término do ano. Cada um levaria um prato, refrigerantes, e alguém se incumbiria do som.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Henrique colaborou com entusiasmo na decoração do salão, cheio de otimismo e boa vontade. Nice, que o observava à distância, aproximou-se.

- Você parece contente, Henrique!

- É verdade. Sinto-me feliz, Nice - respondeu ele, acabando de fixar uma guirlanda na parede.

Desceu da escada e sentou-se para descansar um pouco. Nice o imitou, pensativa.

- Faz tempo que preciso lhe dizer uma coisa, Henrique. Nem sei como começar.

- Pode falar, Nice.

- Henrique, gostaria que me perdoasse tudo o que lhe disse naquele dia. Acho que fui excessivamente dura com você e não tinha esse direito.

- Não se sinta culpada, Nice. Você fez muito bem. Foi graças àquela nossa conversa e ao puxão de orelhas que me deu, que resolvi mudar. Só posso lhe dizer uma coisa: obrigado!

- Mas eu não tinha o direito de julgá-lo. Todavia, confesso que você mudou bastante. É outra pessoa!

- Mudei... para pior? - perguntou ele, rindo.

- Não, bobo. Para melhor, é claro! Gosto mais de você assim. Está bem mais agradável e simpático, além de bem-humorado.

- É porque me sinto melhor, por dentro. E isso eu devo a você!

- Não é verdade. Deve ao seu problema de garganta! Ambos riram, satisfeitos.

- O problema na voz contribuiu, facilitando a implantação das mudanças que desejava em mim. Contudo, foram as suas palavras que me tocaram intimamente. Não fossem elas, nada teria conseguido.

129

Ambos ficaram se olhando com carinho. Havia uma afinidade que os unia, que criava elos profundos entre eles. Henrique tomou na sua a mão da companheira e falou, comovido:

- Preciso lhe dizer uma coisa. Sempre gostei de você, mas nunca tive coragem de confessar meus sentimentos. No fundo, sou um tímido. Não sabia o que você ia pensar de mim, tinha medo de que me desprezasse.

- Henrique, finalmente! Também sempre gostei de você e esperei com ansiedade este momento. Naquele dia, quando lhe disse todas aquelas coisas, não percebeu que estava tão magoada porque o amava?

- Não, minha querida. Eu estava cego. Olhou fixamente para ela e perguntou:

- Quer ser minha namorada?

- Claro que quero!

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Nisso, um barulho ensurdecedor de palmas soou perto deles. Eram os demais colegas que haviam parado suas atividades para

ver a cena.

Da Espiritualidade, nós acompanhávamos o desenrolar dos acontecimentos, satisfeitos com o resultado.

Um dos rapazes perguntou ao coordenador do nosso grupo:

- Felizmente, Henrique mudou. Teria ele conseguido vencer sem a ajuda que teve?

- Provavelmente não. É difícil vencer a si mesmo. Todavia, o que prevaleceu foram suas boas intenções. No momento da crise, naquela noite em que elevou o pensamento ao Criador com sinceridade e real desejo de mudar, favoreceu a assistência dos amigos espirituais, e o resultado aí está.

- E a doença? Henrique teria que passar por isso?

- Na verdade, ela funcionou como trava de contenção provocada pelo próprio Espírito. Henrique sabia que precisava modi-

130

ficar-se e desejou com veemência, embora inconscientemente, não poder falar. Em vista disso, só aos poucos recuperou a voz, o que lhe foi de grande utilidade. Esperemos que a lição lhe tenha sido proveitosa e que fique curado do hábito de falar demais e de forma inseqüente.

- Bendita doença! - exclamei.

Todos caímos na risada, satisfeitos e bem-humorados, sabendo que mais uma atividade fora concluída de maneira produtiva.

O Mestre assevera: "São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso".2

Assim, para uma vida mais saudável e feliz, e para um melhor relacionamento com as pessoas, é necessário focalizar o lado bom de tudo o que nos cerca, deixando a parte negativa de lado, já que todos somos um misto de luz e sombras, de coisas boas e ruins.

Somente nos tornaremos melhores quando nossos conceitos se harmonizarem com a regra segundo a qual devemos agir com os outros da mesma forma como gostaríamos que agissem conosco. (2 Mateus, 6:22.)

131

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

CAP. 12 – INDIFERENÇA

A tranqüilidade comprada à custa de uma indiferença culposa é a tranqüilidade do mar Morto, no fundo de cujas águas se escondem a vasa fétida e a corrupção. (O Evangelho segundo o Espiritismo capítulo **XIII, item 17, Allan Kardec.**)

A chuva caía torrencial. Nuvens pesadas escureceram o céu e as luzes dos postes se acenderam, apesar da hora matinal. Caminhando pela rua, abrigado sob insuficiente guarda-chuva, Edinho tentava desviar das poças d'água que invadiam as calçadas.

Lutando contra o vento, que a todo instante ameaçava virar-lhe o protetor, ouviu uma buzina insistente a seu lado. Levantou a cabeça e, no meio do aguaceiro, reconheceu o carro de dona Amélia, mãe de uma colega. Abrindo uma fresta da janela, ela gritou:

- Edinho, venha!

A esse convite, o rapaz apressou-se a entrar no carro, fechando o guarda-chuva com dificuldade. Todo molhado, sentou-se no banco confortável.

- Ah, dona Amélia, obrigado! Esta carona veio mesmo a calhar! Contudo, veja, estou molhando o estofado e o tapete do

seu carro.

- Ora, não tem importância. Vai para a escola?

Ao sinal afirmativo do moço, dona Amélia virou a esquina, tomando o rumo do colégio.

132

- Por que não telefonou pedindo carona, edinho? Sair com um tempo desse é loucura. A chuva está muito pesada.

- É verdade, dona Amélia. É que, quando saí, estava só chovendo. Depois é que a chuva apertou.

Parando diante do portão da escola, a senhora lembrou: -Apropósito, Edinho, você vai amanhã com o pessoal a favela?

- Creio que não, dona Amélia. Não gosto de ir a esses lugares. Sinto-me mal.

- Ah, bem... se é assim...

- Obrigado mais uma vez, dona Amélia. A senhora foi muito gentil. Até outra hora!

Edinho desceu correndo e entrou no colégio. Os alunos estavam em aula; muitos, no entanto, haviam faltado, certamente impedidos pela tempestade.

Ao passar os olhos pela sala, Edinho notou a falta de Nicole e comentou:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Até a Nicole deixou de vir hoje? Justamente ela que nunca falta!

Ao ouvir essas palavras, alguém lembrou:

- É verdade! Estava esquecendo de avisar. A Nicole não virá hoje porque sua mãe faleceu ontem à noite. Por acaso, passando pela casa dela a caminho do colégio, vi movimento e entrei para saber o que tinha acontecido e me deparei com o velório.

- Coitada! Qual foi a causa da morte? - perguntou outro.

- Acidente. Os pais dela estavam viajando e bateram num caminhão. Não sei bem como foi. O pai está bem, mas a mãe...

Todos estavam penalizados. Imediatamente, combinaram de ir dar uma força para a colega, que era muito estimada.

- E você, Edinho, também vai conosco? - perguntou Vânia.

- Infelizmente, não posso. Tenho tarefa urgente para fazer.

- O que pode ser mais urgente do que consolar uma amiga numa hora dessa? - indagou Berenice, um tanto irritada.

- Deixe, Berenice. Edinho não gosta de velório defendeu-o Ary.

- E quem é que gosta, pode me dizer? A gente não vai a um velório porque gosta, vai porque precisa. É um dever estar junto dos amigos numa hora tão triste como essa - insistiu a colega.

Edinho porém não respondeu, mantendo-se tranqüilo e inalterado. Encerraram o assunto assim que o professor entrou na sala, fazendo com que as atenções se voltassem para ele. Ao ser informado do que acontecera com a mãe de Nicole, o mestre dispensou a turma para que pudesse prestar solidariedade à colega.

Edinho não quis ir. Contudo, ao retornar para casa, ficou pensativo. A conversa na sala de aula não lhe fizera bem. Sentira-se mal ao perceber a irritação de Berenice contra ele.

A chuva tinha passado e um sol tímido aparecia entre as nuvens.

Sempre fora considerado um bom amigo. Equilibrado, mantinha-se sereno nas mais diversas situações. Em virtude disso, não raro era procurado pelas pessoas, que viam nele um confidente e conselheiro.

Mas agora, a atitude de Berenice ficou a incomodá-lo. Não conseguia esquecer as palavras da colega.

No dia seguinte, após as aulas, resolveu conversar com ela.

- Posso fazer-lhe companhia, Berenice? - perguntou sorridente.

- Ué! Não é este o caminho da sua casa.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- É verdade. Hoje, porém, tenho que passar no banco. Minha mãe pediu-me que pagasse uma conta.

- Ah!...

- Como está Nicole?

- Sofrendo, naturalmente. Perguntou por você.

- Mesmo? E o que você disse?

- Que você estava com problemas e não poderia comparecer ao velório.

Edinho suspirou aliviado.

- Obrigado. Por que fez isso, isto é, por que justificou minha ausência?

Berenice baixou a cabeça e explicou:

134

- Porque percebi como sua presença seria importante para ela e que a verdade poderia magoá-la.

- Ah!...

Quer um conselho grátis?

- Fale.

- Vá até a casa dela. Nicole precisa muito de consolo. Considera-o um bom amigo e confia em você.

Algo no tom de voz da acompanhante levou Edinho a indagar.

- Sua opinião a meu respeito não é muito boa, não é? Reprova minha atitude. Acha que estou errado.

Berenice pensou um pouco, depois respondeu lentamente, medindo bem as palavras:

- Acho que é egoísta. Só pensa em você mesmo. O rapaz abriu a boca, surpreso. Depois reagiu:

- No entanto, as pessoas gostam de mim. Confiam em mim. Acham que sou equilibrado, sereno...

- Eu sei. Mas, às vezes, a serenidade pode ser apenas indiferença.

- Bem, se é isso o que pensa...

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Indignado, Edinho afastou-se, virando na primeira esquina. Se continuasse conversando com Berenice, iam acabar discutindo e ele não queria brigar com ela. Aliás, não gostava de discutir ou de brigar com ninguém.

Seu estado de espírito, porém, não melhorou. Chegando em casa, pretendia tomar um bom banho, fazer um lanche e relaxar.

- Meu filho, não se esqueça de que hoje temos o Evangelho no Lar.

Mais então Ele tinha se esquecido por completo! E não estava psicologicamente preparado para enfrentar a família. Sentia-se irritado, deprimido, queria sossego. Mas não teve como fugir.

No horário combinado, acomodaram-se na sala para a reunião semanal do Culto Cristão no Lar.

Após a prece, seu pai pediu que ele abrisse o "Evangelho segundo o Espiritismo" e lesse a lição. Concentrando-se e pedindo mentalmente a bênção dos amigos espirituais, Edinho abriu o

135

livro. A lição, assinada pelo Espírito Miguel, era "A Piedade", constante do capítulo XIII, "Não saiba a vossa mão esquerda o que dê a vossa mão direita".

Edinho começou a ler, ouvido atentamente pelos demais. À medida que lia, foi ficando cada vez mais interessado. Um trecho, todavia, o impressionou bastante:

A tranqüilidade comprada à custa de uma indiferença culposa é a tranqüilidade do mar Morto, no fundo de cujas águas se escondem a vasa fétida e a corrupção.

Essas palavras pareciam ditas especialmente para ele. E naquela tarde, algumas horas antes, ouvira a mesma coisa de Berenice, dita de forma diferente, mas com o mesmo significado.

Terminou de ler e permaneceu pensativo. A irmã mais nova, que lhe era muito afeiçoada, comentou:

- Edinho, você parece preocupado. Está triste? Aconteceu alguma coisa?

- Não, claro que não.

Contudo, suas palavras não pareceram muito convincentes à família.

- Quer fazer algum comentário, meu filho? - perguntou o pai.

- Eu estava pensando sobre o tema... Pai, você acha que a serenidade pode mesmo ser apenas indiferença?

- Sem dúvida, meu filho. A tranqüilidade real é uma conquista de seres que já conseguem se manter equilibrados diante das mais diversas situações e dificuldades. Todavia, a indiferença dá a mesma aparência, enganando as pessoas. Dessa forma, é preciso analisar

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

o próprio íntimo para descobrir se somos realmente equilibrados ou simplesmente indiferentes, apáticos, mornos.

- Sempre procurei manter o equilíbrio, a serenidade, para não me deixar envolver por pensamentos negativos ou sentimentos inferiores...

O dono da casa pensou um pouco e prosseguiu:

- Só você poderá saber qual o verdadeiro móvel de suas ações, meu filho. Não raro, nosso comportamento apenas reflete uma reação de fuga diante de algo que poderá nos causar constrangi-

136

mentos, mexer com nosso íntimo, nos incomodar. No fundo, temos medo de ver nosso pequeno mundo agredido, agitado por causas exteriores. E assim corremos o risco de endurecer o coração, perdendo a sensibilidade.

- Compreendo...

- Por isso, meu filho, é tão importante nos deixarmos enternecer diante das misérias e dos sofrimentos de nossos semelhantes. A piedade é porta que abre nosso coração ao sentimento, libertando-nos do egoísmo.

Edinho compreendeu a lição que o texto lido lhe trouxera. O Evangelho tinha razão.

Ao término da reunião, com singela e tocante prece feita pela irmã caçula, ele sentia-se bem melhor. Estava mais leve, como se tivesse alijado dos ombros um pesado fardo.

Naquela mesma noite, telefonou para dona Amélia perguntando:

- Dona Amélia, desejo acompanhá-los à favela. Quando irão novamente?

- Que bom, Edinho! Iremos amanhã mesmo. com tantos embaraços - primeiro a chuva, depois o falecimento da mãe de Nicole -, não foi possível ir, o que faremos amanhã à tarde.

E combinaram horário e local para se encontrarem. Depois, satisfeito, Edinho resolveu sair para visitar sua amiga Nicole.

A princípio, temeroso de enfrentar a situação, pensou em ir apenas no dia seguinte, uma vez que, certamente, ela estaria exausta e precisando repousar. Depois, pensando melhor, achou que seria importante vê-la o mais rápido possível, falar-lhe de seus sentimentos e de como gostava dela. E, o mais importante, levar-lhe consolo e esperança e dizer-lhe algumas palavras sobre a imortalidade da alma, a inexistência da morte e o fato de que sua mãezinha continuava mais viva do que nunca numa outra realidade. Mentalmente, via-se conversando com Nicole a respeito do amor que continuaria existindo entre elas e da certeza de que a mãezinha, onde estivesse, não deixaria de pensar na filha querida. Que era

137

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

muito importante, nesses primeiros tempos, envolver o espírito materno em pensamentos de paz e de amor, evitando sentimentos de desespero e inconformação. Isso e muito mais teria a dizer para sua amiga...

com esses pensamentos, encheu-se de energia e de entusiasmo. Olhou para o relógio. Ainda era cedo, não mais que sete e meia da noite. Naturalmente, faria uma visita breve, apenas para marcar sua presença.

Ao sair de casa, reconhecia-se leve e bem-disposto. Sorrindo

intimamente, pensou:

- Nada como a paz da consciência tranqüila.

O Culto do Evangelho no Lar é luz em nossas vidas. Reunião simples, curta, no decorrer da qual, com a leitura e comentário das mensagens de Jesus, estaremos realizando uma verdadeira terapia em grupo, refletindo sobre os problemas e dificuldades da existência. Nesses encontros, obteremos força e disposição para nos melhorarmos, graças ao amparo e à assistência dos Amigos da

Espiritualidade.

A oração em conjunto é benéfica não apenas para o nosso lar - cujo ambiente, saturado de emanções positivas, produzirá tranqüilidade e bem-estar a todos da família - mas também a nossos vizinhos e a todo o quarteirão.

Se você ainda não instituiu o Culto do Evangelho em sua casa, inicie ainda hoje. Estabeleça um dia e horário mais convenientes para os membros da família e, uma vez por semana, receba Jesus em seu lar.

Experimente e não se arrependerá.

138

CAP. 13 – ÁRVORES E FRUTOS

A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má; porquanto, cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos nos espinheiros, nem cachos de uvas nas sarças. - O homem de bem tira boas coisas do bom tesouro do seu

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

coração e o mau tira-as más do mau tesouro do seu coração; porquanto, a boca fala do de que está cheio O coração. (Lucas, 6:43 a 45.)

O bando de garotos caminhava sem rumo pelas ruas da grande cidade. Era sempre assim. Eles se reuniam como um rebanho que obedecesse a secreto sinal; depois resolviam o que fazer. Gostavam mesmo era de mexer com as pessoas que passavam, provocar brigas com grupos rivais, pichar muros, riscar carros estacionados (quanto mais luxuosos, melhor), destruir telefones públicos, os orelhões, entre outras coisas.

Como uma tribo, vestiam-se da mesma maneira: calças largas e compridas, camisetas enormes, bonés na cabeça e velhos tênis nos pés. Brincos nas orelhas, tatuagens espalhadas pelo corpo e *pearcings* nos lugares mais inesperados.

Nessa noite, resolveram ir a um baile. Chegaram fazendo arruaças, provocando o porteiro e os seguranças.

139

Do enorme salão, repleto e enfumaçado, expulsaram um casalzinho de namorados que ocupava uma mesa bem localizada, e acomodaram-se.

A bebida rolou farta. Luzes coloridas espocavam de todos os lados e a música, frenética, era um convite à dança. Extravasaram a energia acumulada em movimentos exóticos e primitivos.

De repente, um esbarrão em alguém de outro bando foi o suficiente para deflagrar uma briga. Juntaram-se membros de uma tribo e de outra, e ofensas, socos e pontapés surgiram de todos os lados, enquanto canivetes, facas, porretes e pedras, misteriosamente, apareciam nas mãos dos mais exaltados.

A confusão estava armada. Em poucos minutos, vários jovens estavam feridos, caídos na pista de dança. Os seguranças surgiram e contiveram os mais violentos, retirando-os do salão.

Uma hora depois, na rua já deserta, os rapazes davam risada, comentando os acontecimentos da noite, orgulhosos do seu feito. Não pareciam pessoas normais, assemelhavam-se a um bando de bárbaros, guerreiros vitoriosos num combate. Alguns estavam machucados, precisando de cuidados. Um rapaz, que não tinha nada com a história, ferido gravemente, fora levado para o hospital. Nada disso, porém, importava. Afinal, cansados, com o dia amanhecendo, resolveram retornar para casa.

Frank - que recebera esse nome porque sua mãe, na época, era apaixonada pelo famoso cantor americano Frank Sinatra - entrou pé ante pé. Não queria que a mãe percebesse sua chegada; sermão, àquela hora, nem pensar!

Foi até a cozinha, abriu a geladeira e vasculhou seu interior. Só havia sobrado um pouco de arroz e batatas cozidas. Nada feito. Pegou um resto de leite numa jarra e tomou.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

A cabeça lhe doía horrivelmente em virtude da paulada que levava. Pôs a mão na região dolorida e retirou-a suja de sangue. Um grande galo erguera-se no local da pancada.

Dirigiu-se ao quarto procurando não fazer barulho. Apesar do cuidado, a porta se abriu com desagradável e inconveniente rangido.

140

Acendeu a luz e enfiava-se na cama, de roupii o tudo, quando a mãe entrou no quarto.

- Meu filho, ainda bem que você chegou! estava preocupada. Ele não pôde evitar um ar de contrariedade:

- Ainda acordada, mãe? Estava me esperando, é? Vá dormir! Ela ia dizer "sabe que não consigo pregar o olho enquanto você não chega", mas se conteve a tempo. Ele ficaria furioso! Não gostava de sentir-se fiscalizado. Considerava-se crescido o suficiente para ser dono dos seus atos.

- É que perdi o sono, meu filho, e não pude deixar de ouvir quando chegou.

De repente, num gesto de irritação, ele vira a cabeça ligeira mente, e a mãe vê sangue nos cabelos. Assustada, não contém um grito:

- Frank! O que foi isso, meu filho? Você está machucado! Deixe-me ver... oh, meu Deus!...

Ele tenta impedi-la de chegar perto, levantando os braços como um escudo.

- Não, mãe, não precisa. Estou bem. Isso não foi nada.

- Como não foi nada? Você andou brigando de novo?

- Uns caras invocaram com a gente e deu no que deu, pancadaria. Mas não tive culpa, mãe, eu juro. Estou bem agora. Só quero dormir. Descansar.

- Não antes de fazer um curativo. vou pegar a caixa de primeiros socorros no banheiro e já volto - ordenou ela, taxativa.

Retornou pouco depois e, com delicadeza, começou a cuidar do ferimento. O corte tinha uns três centímetros; felizmente, era superficial.

Terminando de fazer o curativo, a mãe guardou tudo, calada. Depois, antes de deixar o quarto, alertou:

- Graças a Deus, o estrago foi pequeno. Poderia ter sido bem pior. Agora durma, meu filho, é tarde. Amanhã conversaremos e você vai ter que me explicar tudo direitinho. Boa noite.

Sozinho no quarto, luz apagada, Frank continuava pensativo. Sabia que desgostara a mãe, e isso o incomodava. Tinha consciência

141

do quanto ela se esforçava, trabalhando para mantê-lo numa boa escola e suprir suas necessidades. Sentiu-se culpado. Mais do que isso. Embora não quisesse admitir, estava preocupado com o estado do rapaz que fora levado ao hospital. O que iria acontecer? E

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

se o desconhecido morresse, estariam todos encrencados! Certamente seriam chamados na delegacia para prestar esclarecimentos, e sua mãe teria que enfrentar mais essa vergonha. O que fazer?...

Não obstante os íntimos questionamentos, o sono era tanto que ele *apagou*, sem pensar em mais nada.

Despertou por volta das treze horas. A cabeça doía horrivelmente. Levantou-se, ainda sonolento, e foi procurar o que comer. Estava faminto. A mãe, debruçada sobre a máquina, costurava. Ao vê-lo, ela indagou:

- Como está, meu filho? Dormiu bem?

- Mais ou menos. Tem comida? Estou faminto.

- Claro, meu filho. Deixei almoço para você em cima do fogão. Sirva-se.

Ele fez o prato e sentou-se para comer. com uma das mãos segurava a cabeça - pesava uma tonelada. A mãe, que o observava disfarçadamente, percebeu o problema.

- Dói, meu filho?

- Muito.

Ela ficou calada. com a experiência **adquirida, sabia** que não adiantava falar nada naquela hora.

- Alguém me procurou, mãe?

- Não, meu filho.

O rapaz suspirou aliviado. Ainda bem! Sinal de que a polícia ou não tinha começado a agir, ou não tinha o nome dele e o de seus companheiros. Depois, era uma regra entre eles: ninguém abria o bico. Pensou em telefonar para o chefe do bando, mas a dor de cabeça era tanta que ele desistiu. Acabou de comer e voltou para a cama, após tomar um analgésico que a mãe lhe dera.

Despertou novamente quando a noite chegara de mansinho cobrindo a Terra. Levantou-se. As luzes da casa estavam acesas e

142

ele se admirou de ter dormido o dia todo. Encontrou a mãe na sala, sentada à mesa. Uma melodia suave inundava o ambiente de paz; sobre a mesa, um livro.

- Que bom, meu filho! Acordou bem na hora de participar comigo da leitura do Evangelho. Sabe como gosto de buscar a ajuda de Deus, não é?

Frank esquecera-se por completo de que sua mãe era dada a esse tipo de leitura. Aliás, envolvido sempre com o bando, ultimamente quase não parava em casa. E quando a mãe o convidava para ler um texto do Evangelho de Jesus, arrumava sempre uma desculpa, alegava um compromisso e desaparecia. Naquela noite, sem ter como escapar e sentindo-se em débito, ele sentou-se, a contragosto.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

A senhora fechou os olhos, parecendo concentrar-se durante alguns segundos, depois fez uma oração, suplicando as bênçãos de Jesus para a família, para o lar, bem como o amparo dos Amigos da Espiritualidade. Em seguida, entregou o livro para Frank, pedindo:

- Abra, meu filho, e leia a mensagem que o Senhor nos reservou para esta noite.

O rapaz abriu e, diante de seus olhos, surgiu a página *Conhece-se a árvore pelo fruto*, constante do capítulo XXI do Evangelho segundo o Espiritismo.

Frank começou a ler a lição. As palavras pareciam impregnadas de verdades eternas. Nunca, como nessa noite, tinha sentido que a mensagem do Evangelho era para ele. Quando acabou de ler, estava profundamente tocado. A mãe ficou aguardando que ele dissesse alguma coisa.

- Sabe, mãe, creio que essa lição foi endereçada a mim.

- A mensagem de Jesus é para todos nós, meu filho.

Frank não conseguia falar, porque um nó se lhe atravessara na garganta. Calado, meditava sobre as palavras que acabara de ler. Quanto mal fizera a si mesmo e aos outros. Quanto magoara a mãe, que tudo fazia para vê-lo feliz. *A árvore que produz maus*

143

frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má. Ele viera de uma árvore boa, que frutos estava dando? Sua família sempre fora respeitável e digna. O pai, estimado por todos, era um exemplo para os que o tinham conhecido. Falecera havia seis anos, mas Frank lembrava-se dele com muito amor. Se o estivesse vendo, o que o pai pensaria dele, de todas as coisas horríveis que andara fazendo?

A emoção foi mais forte e Frank não conseguiu impedir que as lágrimas jorrassem, copiosas. Chorou muito, colocando para fora tudo o que estava represado no íntimo.

Cheia de carinho e gratidão a Deus, a mãezinha deixou que ele extravasasse sua emoção. Afinal, Frank parou um pouco de chorar e, estendendo a mão para a mãe, suplicou:

- A senhora me perdoa, mãe?

- Mãe perdoa sempre, meu filho.

- Tenho sido um mau filho. Fiz tudo errado. Estava cego. Sei que a senhora se mata todos os dias nessa máquina de costura - muitas vezes até de madrugada! - para prover o nosso sustento, e nunca fiz nada para ajudar. Ao contrário, só lhe dou despesas e desgostos.

- Você não estava bem consigo mesmo, meu filho. Todas as noites eu orava suplicando a Jesus que abrisse seus olhos para a Realidade Maior.

Olhou a mãezinha e viu só ternura no seu semblante. Nada de recriminações, nada de cobranças. Ela dava sempre sem nada exigir em troca.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Creio que a falta do meu pai me fez perder o rumo, mãe - murmurou abrindo o coração -, todavia sei que não justifica o que tenho feito ultimamente.

- Sempre é tempo de mudar, meu filho.

Munindo-se de coragem, Frank contou à mãe o que tinha acontecido na noite anterior. Não era mais o rapaz cheio de segurança, arrogante e agressivo; era um menino frágil e assustado diante da responsabilidade.

144

- O *cara* está no hospital e nem sei do seu estado. Tenho medo de que ele morra, mãe. Não sei o que fazer. Nem sei quem foi que o atingiu, porque vi canivetes e facas na mão de gente dos dois lados.

Frank chorava muito, com a cabeça entre os braços. Firme, mas cheia de compaixão, a senhora o acalmou:

- Meu filho, a vida nos ensina sempre. Quando não aprenda nos pelo amor, a dor transforma-se na mestra de que precisamos. hoje você está recebendo a lição da responsabilidade. Todos somos responsáveis pelos nossos atos, meu filho, e seremos cobrados de acordo com o que tivermos feito. O sofrimento, a angústia, a insegurança que você sente neste momento é o reflexo de tudo o que plantou. Então, terá que ser forte para suportar as conseqüências de seus atos.

Ela fez uma pausa, vendo que ele parará de chorar e a ouvia, assustado.

- Por outro lado, sua culpa é apenas por ter participado da briga, visto que não foi você quem feriu o rapaz, não é?

Ele sacudiu a cabeça afirmativamente.

- Então, nada tem a temer. Além disso, meu querido, pode ser que o estado do moço não seja tão grave assim. Vamos confiar em Deus.

- Daria tudo para que isso não tivesse acontecido, mãe. Gostaria de reparar de alguma forma...

- Sem dúvida, você não pode apagar o que já está feito, mas pode ajudar o rapaz. Amanhã, vá visitá-lo no hospital, procure saber se precisa de alguma coisa, se você pode ser útil de alguma maneira.

com nova esperança no olhar, Frank demonstrou ter gostado da sugestão:

- Mas nem sei o nome dele...

- Não será difícil descobrir. Ele deve ter sido levado para o hospital mais próximo do local. Verifique.

- Farei isso sim, mãe. Amanhã logo cedo.

- Tem uma outra coisa. E se a polícia... Frank não deixou que a mãe concluísse:

- Se a polícia bater aqui em casa, direi toda a verdade, minha mãe.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Isso mesmo. Mostre que é corajoso, meu filho. Mãe e filho se abraçaram emocionados.

-Ah, meu querido Frank! Você disse que sente muita falta do seu pai. Tentei criá-lo da melhor maneira possível. Procurei ser mãe e pai ao mesmo tempo para que você não sentisse tanta saudade dele.

- Mas eu sinto, mãe. Muita saudade.

- Meu filho, seu pai não está morto. A morte não existe e você sabe disso. Ele por certo está tão presente hoje em nossas vidas como sempre esteve, nos protegendo e nos amparando.

O rapaz, a quem a mãe vinha tentando passar alguns conteúdos espíritas sem muito resultado, indagou cheio de dúvida:

- Acha mesmo, mãe?

- Tenho certeza, meu filho. Olha, sinto que nossa vida vai mudar de hoje em diante. Graças a Deus, o pior já passou. E tenho a intuição de que seu pai tem parte importante nessa mudança.

- Agora que você falou, também estou começando a sentir isso, mãe. Não sei explicar, mas sinto algo no ar, noto que o ambiente está diferente... mais agradável. Tenho até a sensação de ver o rosto do papai sorridente, como era antes.

Naquele instante, lágrimas surgiram no semblante de alguém, iluminado por largo sorriso, de alguém que estava ali, embora os encarnados não o pudessem ver. Satisfeito, o chefe da pequena família ergueu as mãos para o Alto e agradeceu ao Criador a dádiva daquela hora. Conseguira sensibilizar o filho querido para a responsabilidade de seus atos, e isso era muito importante.

Em meio à grande emoção, a mãezinha orou, finalizando a singela reunião, enquanto o pai desencarnado abraçava os entes queridos, cheio de amor.

As sementes lançadas no terreno fértil de nossos corações, conquanto demorem, um dia acabarão por germinar, produzindo

bons frutos.

146

Muitas vezes, julgamos que nossos esforços foram infrutíferos; chegamos a desacreditar na possibilidade de mudança do alguém que desejamos muito ajudar. Todavia, é necessário continuar trabalhando e realizando a nossa parte sem desânimo e mantendo a confiança em Deus.

Quando menos esperarmos, as sementes brotarão, rompendo a terra. Os rebentos frágeis e indecisos logo se tornarão planta forte, vigorosa, produzindo muitos e bons frutos. Importante, porém, não esquecer que, se a semeadura é nossa, a colheita pertence a Jesus.

147

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

CAP. 14 – DIGNIDADE

Observai os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, nada guardam em celeiros; mas, vosso Pai celestial os alimenta. Não sois muito mais do que eles? (Mateus, 6:26.)

Toninho sentia o estômago se contorcer de tanta fome. Desde o dia anterior, não punha nada na boca. Muito pobre, a família, constituída por ele, a mãe e três irmãos menores, fazia verdadeiros malabarismos para sobreviver. Nunca sabiam quando seria a próxima refeição, se é que se podia chamar de *refeição* o que comiam.

A mãe, doméstica, trabalhava o dia inteiro para ganhar uma miséria. E se dava por muito feliz em ter esse serviço, quando tanta gente estava desempregada. O salário era pequeno, de fato, mas a patroa era boa, tratava-a bem, e além disso dava-lhe sempre sobras de comida, pão amanhecido, roupas e sapatos, que ela, Benedita, não podia comprar, o que representava na verdade um outro salário, de muita utilidade para a família. Por isso, nem pensava em reclamar, preferindo continuar trabalhando nessa casa, apesar das críticas de Toninho.

Ele tinha acabado de se levantar e, enquanto os irmãos ainda dormiam, conversava com a mãe, que acendia o fogo para ferver um pouco d'água numa caneca velha. Geralmente, esse era o melhor horário para conversar com a mãe; aliás, o único, visto que, quando ela chegava do trabalho à noite, estava tão cansada

148

que só queria terminar os afazeres e ir logo para a cama. Assim, aproveitando a oportunidade, voltou a insistir:

- Mãe, procure um outro emprego. Esse não lhe serve, a senhora ganha pouco e se mata de trabalhar. Sai cedo e volta só de noitinha.

E a mãe, uma mulher baixinha e decidida, respondeu:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Me deixa, menino! Sei o que faço. Gosto do emprego e das pessoas. Você é que precisa arrumar um serviço fixo qualquer para ajudar nas despesas da casa. Já está bem crescidinho!

- Eu sei, mãe. Pensa que não tenho procurado? Mas com doze anos é difícil. Outro dia mesmo, fiquei sabendo que o seu Maneco da esquina estava precisando de um entregador para a mercearia. Fui até lá, mas não adiantou nada. Deu tudo errado.

- Ora essa! E por que, menino? O que aconteceu? Ele é ótima pessoa, dizem que é patrão bom e correto - indagou a mãe enquanto coava um pouco de café.

Indignado, Toninho retrucou:

- bom, é? Não quis nem saber de mim! Alegou que não sirvo para o serviço...

- Como assim? Não serve para o serviço por quê?-perguntou a baixinha, colocando a mão na cintura.

- E eu sei?

Enquanto a mãe olhava para ele sem entender, com uma interrogação no rosto forte e moreno, como se dissesse *eu te conheço*, o rapazinho acabou confessando, a contragosto:

-Tem qualquer coisa a ver com más companhias...

- Ah!... agora entendo - exclamou a senhora, pensativa. Depois, mudando de tom, explodiu: - Quantas vezes avisei que você ia acabar se complicando se continuasse na companhia desses malandros? O seu Maneco, na verdade, acha que não pode confiar em você. E não posso tirar a razão dele. *Diga-me com quem andas e te direi quem tu és.* Já ouviu falar disso?

O garoto deu de ombros e retrucou, irritado: -Ah, mãe, esquece! São meus amigos e a senhora vive implicando com eles. Além disso, eu não estava mesmo interessado no

149

emprego. vou continuar catando papéis com o carrinho até aparecer

coisa melhor.

- Bem, meu filho, tenho que ir trabalhar. Estou até um pouco atrasada. Cuide de seus irmãos, está bem? Tem pão no armário e café coado, fresquinho. Pelo menos, vocês terão o que comer hoje.

- E a senhora? Não vai comer nada?

- Não, meu filho. Estou sem fome. Se tiver vontade, depois tomo café no serviço. Lá, nunca falta nada.

A mãe saiu e Toninho ficou matutando. Coitada da mãe! Não acreditara na conversa de que ela estava sem fome. Certamente não comera para deixar mais para ele e para os outros.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Toninho acordou os irmãos. Era tempo de levantar. Jair, Beto e Maurinho tinham, respectivamente, oito, seis e quatro anos. Deu-lhes pão e colocou café nas canecas. Como pensara, havia pouco pão, e, como a mãe, não comeu sua parte, distribuindo o pouco que restava entre os irmãozinhos.

Jair e Beto o ajudavam a catar papéis. Maurinho, apesar da pouca idade, era obrigado a acompanhá-los, pois não podia ficar em casa sozinho e eles não tinham com quem deixá-lo. Mas tudo tem suas compensações, porque ele tinha-se mostrado útil, uma vez que também estava aprendendo a bater nas casas e pedir. Como era pequeno, engraçadinho e falante, as pessoas gostavam dele e davam-lhe muitas coisas.

Contudo, a situação estava difícil, a concorrência era grande e muitas vezes voltavam para casa sem ter conseguido quase nada. Toninho ficava deprimido porque não gostava de ver os irmãos passarem fome. Algumas vezes saía com a turma e andava até cometendo pequenos furtos. Diziam seus amigos que *quem tem deve repartir com quem não tem*. Como as pessoas não repartiam espontaneamente, seria justo que tomassem o que lhes era de direito. Ainda mais que, para aqueles grã-finos ricos, um pouco de dinheiro a menos não faria falta.

Toninho não sabia se concordava com isso. Não era o que sua mãe, sempre muito honesta, lhes ensinava. Todavia, a verdade é

150

que o dinheiro furtado ajudava muito. Para a mãe, dizia que o dinheiro ganho com a catação de papéis, que fora um din bom e tivera bastante sorte.

Mas nessa manhã as dificuldades eram muito grandes. Toninho não tomara café nem comera pão, para que os irmãos pudessem comer; estava de estômago vazio desde a véspera. Sentia tonturas de tanta fome.

Nesse justo momento, Toninho passava com seus irmãos na frente de um prédio onde funcionava uma espécie de entidade assistencial. Alguém até já lhe falara desse lugar, mas ele nunca se interessara; tinha medo pois, uma vez lá dentro, não sabia o que poderia acontecer. Era um Centro Espírita, e a mãe não queria que ele se aproximasse *dessa gente*, que, dizia ela, tinha parte com o demônio.

Entretanto, Toninho viu pessoas saindo da casa com pacotes de alimentos. Seus olhinhos brilharam. Resolveu pedir informações a um garoto que acabara de sair lá de dentro todo satisfeito:

- O que é isso?
- Uma cesta básica, não está vendo? - respondeu o menino.
- Sim, eu sei. Mas, como foi que você ganhou essa cesta?
- Ganhando. É fácil! Basta freqüentar essa casa e eles ajudam a gente.

Mesmo sem saber direito o que queria dizer *freqüentar*, mas cheio de esperança e munindo-se de coragem, Toninho resolveu arriscar. Pesou os prós e os contras, e achou que

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

as vantagens compensavam seu medo. E, afinal, as pessoas que de lá saíam pareciam alegres e satisfeitas. Nenhuma delas tinha aspecto de ter tido um encontro com o *demo*.

Estacionou o carrinho no meio-fio e, chamando os irmãos, entrou. Havia muita gente lá dentro. Conversavam, satisfeitas, a maior parte em torno de compridas mesas. E, o mais importante, comendo.

Os olhos de Toninho e de seus irmãos se arregalaram. Um cheiro bom de comida vinha das enormes panelas colocadas sobre

151

uma das mesas, num canto. Sem saber o que fazer, qual atitude tomar, os meninos ficaram parados na frente da porta, indecisos. Foram *salvos* por uma jovem de belo sorriso, que se aproximou deles:

- Olá! Sejam bem-vindos! É a primeira vez que vocês vêm aqui, não é? Nunca os tinha visto.

- Sim. Olhe, moça, estamos com fome, mas não temos dinheiro para pagar... - explicou Toninho, constrangido.

A moça bonita sorriu, compreensiva:

- Fiquem tranquilos. Aqui ninguém precisa pagar nada. Entrem na fila e sirvam-se à vontade. Quando acabarem de comer, conversaremos.

Toninho, Jair, Beto e Maurinho estavam encantados. Imitaram as outras pessoas, que pegavam seus pratos e colocavam-se na fila para ser servidas. Depois, sentaram-se e comeram bastante. Entraram na fila mais umas três vezes. Comeram tanto que não conseguiam quase se levantar do banco. Depois, antes de sair do grande barracão, ainda ganharam algumas balas.

As pessoas, todas elas, eram muito simpáticas e agradáveis, sorridentes e gentis. Tanto as que serviam a sopa quanto as que ajudavam na limpeza das mesas tinham o mesmo ar satisfeito. Toninho reparou que tudo era muito organizado. Assim que os lugares ficavam desocupados, vinha alguém e deixava tudo limpo, para que outros pudessem sentar-se e comer também. Sentiu que tudo o que faziam era com amor, diferente de outros lugares que já tinha freqüentado, em que as pessoas pareciam irritadas e de mau humor.

Já na saída, conversando lá fora, Toninho encontrou a moça que os atendera. Ele tinha sede de informações, queria saber se poderiam vir mais vezes e muitas coisas mais. A jovem se antecipou:

- Estão satisfeitos?

- Sim! - responderam os quatro, ao mesmo tempo.

- Ótimo! Como se chamam? Toninho apresentou-se e aos irmãos:

152

- Meu nome é Antônio, mas todos me chamam de Toninho. E eles são meus irmãos: este é o Beto, aquele é o Jair e o menor é o Maurinho.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Muito prazer! - disse a moça, sorridente. - E eu sou Maria da Graça. E então, gostaram daqui?

- Muito. Posso trazer meus irmãos outras vezes?

- Claro, Toninho. Todos os sábados, das dez da manhã às três horas da tarde, estamos aqui. Pena que hoje vocês chegaram depois que a aulinha já tinha acabado.

- Aulinha? Aqui tem aulas também? - perguntou Toninho, animado.

- Sim. Tem aula de moral cristã para todas as crianças. Toninho, cujo maior desejo sempre fora estudar e nunca tinha podido freqüentar uma escola, ficou radiante.

- E podemos vir também? Sabe, Maria da Graça, não somos espíritas... - explicou o garoto um pouco preocupado.

- Isso não tem importância, Toninho. Aqui ninguém pergunta a religião das pessoas. Nosso Deus é o mesmo e Jesus é o Mestre Maior. O objetivo que buscamos é fazer o bem. Vocês serão sempre bem-vindos nesta casa.

Toninho ficou muito feliz com as palavras da moça, mas ainda restava uma coisa que ele queria perguntar antes de se despedir:

- Sabe, Maria da Graça, somos muito pobres. Meu pai morreu e minha mãe luta com bastante dificuldade para criar a gente. Ela ganha pouco e muitas vezes passamos fome...

A jovem percebeu que o menino estava um pouco constrangido e o incentivou a prosseguir:

- Não se acanhe, Toninho. Pode falar sem receio. Estou aqui para ouvi-lo e ajudar no que puder.

Mais animado, o garoto prosseguiu:

- É que, quando chegamos, vi algumas crianças e adultos saindo daqui com pacotes de alimentos e queria saber se não sobrou um pouco para nós também.

- Ah, compreendo. Sabe, Toninho, temos um serviço de entrega de cestas básicas todos os meses, mas é somente para famílias cadastradas.

153

A fisionomia do menino demonstrou tamanha decepção naquele instante, que Maria da Graça ficou penalizada.

- Porém, você poderá nos dar seu endereço para que alguém vá até lá fazer esse cadastro. Sua mãe preenche uma ficha e, todos os meses, enquanto houver necessidade, vocês receberão uma cesta básica. Entendeu?

- Entendi. Obrigado.

- Aguarde um momento. vou buscar nosso caderno de anotações.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

A moça voltou logo em seguida com um caderno bastante surrado e anotou cuidadosamente o endereço de Toninho.

- Muito bem. Não fica longe daqui. Amanhã mesmo alguém irá até sua casa. Aproveitamos sempre o domingo para esse trabalho, porque é mais fácil encontrar as pessoas em casa. Agora, vamos ver o que posso arrumar hoje, para vocês não saírem com as mãos vazias.

Maria da Graça pediu que eles aguardassem mais um pouco e voltou, alguns minutos depois, trazendo uma sacola cheia de gêneros alimentícios.

Os garotos exultaram. Toninho sorriu, satisfeito:

- Obrigado, Maria da Graça. Na semana que vem, estaremos aqui, com certeza.

- Não faltem. Estarei esperando vocês.

Toninho e seus irmãos retornaram para casa naquele dia cheios de esperança. Contaram para a mãe tudo o que tinha acontecido e ela, assustada, retrucou:

- Não disse para vocês não entrarem nesses lugares? Que esse povo tem parte com o demônio? Vocês estão proibidos de voltarem lá.

Toninho, no entanto, pela primeira vez, enfrentou-a inconformado:

- Mãe, eles são gente boa, simpática e agradável. Nos atenderam muito bem, deram comida pra gente, balas e até uma sacola de alimentos. E disseram que podemos receber todo mês uma cesta básica...

154

Os menores balançaram a cabeça, concordando com tudo o que Toninho havia dito. A mãe olhou para eles e para Toninho, em dúvida:

- Ah, não sei não...

- Mãe, se a senhora tem dúvida, pode ir conosco no sábado que vem. Assim, vai ver como lá dentro é tudo limpo e agradável. Garanto que não tinha demônio nenhum!

A senhora, que nunca tinha visto os filhos tão felizes, acabou concordando:

- Está bem. Já que vocês insistem... O próximo sábado é feriado e não vou trabalhar mesmo. Vou com vocês, mas, se ver qualquer coisa errada, saímos de lá na mesma hora. Combinado!'

- Combinado!

Os garotos pularam de alegria.

A semana demorou a passar. Os meninos estavam tão ansiosos que contavam os dias que os separavam do sábado, que não chegava nunca.

Afinal, ele chegou. Havia um bonito sol iluminando tudo, até suas almas, que estavam em festa. Arrumaram-se, colocando a melhor roupa. A mãe passou em revista cada um deles com olhar crítico:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Não gosto de filho meu andando por aí de qualquer jeito. Somos pobres, mas limpos.

Olhou as orelhas, penteou os cabelos. Afinal, deu-se por satisfeita e saíram.

Benedita estava um tanto assustada. Ao se aproximarem da construção simples, leu uma placa: "Casa da Sopa". Ao lado, havia outra construção, igualmente singela, onde estava escrito: "Centro Espírita Amor e Luz".

Notando-lhe o receio, Toninho pegou-a pela mão e a conduziu para dentro, com um sorriso encorajador, em que parecia dizer *não tenha medo*.

Entraram. Logo na primeira sala, encontraram Maria da Graça, que veio recebê-los, sorridente:

- Que bom que vieram! E desta vez trouxeram a mamãe também!

Toninho achou que competia a ele fazer as apresentações:

- Mãe, esta é a Maria da Graça, de quem já lhe falei.

- Muito prazer, moça. Sou a Benedita.

- Prazer imenso em tê-la conosco, dona Benedita. Seus filhos são muito simpáticos e educados. Mostram que receberam boa orientação.

Um tanto orgulhosa com as palavras da jovem, Benedita explicou:

- Faço o que posso, Maria da Graça. Gostaria de poder fazer mais, porém nossas condições não permitem.

- Sei que é sozinha e que luta bastante para criar seus filhos. Por isso, seu mérito é muito maior. Deus, certamente, saberá recompensá-la por seus esforços.

Benedita estava encantada com o jeitinho meigo e a doçura da moça. Quando ela falou em Deus, ficou mais tranqüila. Nesse momento, Graça olhou para o relógio e informou:

- Está na hora das aulas começarem. Venham, crianças! Dona Benedita, a senhora poderá ficar junto com as outras mulheres, enquanto levarei os meninos para as salas de evangelização.

A mãe entrou, algo constrangida, no recinto onde estavam as outras senhoras. Não conhecia ninguém e sentia-se deslocada. Estava ali a contragosto, e desejava apenas analisar tudo. Todavia, logo as outras mulheres começaram a conversar com ela e acabou ficando à vontade. Estavam sentadas em círculo, o que facilitava o contato umas com as outras. Uma senhora de rosto sereno e fisionomia simpática entrou e, após cumprimentar a todas e anunciar o seu nome, Rosa, sentou-se também, informando que iam começar a reunião. Feita uma oração, em que pediu a bênção de Jesus para todos, ela abriu um livro e leu uma página do Evangelho, a qual tinha por título: *Ajuda-te, e o céu te ajudará*.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Em seguida, Rosa falou sobre o assunto, pedindo a opinião das mães e incentivando-as a falar de suas experiências e a contar

156

fatos interessantes relacionados com o tema. em pouco tempo, todas estavam tranqüilas, enriquecendo-se com as palavras que ouviam e com os diversos relatos que lhes serviam de exemplo

Benedita estava surpresa. Nunca tivera a oportunidade de participar de uma reunião desse tipo, nem de refletir sobre esses assuntos, por isso demonstrava satisfação por estar ali. Aprendera muito naqueles minutos. Após os comentários, Rosa considerou:

-Então, como pudemos perceber por tudo o que vocês disseram, Deus, que é Pai amantíssimo, nos ajuda sempre. Para isso, porém, é preciso que cada um faça a parte que lhe cabe. Quem em/a os braços não pode ficar esperando que a ajuda caia do céu. O trabalho é importante para nossas vidas, não somente porque nos dá condições de mantermos a família, mas também porque livra nossas mentes de maus pensamentos. Então, ajudemo-nos e o céu nos ajudará.

Fez uma pausa e, fechando os olhos, concluiu:

-Agora, vamos agradecer a Deus por estes momentos. Façamos uma prece ao Senhor da vida, que nos supre de forças e nos sustenta nas lutas de cada dia.

Após a oração e antes de deixarem a sala, Rosa entregou um livro a Benedita, explicando:

- Sempre que alguém comparece pela primeira vez à nossa reunião, a Casa oferece este livro que, certamente, lhe será de grande utilidade. É o mesmo que lemos aqui hoje.

Benedita agradeceu, comovida, e leu o título da capa: *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Em seguida, passaram para o salão de refeições, onde Benedita encontrou os filhos, animados e sorridentes. Cada um deles queria mostrar o resultado do que tinha feito na sala de aula.

- Mamãe, veja o que eu fiz! - disse o caçula, mostrando uma folha de papel com um desenho.

- Que lindo, meu filho!

Sentaram-se e comeram com satisfação. Benedita sentia-se gratificada por ver os filhos alimentando-se bem. Uma onda de gratidão invadiu seu peito, derramando-se nos olhos úmidos.

157

Quando terminaram de comer, Maria da Graça veio conversar com eles. Benedita aproveitou para esclarecer algumas coisas:

- Maria da Graça, quando o rapaz foi em casa fazer o cadastro da família, estranhou que as crianças não estivessem freqüentando a escola. Mas não tenho condições para isso!

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Somos muito pobres! Além disso, preciso do Toninho para tomar conta dos outros menores... senão, como posso trabalhar e manter a casa?

A jovem ouviu com atenção e depois ponderou:

- Dona Benedita, tudo o que a senhora disse é muito justo. Sabemos das suas dificuldades e o quanto tem-se esforçado para manter a família unida. Contudo, a lei estabelece que todas as crianças são obrigadas a freqüentar a escola. Esta entidade ajuda muitas outras famílias, nas mesmas condições que a sua. Por isso, não se preocupe. Conversaremos com o responsável e veremos o que é possível fazer. Mas posso garantir que terá ajuda para manter os meninos na escola, material escolar, uniforme e tudo o mais de que precisar.

- Mas, e o caçula?...

- Temos uma creche, onde as crianças passam o dia, recebem todo o atendimento e retornam à tardinha para casa. Temos salas de aula com professoras qualificadas, atendentes dedicadas e amorosas, assistência médica, dentária e psicológica... enfim, não terá com que se preocupar. Poderá trabalhar tranqüila, sabendo que seus filhos estão bem cuidados e em segurança.

Benedita não conseguia acreditar em tamanha felicidade. Um novo mundo se descortinava à sua frente. Como não pensara nisso antes?

Para acertar tudo, dirigiram-se para uma sala, onde estava o responsável. Um senhor de meia-idade, simpático, que Benedita já tinha visto no meio do povo, as atendeu. Ouviu-as e anotou tudo, pegando os dados das crianças que seriam encaminhadas para a creche. Orientou Benedita para fazer a matrícula dos mais velhos na escola, visto que o ano estava no começo e não haveria dificuldade, comprometendo-se a dar o material escolar necessário.

158

- E quando as crianças poderão ir para a creche? - perguntou a mãe, ansiosa para resolver o mais rápido possível o problema.

- Já na segunda-feira poderá levá-los. Aqui está o endereço. Quando deixaram a entidade, Benedita sentia-se outra pessoa, mais animada e esperançosa. Sua vida dera uma reviravolta tão grande que não conseguia acreditar. A caminho de casa, percebeu que os meninos olhavam para ela esperando que dissesse alguma coisa. Fazendo uma careta, limitou-se a comentar, brincando:

- Vocês têm razão. Não vi nenhum demônio lá dentro. Todos caíram na risada.

No final do dia, Benedita resolveu ler, antes de dormir, um trecho do livro que ganhara. Abriu ao acaso e leu a lição: *Observai os pássaros do céu.*

As belas palavras de Jesus calaram fundo no seu coração. Apesar de considerar-se religiosa, jamais tinha-se interessado pelas leituras evangélicas, e agora notava o quanto lhe faziam bem à alma. Explicou como pôde a lição aos meninos e, em seguida, se recolheram em paz.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Na manhã seguinte, Toninho saiu para dar uma volta. Era domingo, a mãe estava em casa e poderia dispor de algum tempo para ele, o que era muito raro. Sentado à sombra de uma árvore, num parque, observava o movimento. Aos domingos o local era muito procurado e, àquela hora, estava cheio de gente. Nisso, viu um senhor que vinha em sua direção. O homem, que parecia preocupado, pegou um papel do bolso, abriu-o e começou a ler atentamente. Não percebeu que a carteira, quando levava a mão ao bolso, caíra sobre a relva, não fazendo barulho.

O primeiro impulso de Toninho, que tinha visto tudo, foi deixar o homem se afastar, depois pegar a carteira para si. *Afinal, o que é achado não tem dono, e qualquer grana será bem-vinda lá em casa*, pensou. O homem se vestia bem e certamente era rico. Deveria ter um bom dinheiro na carteira.

Naquele momento, porém, lembrou-se da aula de moral cristã, da leitura do Evangelho que tinham feito à noite, e as palavras de

159

Jesus lhe voltaram à mente: *Observai os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, nada guardam em celeiros; mas, vosso Pai Celestial os alimenta. Não sois muito mais do que eles?*

Baixou a cabeça, pensativo. Quanta coisa mudara na sua vida naqueles poucos dias! Sim, Deus estava lhe dando tudo, não necessitava roubar. Precisava aprender a confiar nEle. Depois de refletir um pouco, finalmente decidiu-se. Tinha que ser rápido! Levantou-se, apanhou a carteira e correu ao encalço do homem, gritando:

- Senhor! Senhor! Deixou cair sua carteira!

Admirado, o homem apalpou o bolso traseiro da bermuda e constatou, surpreso, que a carteira de couro realmente não estava lá. Olhou o garoto, vestido muito pobremente, e considerou:

- Por que resolveu devolvê-la? Poderia ter ficado com ela! Mas Toninho, levantando a cabeça satisfeito, e até com um

certo orgulho, afirmou, convicto:

- Porque não seria justo. Ela lhe pertence, senhor.

O homem abriu a carteira e estendeu algumas notas para o garoto, em agradecimento. Ainda uma vez surpreendeu-se com

sua atitude nobre.

- Não é preciso, senhor. Não fiz mais do que minha obrigação.

Guarde seu dinheiro.

Assim dizendo, o rapazinho virou-se e, cheio de dignidade, afastou-se de cabeça levantada. Pela primeira vez na vida, Toninho sentiu que fizera, conscientemente, algo correto em relação aos outros, e um grande bem-estar inundou seu íntimo. Já não era mais

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

aquele *trombadinha* que se aproveitava das situações, lesando as pessoas. Não, agora se julgava realmente um *homem de bem*.

O carinho e as atenções que possamos dedicar a alguém serão grandemente benéficos no serviço do bem. Nossa atitude, aliada aos ensinamentos de Jesus, poderão operar milagres.

160

Nosso comportamento, tratando as pessoas com dignidade e respeito, atendendo-lhes os anseios, ajudando-as e orientando-as na resolução de suas dificuldades, lhes dará a oportunidade de saber como também devem agir. Através da moral evangélica, aplicada ao nosso dia-a-dia, as criaturas irão se educando e se modificando, tal qual acontece conosco.

Pense nisso.

161

CAP. 15 – TRABALHO EM EQUIPE

O Senhor estabeleceu a cooperação como base indispensável de êxito de qualquer trabalho. O arado é precioso, mas inútil, se não possui a mão do lavrador que o dirige. O êxito é uma bênção de forças conjugadas da natureza. (Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, obra "Do Além para você".)

Maria Isabel, ou Belinha, como a chamavam carinhosamente, era a filha do meio, e sentia-se sempre espremida entre as outras irmãs: Maria Eugênia, a mais velha, e Maria Amélia, a caçula. Parecia-lhe que ninguém a amava. Eugênia, por ser a primogênita e já estar com catorze anos, era considerada mais responsável; por isso, gozava de certas prerrogativas, se atrevendo a dar ordens a torto e a direito. Quanto a Amelinha, de cinco anos, era particularmente mimada pelos pais, e Belinha não podia encostar um dedo nela, que lá vinha bronca: a caçula punha-se a chorar e, com ou sem razão, quem se dava mal era Belinha. Pelo menos, ela assim pensava.

Certa manhã, a mãe não conseguiu se levantar. Estava febril e sentia dores pelo corpo todo. O marido e as filhas, dispostos a não incomodá-la, deixaram que continuasse dormindo.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Foi o caos! Aquele dia, não havia ninguém para arrumar a mesa do café, nem para fazer os lanches. Eugênia procurava o uniforme

162

da escola, sem conseguir encontrar; Belinha tentava achar, em vão, um caderno que tinha sumido. Uma loucura! Afinal, depois de muita dificuldade, conseguiram sair de casa.

Na hora do almoço, a mesma confusão. Para facilitar, o pai chegou trazendo comida pronta. A mãe continuava na cama, incapaz de se levantar.

Ricardo esquentou a comida e todos comeram, tristes. A mamãe não queria se alimentar; só aceitou um pouco de chá com torradas.

Após o almoço, o pai voltou para o trabalho, preocupado com a esposa, mas ela lhe assegurou que não era nada. Apenas uma gripe; logo estaria boa.

Quando Ricardo retornou do serviço, encontrou a casa na maior bagunça. Eugênia estava no quarto, pendurada no telefone; Belinha, escutando música; e Amelinha, diante da televisão, assistindo a um desenho.

Ninguém tinha feito nada. Roupas sujas espalhavam-se pelos cantos, o chão não fora varrido, as louças do café da manhã e do almoço se acumulavam na pia e o banheiro estava na maior desordem.

Ricardo não fez comentários. Arrumou a mesa para o lanche, fez o café, esquentou o leite e colocou na mesa o pão fresquinho e cheiroso que comprara na padaria da esquina. Depois, enquanto as filhas estavam comendo, levou a refeição para a esposa no quarto.

- Como está, querida?

' - Melhor. Mas ainda não consigo me levantar.

- Precisa ir ao médico, Dora.

- Amanhã, se não estiver melhor, irei. Fique sossegado. Como estão se comportando as meninas?

- Bem, fique tranqüila. Está tudo sob controle. Não se preocupe com nada.

Ricardo deixou a esposa, dirigindo-se até a cozinha, onde as filhas lanchavam.

- Terminaram?

- Sim, papai.

- Ótimo. Quero conversar com vocês.

163

Sentaram-se em torno da mesa e Ricardo, depois de olhar para cada uma, considerou:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Estamos atravessando um momento difícil. A mãe de vocês não está bem e, como amanhã é sábado e não vou trabalhar, pretendo levá-la ao médico. Peço a colaboração de todas. Conhecem a história do feixe de varas?

Elas menearam a cabeça negativamente.

- Pois bem. Uma vara só é fraca e podemos quebrá-la facilmente. Todavia, se reunirmos muitas varas num feixe, elas ficarão fortalecidas e não conseguiremos quebrá-las. Assim também acontece conosco, minhas filhas. Se cada um tentar fazer todo o serviço de casa sozinho, não conseguirá ou levará muito tempo. Se trabalharmos juntos e cada um de nós fizer a sua parte, tudo ficará mais fácil. Entenderam?

As meninas concordaram.

- Ótimo! Então, vamos dormir. Amanhã, logo cedo, quero ver todo mundo fora da cama.

Na manhã seguinte, como Dora continuasse apresentando os mesmos sintomas, Ricardo levou-a ao médico. Antes, porém, acordou as filhas, avisando que deixara posta a mesa do café e alertando:

- Lembrem-se do que combinamos.

Todavia, depois de tomarem a primeira refeição, esqueceram-se completamente do serviço a fazer. Assim, uma hora depois, estavam nas suas atividades preferidas: Eugênia no telefone e

Belinha escutando música.

Só Amelinha estava preocupada com a situação. Lembrava-se da mãe, pálida, na cama; o pai, que chegava em casa sempre com a fisionomia cansada, depois de ter trabalhado o dia inteiro, e ainda tinha que fazer as tarefas domésticas. Não era justo.

Resolveu colaborar.

Assim, quando Belinha abandonou o som por instantes para atacar a geladeira, encontrou Amelinha passando um trapinho

molhado no chão.

164

- O que está fazendo aí ajoelhada no chão, Amelinha? - gritou. A pequena levantou a cabeça, assustada, e explicou:

- Estou limpando o chão!

- com esse pedacinho de pano? Acha que vai conseguir alguma coisa?

A menina fitou a irmã com aqueles olhos grandes e arregalados, pensou um pouco e respondeu:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Não sei. Porém estou fazendo a minha parte. Se eu não fizer, alguém vai ter que fazer. Quero ajudar. Papai e mamãe merecem.

Ouvindo as palavras da irmã caçula, Belinha baixou a cabeça, sentindo-se envergonhada.

Nesse momento, Eugênia, que tinha ouvido os gritos de Belinha e viera ver o que estava acontecendo, também escutou, em silêncio, tudo o que a pequena Amélia dissera. Iguualmente tocada pelas palavras da irmã mais nova, resolveu agir.

- Você tem toda razão, Amelinha. Temos idade suficiente para ajudar. Sempre recebemos tudo do papai e da mamãe e nunca fizemos nada. Chegou a hora de mudar. Vamos ao trabalho?

As demais concordaram, animadas.

- Você sabe fazer tarefas domésticas, Eugênia? - perguntou Belinha.

- Mais ou menos. Tenho visto como mamãe faz. Podemos tentar.

E Maria Eugênia, naturalmente com mais experiência por ser a mais velha, deu as orientações.

- Por onde vamos começar? - quis saber Amelinha. Eugênia pensou um pouco e decidiu:

- Bem, acho que devemos começar pelo chão. Amelinha, você pode pegar a vassoura e varrer o chão.

- Oba! Gosto disso! - respondeu a pequena toda animada.

- Belinha, você pode ir arrumando as camas. Acha que consegue?

- Claro! Isso é moleza!

- Enquanto isso, vou cuidar do banheiro, que está uma bagunça.

165

Cheias de disposição, começaram a trabalhar. Acabado um serviço, começavam outros. Belinha lavou e Amelinha enxugou as louças, enquanto Eugênia foi para o tanque cuidar das roupas sujas.

Mas ainda faltava o almoço! Logo os pais iam chegar e elas desejavam que eles encontrassem tudo em ordem.

- Você sabe cozinhar? - perguntou Belinha, aflita, para a irmã mais velha.

- Não. Mas talvez possa inventar alguma coisa. Que tal uma sopa? Mamãe está doente e sem apetite, mas creio que um prato de sopa ela tome!

- Viva! Mamãe gosta de sopa e eu também! - exclamou Amelinha, contente.

- Está vendo? Você já tem três votos a favor - concordou Belinha.

- Muito bem. Então, vamos descascar as batatas, as cenouras e os chuchus.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

com a colaboração de todas, que deram palpites quanto ao sal e aos temperos, a sopa logo estava pronta.

Não demorou muito, os pais retornaram. Ao abrir a porta, notaram a diferença.

- Humm! Que cheirinho gostoso!... - comentou o pai.

- Tem até flores no vaso! - exclamou a mãe, comovida.

- As flores são idéia minha, mamãe. Apanhei-as no nosso jardim! - disse Amelinha, satisfeita.

As meninas estavam orgulhosas do resultado da ação conjunta. Convidaram os pais para almoçar, colocando a travessa de sopa na mesa, as torradas e a jarra de suco.

- Parabéns, minhas filhas, não se esqueceram de nada! - disse a mãe, cheia de carinho. - Vocês são colaboradoras eficientes. Sinto-me até de ânimo renovado.

Ricardo, que também estava emocionado, concordou:

- Antes de almoçar, gostaria que aproveitássemos este momento para agradecer a Deus pela família maravilhosa que nos

166

concedeu, e também porque a mamãe não tem nada de grave. Apenas uma gripe que logo vai desaparecer. Muito obrigado, Senhor, por todas as bênçãos que recebemos de Ti. Sabemos que não merecemos tanto, mas que a Tua divina misericórdia se estenda sobre nós, enchendo-nos de paz, amor e alegria. Muito obrigado!

Estavam todos comovidos, e o ambiente da casa, agradável e alegre. Maria Eugênia, Maria Isabel e Maria Amélia trocavam olhares de cumplicidade, satisfeitas e risonhas.

- Esta sopa está uma verdadeira delícia! Quem foi a cozinheira? - perguntou Ricardo.

Elas se fitaram novamente e responderam, ao mesmo tempo:

- Nós!...

- Muito bem! Sinto, porém, um arzinho de cumplicidade entre vocês. O que está acontecendo?

As meninas voltaram a se olhar, cheias de afeto, e Eugênia respondeu:

- Não está acontecendo nada, papai. Apenas descobrimos hoje a alegria da solidariedade.

- Isso mesmo! Como é bom fazer as tarefas em grupo! Tudo fica pronto mais rápido e mais bem-feito - considerou Belinha.

- Até eu ajudei, mamãe. Trabalhei bastante! Acho que somos um feixe de varas bem forte! - completou a caçula.

Todos riram das palavras da pequena Amélia.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Graças à doença da mamãe, havia algo mais envolvendo a todos: a família estava mais unida, mais amadurecida. As filhas tinham descoberto o valor do serviço e a utilidade de trabalhar em equipe. Sentiam-se mais solidárias e fraternas umas com as outras. Este episódio fez com que crescessem interiormente, e até as pequenas desavenças, que ocorriam vez por outra entre elas, deixaram de existir.

No futuro, a lembrança dessa experiência seria muito proveitosa, pois jamais iriam se esquecer de como a união faz bem e como é bom trabalhar em grupo.

167

A vida é um hino à ação conjunta da Natureza.

É através da união de milhões de gotas d'água que surge a fonte cristalina. Sementes lançadas à terra não prescindem da cooperação do homem, do solo fértil, da umidade e do calor do sol, para que o processo de germinação ocorra. O vestuário que se adquire numa loja não existiria sem o concurso do lavrador que planta e colhe o algodão, da indústria que tece os fios e da fábrica que confecciona as peças.

Em todos os setores da vida, o resultado surge como esforço de uma equipe que, com disciplina e boa vontade, consegue vencer suas dificuldades a benefício comum.

Em nossa existência, não ocorre o contrário. É por isso que Deus nos proporcionou as condições necessárias de comunicação, aprendizado, discernimento e raciocínio para o nosso crescimento. Pense nisso!

168

CAP. 16 – AMBIÇÃO

Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará o outro, ou se prenderá a um e desprezará o outro. Não podeis servir simultaneamente a Deus e a Mamon. (Lucas, 16:13.)

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Olhou o relógio na parede. Ficou assustado. Quase cinco e meia! Precisava correr com o serviço ou não conseguiria terminá-lo até o final do expediente.

Américo era um rapaz ainda novo, mas que, pelo bom conceito que desfrutava, já tinha conseguido uma posição de destaque na empresa. com apenas vinte anos, entendia tanto de informática que acabou se tornando um funcionário indispensável à organização. Qualquer problema mais grave nos computadores, era a ele que se dirigiam.

De bom coração, sempre se preocupava com os mais necessitados. Quando criança, havia freqüentado as aulas de Evangelização na Casa Espírita, e agora fazia parte da Mocidade, nunca faltando às suas reuniões semanais.

Nascido em família modesta, sonhava ter condições financeiras para ajudar a todas as pessoas, especialmente as crianças e os velhinhos carentes. com esse intuito, orava muito a Deus, suplicando a Ele lhe abrisse uma janela de forma que pudesse concretizar seus objetivos. Se tivesse os recursos indispensáveis, quanto bem poderia fazer no amparo ao próximo.

169

Por anos e anos, incansavelmente, seus veementes pedidos chegaram às Esferas Espirituais, até que o Senhor atendeu-lhe as rogativas.

Certo dia, pesquisando no mercado de ações, Américo teve o impulso incontrolável de investir numa empresa quase desconhecida, cujas ações eram cotadas em valor reduzido. Como, apesar de receber um bom salário, não tinha poupança de vulto, investiu importância pequena. Três dias depois, a surpresa. Milagre! As ações da empresa subiram vertiginosamente, dobrando de valor.

Américo exultou. Não ganhara muito, mas seu pequeno capital havia dobrado. A partir de então, tornou-se fanático pela Bolsa. Terminava rapidamente suas tarefas, dedicando o resto do tempo a pesquisar no mercado de capitais.

Obteve tanto sucesso que, em poucos meses, tinha conseguido uma fortuna. Os colegas, surpresos e entusiasmados, passaram a imitá-lo, seguindo-lhe os conselhos. Era consultado para qualquer negócio, e o próprio chefe nada decidia sem ouvir-lhe a abalizada opinião.

Os pais, conquanto orgulhosos da capacidade do filho, se preocupavam com ele.

- Meu filho, todo cuidado é pouco - aconselhava o pai. - O mercado de ações é ingrato e costuma derrubar muita gente. Meu amigo Guilherme, por exemplo, investiu e...

Mas Américo, com sorriso irônico, cortava-lhe as ponderações, impedindo que o pai continuasse:

- Sei o que vai dizer, meu pai. Contudo, sei o que faço. Tenho provado minha capacidade.

O pai insistia, delicadamente, evitando aborrecê-lo:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Sem dúvida, meu filho. Todavia, pessoas mais experientes do que você, por confiarem demais em si mesmas, fracassaram.

- Foram imprevidentes, meu pai. Não se preocupe. Não acontecerá comigo, garanto-lhe.

O pai calava-se, percebendo que não adiantava ponderar com o filho, orgulhoso de suas conquistas e embriagado demais com o dinheiro para aceitar quaisquer conselhos.

170

Durante esse período, Américo mudara muito. Já não se preocupava tanto com as reuniões na Casa Espírita, nem participava mais das atividades assistenciais em bairro pobre da cidade. Não conseguia mais encontrar tempo para as tarefas que tanto apreciava antes. Suas preocupações agora eram diferentes. Vivia sempre mergulhado em números e contas.

Uma tarde estava na empresa trabalhando, quando a secretária comunicou que alguém desejava vê-lo.

- Mande entrar, por favor.

A funcionária saiu e, logo em seguida, uma cara conhecida assomou à porta da sala. Deixando o computador e levantando-se da poltrona com um sorriso, deu a volta à mesa para abraçar o recém-chegado:

- Gildo! Que alegria vê-lo! - cumprimentou.

- Como vai, Américo? Estamos sentindo sua falta! Se Maomc não vai à montanha, a montanha... - disse, reticencioso.

Compreendendo a alusão, Américo desculpou-se:

- Ah, sabe como é, Gildo. Tenho trabalhado muito, acumulo agora várias funções e não tenho tempo para nada. Hoje mesmo vou ficar até tarde trabalhando.

O outro sentou-se, meio constrangido.

- É, eu sei. Como vão as coisas?

- Muito bem. Entretanto, como já disse, serviço é o que não falta. Nem tenho podido comparecer mais às nossas reuniões da Mocidade. Como estão todos?

- Bem. com saudades de você, naturalmente. Ouvei dizer que você tem ganho importâncias vultosas no mercado de capitais. Parabéns!

- As pessoas exageram. Não é bem assim, mas considero que a sorte tem me favorecido algumas vezes.

-A sorte ou Deus? Sabemos que nada acontece por acaso, não é?

- Sem dúvida. Contudo, venho estudando bastante a flutuação do mercado de ações e aprendi a conhecer cada uma delas.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Gildo observava o amigo e notava-o bem diferente. Perdera a espontaneidade, estava tenso, ansioso.

171

-- Américo, longe de mim querer aconselhá-lo, quem sou eu! Todavia, esse mercado de capitais, que você afirma conhecer tão bem, já derrubou muita gente. Cuidado! Prudência sempre é bom.

Embora um tanto irritado - não apenas com as colocações do amigo, mas com todas as pessoas que insistiam em aconselhá-lo -, Américo se conteve.

- Agradeço sua preocupação, Gildo. Mas... você me procurou por algum motivo especial?

Estranhando a postura distante e profissional do companheiro espírita, Gildo desculpou-se:

- Não, nenhum motivo especial, a não ser o desejo de revê-lo. Agradeço sua atenção, Américo, mas sei que interrompeu o serviço por minha causa e não quero incomodá-lo mais. Quando tiver algum tempo, vá nos visitar. Todos terão imenso prazer em vê-lo novamente. Cuide-se.

Estendeu a mão, que Américo apertou sem grande entusiasmo, como se quisesse livrar-se dele como presença importuna. Antes de sair, Gildo virou-se e percebeu que o amigo já estava imerso na tela do computador, sem nem mesmo esperar que ele fosse embora. Pretendia alertá-lo para a necessidade da oração e da vigilância, mas não disse nada. Fechou a porta atrás de si com o coração apertado de preocupação.

O tempo passava e cada vez mais Américo mergulhava nas suas atividades lucrativas. Adquirira uma mansão em bairro elegante da cidade e para lá se mudara, sozinho. Estava cansado da ladainha dos pais, sempre dizendo a mesma coisa, sempre batendo na mesma tecla:

- A riqueza não traz felicidade, meu filho. E preciso voltar à vida simples de antes; renovar os ideais de progresso espiritual, de ajuda ao semelhante e de ligação com o Alto através da oração, da renovação dos pensamentos, objetivos maiores que - estes sim

- nos farão realmente felizes.

- Ora, meu pai, você só pensa nisso. Parece que se cristalizou no tempo! Qual o crime de querer melhorar, trabalhando para adquirir mais recursos materiais?

172

- Nenhum, meu filho, desde que a busca de riquezas não se torne prioridade na vida. Nosso verdadeiro objetivo é a evolução espiritual. Onde deixou seus ideais de amparo aos mais carentes? Desejava ganhar dinheiro, dizia, para ter condições de dividir com o próximo. Esqueceu tudo o que sonhou por tantos anos?

Constrangido e incomodado, Américo respondia:

- Claro que não esqueci. Busco ganhar mais para ter como ajudar o semelhante.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Você já tem tanto, meu filho! Pare um pouco com essa loucura de ganho excessivo. Pense mais em seu lado espiritual, que é o que realmente importa.

- Logo. Agora pretendo comprar uma bela casa para vocês morarem. Não me conformo de insistirem em continuar aqui, neste bairro popular.

- Gostamos daqui, meu filho. O lugar é tranqüilo e a amizade dos vizinhos é preciosa. Não sairemos desta casa.

Inconformado, e cansado das mesmas discussões, que invariavelmente se arrastavam por horas e horas, Américo mudou-se para a nova casa.

Lá, apenas na companhia dos criados, Américo sentia-se sozinho. Tinha pesadelos constantes à noite e não conseguia dormir direito. Acordava sempre indisposto e mal-humorado. No trabalho, sem condições de raciocinar, andava cometendo erros que comprometiam o bom andamento da administração. Alguns até causaram bastante prejuízo financeiro para a empresa, fazendo com que o proprietário o olhasse com desconfiança.

Os pais, preocupados com a situação do filho querido, oravam muito a Deus, suplicando o amparo dos Benfeitores Espirituais, para que abrissem os olhos do rapaz para a Realidade Maior.

Certo dia, Américo acusou grande mal-estar. Os aposentos da mansão, amplos e vazios, causavam-lhe medo. Parecia-lhe ver vultos escuros que passavam e se escondiam nas sombras. Mandou acender todas as luzes, mas nem assim seu temor diminuiu. Jogou-se no chão a chorar, desesperado.

173

Profundamente só, nesse momento lembrou-se da casa modesta e aconchegante no bairro popular, onde sempre fora tão feliz com seus pais, onde existia amor, paz e alegria, onde vivia seguro e confiante. Recordou-se das reuniões no Centro Espírita, das alegres tardes quando se encontrava com os amigos da Mocidade e onde conversavam sobre temas tão importantes, abrangendo as áreas da filosofia, da ciência e da religião.

Naquele instante, se viu sentado em torno da mesa, participando da reunião, e ouviu alguém que lhe pedia fizesse uma oração, como tantas vezes acontecera. Reverente, elevou o pensamento ao Criador, pela primeira vez em muito tempo, e uma imensa paz o envolveu.

Acordou na Espiritualidade. Estranhou estar deitado no tapete da sala. com surpresa, percebeu que estava também de pé, contemplando o corpo adormecido. Achou-se feio, pálido e abatido, com aparência de morto.

Nisso, um vulto claro que o observava, sorridente, aproximou-se. Era alguém estranhamente familiar, de cuja fisionomia, no entanto, não conseguiu se recordar. Sabia que estava desprendido do corpo. Lembrando-se do muito que estava sofrendo, pediu:

- Ajude-me, querido amigo, seja você quem for! Minha vida transformou-se num inferno. Não sei o que está acontecendo, e por quê.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

com seriedade, mas delicadamente, a entidade esclareceu:

- O inferno a que se refere está dentro de você mesmo, meu irmão. Esqueceu compromissos assumidos e, com seu comportamento, gerou as conseqüências nefastas que agora lamenta, atraindo para si vítimas e cúmplices do pretérito, que passaram a atormentar-lhe a existência.

- Compromissos assumidos, você disse?

- Sim, meu amigo. Antes de reencarnar, você se comprometeu a trabalhar na área social, ajudando pessoas carentes, para saldar velhos débitos contraídos no pretérito, quando prejudicou muita gente. Renasceu trazendo a nítida lembrança daquilo que deveria fazer, das tarefas que teria de executar.

174

Américo pensou um pouco e concordou:

- É verdade. Desde pequeno, desejava ajudar os outros. Por isso, sentia que precisava de recursos...

- Estava previsto que, com o desenvolver do trabalho, os recursos iriam chegando em profusão, para que pudesse concretizar seus objetivos. Todavia, Américo, a ambição falou mais alto e fez com que se esquecesse dos bons propósitos estabelecidos.

com a cabeça entre as mãos, Américo chorava, nesse instante percebendo com clareza o quanto errara.

- E agora? O que devo fazer? Ajude-me, querido amigo, preciso reparar meus erros, trabalhar a favor do próximo, renovar-me interiormente, colocando em prática tudo o que aprendi no Evangelho de Jesus e nos ensinamentos da Doutrina Espírita, que nos últimos tempos releguei por egoísmo e ambição. Ajude-me, por caridade! Prometo esforçar-me, dedicar-me ao trabalho sem descanso.

Sob intensa emoção, ajoelhado, Américo suplicou a Deus:

- Senhor, concede-me outra oportunidade. Sei que um pai nunca desampara seus filhos, por piores que sejam. Por piedade, ajuda-me, Senhor! Socorre-me!

O benfeitor desencarnado que ali se encontrava colocou a mão na cabeça do rapaz e começou a orar junto com ele. Seus pensamentos, ao subirem para o Alto criavam uma esteira de luz azulada que os ligava à Espiritualidade Maior. Depois, Galeno, a entidade espiritual que ali estava, dirigiu-se a Américo:

- Meu irmão, a resposta do Alto é favorável. Foi-lhe concedido o que pediu. Contudo, terá que aceitar as condições propostas.

- Louvado seja Deus! Aceito qualquer condição - respondeu Américo, convicto e emocionado.

- Muito bem. Assim será feito. Retorne ao corpo e descanse. Amanhã será outro dia. Que o Senhor o abençoe!

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Na manhã seguinte, na sala, Américo despertou bem diferente. O desespero da noite anterior desaparecera e ele tinha a nítida sensação de que tudo iria melhorar. Embora não se lembrasse do

175

sonho, tinha certeza de que fora uma noite muito importante, e que era para seu bem.

O corpo estava todo dolorido, pelo desconforto do local, mas experimentava grande bem-estar. Tomou banho, arrumou-se e foi para a empresa. Lá, uma surpresa o aguardava. Fora despedido sumariamente. Aqueles que antes o aplaudiam e admiravam agora queriam livrar-se dele, em virtude de seu comportamento nas últimas semanas.

Decepcionado, mas estranhamente resignado, arrumou seus pertences e foi para casa. Mais tarde, ligando a televisão, ouviu outra notícia terrível: a empresa, cujas ações comprara alguns dias antes e que lhe pareceram excelente negócio, tinha falido e, na queda, arrastara muita gente junto, empresários, clientes, fornecedores e acionistas. As ações, que Américo acreditava teriam grande alta, caíram fragorosamente, não valendo mais nada no mercado. A Bolsa de Valores acusava muita agitação e os investidores estavam apavorados.

Américo fez os cálculos e chegou à conclusão de que teria de vender seus bens, inclusive a casa e o carro de luxo, para saldar os compromissos assumidos, que não eram poucos. Contando com lucros futuros, gastara mais do que devia, fascinado com o conforto e o refinamento que faziam parte de sua vida. Em virtude disso, perdeu tudo.

Alguns dias depois, portando apenas as roupas do corpo e uma pequena mala, bate na porta da antiga residência. Ao vê-lo, os pais se alegram.

- Posso voltar para casa? - perguntou com humildade. Surpreso, o pai quis saber:

- Mas... o que aconteceu, meu filho? E sua casa, seu carro?...

- Acabou, meu pai. Quero começar tudo de novo. Fez uma pausa e repetiu a pergunta:

- Posso morar de novo aqui com vocês? e Abraçando-o, emocionada, a mãe respondeu:

- Claro que pode, meu filho. Esta casa sempre foi e sempre será sua. Seja bem-vindo!

176

Enlaçados, os três choraram, misturando as lágrimas.

- O que houve, meu filho, para essa mudança sua?

- Ah, meu pai! É uma longa história que depois eu conto. Agora, preciso sair. Lembrei que é dia de reunião do grupo de jovens e pretendo participar.

Depois de ter acomodado seus pertences no antigo quarto, Américo saiu. Tomou o ônibus que o levaria ao bairro onde ficava localizado o centro espírita e, trinta minutos depois, desce defronte ao prédio tão conhecido.

Entra. Os moços já estavam na sala, iniciando a reunião.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Voltei! - exclamou, com o jeito divertido, que eles tão bem conheciam. Ao vê-lo, admirados e contentes, o recebem com alegria.
- E voltei cheio de idéias que precisamos por em execução! Todos riram.
- É o mesmo Américo de sempre! - comentou alguém.
- Seja bem-vindo, amigo! - disse Gildo.

Depois de cumprimentar um por um, sentou-se entre eles e, comovido, afirmou:

- Vocês não sabem o quanto me ajudaram. Acredito que deviam estar orando muito por mim, porque sei que foram vocês que me salvaram do abismo em que estava caindo. Muito obrigado!

com lágrimas nos olhos, contou-lhes tudo o que tinha acontecido e como se vira naquela mesma sala, orando junto com eles. Quando terminou, todos também choravam, emocionados e gratos a Jesus que, através dos Amigos da Espiritualidade, tinham socorrido o companheiro invigilante.

A riqueza material é prova a que não raro a criatura sucumbe, enlevada com as facilidades que o dinheiro permite, sem perceber os perigos a que se arroja. Sabiamente, Jesus de Nazaré exortou-nos a cultivar os valores espirituais, os únicos verdadeiros e duradouros.

177

Entre os bens que devemos cultivar está o hábito da oração. A elevação do pensamento muda nosso padrão vibratório, favorece a ligação com os amigos da Espiritualidade e propicia a ajuda de que estamos precisando.

Assim, em qualquer circunstância, não se esqueça da prece, que é luz em nossa alma.

178

CAP. 17 – VIVÊNCIA CRISTÃ

Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam. (Paulo, I **Coríntios, 10:23.**)

Uma lufada de ar quente atingiu-o de chofre ao entrar no imenso salão. Lá fora a temperatura era até agradável. Apesar do pleno verão, soprava uma brisa fresca. A razão é que o mês de fevereiro, em geral quente, fora pródigo em chuvas, afastando o calor

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

escaldante. Quase meia-noite e a banda tocava músicas animadíssimas, que nada tinham de carnavalescas, mas que faziam a multidão dançar, frenética, se é que se podia chamar aquilo de dança.

Jaime passou uma vista de olhos pelo salão, observando a cuidadosa decoração do clube, enquanto um cheiro forte de suor, perfumes e bebidas misturava-se ao barulho ensurdecedor.

Seus amigos, três rapazes, riam entusiasmados, antegozando a noite de prazeres.

- Ê, Jaime, é hoje que vamos nos arrebentar! Jaime sorriu e não disse nada, tentando encontrar uma brecha no meio de um bloco para poder passar. O salão estava superlotado. Sem ter onde sentar, pois as mesas tinham sido todas vendidas e estavam ocupadas, encostaram-se numa parede e ficaram observando o movimento. Palhaços, colombinas, pierrôs, arlequins, piratas, árabes, melindrosas, super-heróis, bruxas e uma infinidade de personagens fantasiados passavam a todo instante na frente

179

deles, acompanhando o movimento do salão. Serpentinhas cruzavam-se no ar e o chão era um tapete de confetes.

Alguns minutos depois, um dos companheiros se interessou por uma garota e saiu atrás dela. Em seguida, o outro, notando uma moça sorridente que lhe lançava olhares convidativos, foi a seu encalço, caindo na farrá. O terceiro encontrou um antigo colega de escola, que não via há muito tempo, e ficou conversando com ele.

Jaime, solitário e sem grande animação, melancolicamente via o tempo passar. Olhou para o relógio. Uma hora da manhã! Só isso? Já fazia tanto tempo que tinham chegado e só haviam se passado sessenta minutos?

Sentiu sede e foi até o bar comprar um refrigerante. Transitar pelo meio do povo não era tarefa fácil e até comprar algo exigia paciência, pois a fila era grande. Afinal, aliviado, conseguiu sua latinha de refrigerante e encostou-se numa porta. Tomou um bom gole com satisfação. Pelo menos estava bem gelada e o refrescou um pouco.

Jaime começou a notar que a cabeça lhe doía insistentemente. O ar estava sufocante e insuportável. Olhou do lado e viu, num canto, uns rapazes cheirando lança-perfume, enquanto outros fumavam. Tinham o olhar vago e a expressão estranha. Observou também que grande parte dos que rodopiavam pelo salão estavam com aquela mesma expressão alheia, já alcoolizados, mas continuavam com um copo ou uma latinha de bebida na mão. As garotas davam-se ares de mulheres sensuais, fúteis e permissivas, incentivando os rapazes a atitudes audaciosas.

com repugnância, Jaime virou-se para o lado, pensando: *O que estou eu fazendo aqui? Não bebo, não faço uso de drogas e tenho respeito pelo sexo oposto. O que estou fazendo aqui? Minhas pernas estão cansadas, minha cabeça dói e mal consigo respirar!*

Nesse momento, um rapaz passou a seu lado e lhe deu uma soprada de cometa nos ouvidos, aos quais levou as mãos, sentindo dor aguda provocada pelo som estridente. Foi a gota d'água!

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

vou embora! - desabafou. No mesmo instante, lembrou que não estava sozinho. Precisava esperar os amigos; afinal tinham

180

ido juntos e costumavam voltar juntos. Uma coisa era certa: não queria mais ficar no salão. Então, decidiu sair para respirar um pouco de ar fresco.

Lá fora, no jardim, o ambiente era completamente diferente. Sentou-se num banco, com alívio. O barulho frenético do salão chegava até ele abafado pela distância.

Respirou fundo. Olhou as estrelas que, milagrosamente, apareciam em meio às nuvens e sorriu. Gostava de contemplar o céu, especialmente à noite.

Nisso, ouviu uma voz suave que lhe dizia:

- Bem mais agradável aqui fora, não é?

Virou-se e viu uma garota de longos cabelos escuros e luminoso sorriso que se aproximava.

- Desculpe-me, estava distraído. O que disse?

- Que o salão está insuportável e que é bem mais agradável aqui fora.

Ele concordou, sorrindo:

- É verdade! Mas, por favor, sente-se.

A menina sentou-se e logo puxou conversa:

- Quando cheguei vi que olhava para o alto. Gosta de fitar as estrelas?

- Muito! Há anos passo horas contemplando o espaço cósmico. Gosto de examinar as constelações, de saber o nome das estrelas. Estimaria descobrir os enigmas do universo; tenho fascinação especial pelos buracos negros, cujo estudo é um dos grandes desafios da Astronomia.

Ele parou de falar por momentos, pensativo, depois prosseguiu:

- Sabe que há estrelas cujo brilho vemos agora e que já morreram há muito tempo, tal a distância que nos separa delas, mesmo sabendo-se que a luz viaja a uma velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo? Olhe! Ali está Marte, o planeta vermelho. Acolá, Júpiter, sempre brilhante. Do outro lado, Vênus. Hoje, em virtude do acúmulo de nuvens, não dá para ver grande coisa, mas, nas noites límpidas e sem luar, podemos observar algumas constelações.

181

A jovem estava admirada com os conhecimentos do rapaz.

- Também gosto de examinar o espaço, mas por motivos diferentes dos seus. Quando olho para os astros, tenho a sensação de que já os vi antes, só não sei quando nem onde. Não nesta vida, mas num passado remoto. Sei que, sob suas vistas, já se passaram acontecimentos incríveis, como descobertas, guerras sangrentas, comoventes histórias de

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

amor, civilizações que floresceram, alcançaram seu apogeu, formaram impérios poderosos, mas que depois desapareceram no tempo... enquanto eles continuam ali, intangíveis e inacessíveis, como se nos observassem... e me emociono.

Jaime olhou com mais atenção para a moça sentada a seu lado. Era a primeira vez que encontrava alguém com pensamentos tão profundos.

Comovida, parou de falar, ao perceber seu interesse por ela, e

corou:

- Acha que sou muito boba por pensar nessas coisas?

' - Não, claro que não! Ao contrário, julgo-a inteligente demais para estar num baile assim. Agora compreendo porque está aqui fora e não lá dentro, como os demais. Ela respirou fundo, justificando-se:

- Realmente, esse programa não faz o meu gênero. Não queria vir, mas minhas amigas insistiram tanto que acabei concordando. Ainda, o ambiente pesado estava me asfixiando; comecei a me sentir mal e saí para respirar um pouco de ar puro.

- Comigo aconteceu a mesma coisa - concordou ele. - De repente, olhei para os lados e percebi que não gostava de nada do que via. Dei-me conta de que não tinha nada a ver com aquela multidão enlouquecida.

Ele fez uma pausa, olhou a companheira e completou:

- Creia, não sou careta nem radical. Não é uma crítica, pois acho que cada um deve agir de acordo com sua própria consciência. Para mim, no entanto, não serve.

Encantados, encontravam afinidades na maneira de pensar, de sentir, e isso os deixava contentes. Ficaram conversando mais um pouco até que a garota olhou o relógio, assustada:

182

- São duas e meia! Como é tarde! Prometi a meus pais não demorar muito... Gostaria de ir embora; minhas amigas, porém, estão se divertindo tanto...

- O mesmo acontece comigo. Mas, quer saber? Acho que nem elas nem meus amigos sentirão nossa falta. Vamos? Lhe a companhia até sua casa.

Deixaram o clube risonhos e satisfeitos por estarem juntos. Caminharam lentamente pelas ruas desertas, desejando estender ao máximo o prazer da companhia.

Ao chegarem diante do portão da casa dela, despediram-se, combinando se verem na noite seguinte.

- Só agora me dei conta de que nem ao menos sei seu nome! - exclamou ele, surpreso.

Ela riu.

- O meu nome é Cláudia. E o seu?

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Jaime.

- Prazer em conhecê-lo, Jaime.

- O prazer foi meu, Cláudia. Até amanhã. Ou melhor, até hoje. Ele afastou-se com o coração leve, parecendo flutuar nas

nuvens. Jamais sentira tanto prazer em conversar com uma garota.

Chegando em casa, arrumou-se para dormir e jogou-se na cama. Apesar de extremamente cansado, não conseguiria dormir se não lesse alguma coisa. Assim, pegou a Bíblia, sempre ao alcance da mão. Abrindo-a ao acaso, como sempre costumava fazer, leu a mensagem que lhe era dirigida:

Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convém; todas são lícitas, mas nem todas edificam.

A observação do apóstolo Paulo, apesar **do tempo transcorrido**, continua sempre viva e atual.

Cada criatura humana tem liberdade para tomar suas próprias decisões, porém ficará sempre responsável, perante sua consciência,

183

pelas conseqüências dos seus atos. A lei de causa e efeito vincula nosso comportamento às reações geradas por ele. Dessa forma, antes de qualquer atitude ou decisão, devemos refletir sobre sua conveniência ou utilidade para nós e para os outros.

184

CAP. 18 – A PEQUENA MENDIGA

Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir. **(Lucas, 6:20 e 21.)**

Era inverno. Nas ruas nevoentas, raros transeuntes se atreviam a sair de casa. A chuva havia cessado, mas o frio era intenso, cortante.

Todavia, dentro do salão aquecido, os convidados se espalhavam em grupos, conversando e rindo. A orquestra começou a tocar e os pares tomaram conta da pista de dança, rodopiando ao som da música envolvente.

Do lado de fora, a tiritar de frio, pobre menina, maltrapilha e faminta, observa. A residência, construída a poucos metros da calçada, possui apenas um pequeno jardim entre o gradil e

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

as paredes do prédio. Assim, pelas janelas, através da transparência dos vidros, seus olhos admirados contemplam o luxo dos trajes das damas, a beleza das jóias, a elegância dos cavalheiros, ao mesmo tempo em que ouve o finir dos cristais, o riso que irrompe de bocas alegres cuidadosamente pintadas; até ela chegam, misturados, o perfume das damas e o odor convidativo das iguarias.

Pensa na felicidade que seria poder participar desse mundo que apenas entrevê por uma vidraça, entrar nessa mansão e ser recebida

185

como os outros convidados, com todas as honras, pelos donos da casa. A mente viaja sem limites, e imagina-se chegando de carro, a exhibir belo vestido branco ornado de pequenas flores no decote, que lhe valoriza o colo descoberto. Sente-se orgulhosa diante dos olhares de evidente admiração de damas e cavalheiros. Cruzando com um enorme espelho no vestíbulo, olha-se, e mal se reconhece na imagem refletida: os cabelos cuidadosamente penteados, o rosto discretamente maquilado, o colar que cintila em seu pescoço. Sorridente e segura, suspira satisfeita, servindo-se de bebida e canapé que o criado empertigado lhe oferece numa bandeja de prata. Ao levá-lo à boca - oh, desilusão! -, é retirada bruscamente do seu devaneio por uma voz rude e agressiva:

- O que faz aqui? Fora, mendiga! Fora!

Voltando à dura realidade, a pobre menina tenta explicar:

- Estou com fome, senhor. Por caridade, ajude-me!

O criado, grosseiro e arrogante, impermeável aos rogos e às necessidades da mocinha, retruca, insolente:

- Fora daqui! Seu lugar é na rua, onde você deve permanecer, pivete! Nada temos para lhe dar.

- Piedade, senhor! Um pedaço de pão, uma moeda! Qualquer coisa serve...

Fronte erguida e nariz arrebitado, o criado dá meia-volta para entrar, sem atender-lhe as súplicas, ameaçando:

- Retire-se, ou chamo a polícia.

Decepcionada, a pequena prepara-se para ir embora. Quando se vira e dá um passo, a grande porta de madeira entalhada se abre. Um casal sai da casa, atravessa a varanda e vê a mendiga. Notando o ar de irritação do criado, aproximam-se e o homem pergunta com autoridade:

- O que se passa, Jorge?

Agora, em atitude completamente diversa, servil, o emproado responde com voz mansa:

- Nada de importante, senhor. Esta mendiga que aqui está insistia em pedir algo. Mas já resolvi o problema. Ela está indo embora e não aborrecerá mais.

186

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

O dono da casa olha a juvenzinha, que se voltara ao ouvir o diálogo, e observa suas roupas surradas, o agasalho insuficiente e rasgado, os cachos de cabelos loiros e úmidos que escapam do gorro; os sapatos velhos e furados. Nota que está transida de frio, que as mãos e o rosto têm um tom arroxeadado. É muito jovem ainda, calcula que deve ter no máximo dez ou onze anos. Cheio de compaixão, ordena:

- Deixe-a entrar. Mande que lhe dêem uma refeição. Constrangido, o criado hesita em obedecer. Severo, o patrão

questiona:

- O que houve? Não escutou a ordem que lhe dei?

- Sim, senhor, mas... é uma desconhecida, pode ser perigosa... - retrucou o criado, voltando-se para a senhora, como a pedir-lhe auxílio.

- Jorge tem razão, querido. Não a conhecemos! Pode estar querendo entrar para roubar-nos!

Um sorriso irônico aflorou nos lábios do esposo:

- Acha mesmo que esta garota franzina e faminta planeja nos assaltar? É ridículo!

A senhora crava os olhos na pequena, examinando-a da cabeça aos pés.

- Que idade tem, menina?

- Doze anos, senhora.

- O que faz na rua a esta hora da noite? Deveria estar em casa. A garota arregala os olhos azuis, ornados de longas pestanas, e esclarece com voz trêmula e cristalina:

- Mamãe me disse para pedir um remédio na farmácia para meu irmãozinho, que está com muita febre.

- E conseguiu?

- Sim, senhora. Aqui está! - e mostrou um pequeno frasco retirado da sacola de plástico.

- O que o seu irmão tem?

- Parece que é gripe. Mamãe acha que ele está doente dos pulmões. Talvez seja pneumonia. É porque em nosso barraco, pelas frestas da madeira, entra muito vento e frio.

187

- Sua mãe já o levou ao médico?

- Ainda não, senhora, não temos dinheiro para isso. Só podemos levá-lo a um posto de saúde; meu irmão é pesado e mamãe não agüenta carregá-lo. Felizmente, tem um farmacêutico que nos ajuda sempre; é um homem muito bom. Foi ele quem me deu o remédio esta noite.

Penalizada, agora com outra disposição, mas ainda em dúvida, a dona da casa volta a perguntar:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- E por que, depois que conseguiu o remédio, você não voltou para casa?

A pequena respirou fundo e tristemente respondeu:

- Ah, senhora! Estava mesmo voltando, quando lembrei que nada temos no barraco para comer. E meu irmão precisa se alimentar bem, disse o médico certa vez. Então, resolvi pedir ajuda às pessoas de boa vontade.

A dona da casa virou-se para o marido, trocando com ele um olhar de entendimento, como a dizer *faça o que achar melhor*. Como se lavasse as mãos, a exemplo de Pilatos, encaminhou-se para dentro, reclamando do frio e do vento gelado.

O proprietário ratificou as ordens que tinha dado ao criado:

- Muito bem. Leve a menina até a cozinha e providencie que lhe dêem de comer. Depois, arrume uma sacola com comida, que - graças a Deus! - temos de sobra. Em seguida, arranje algumas peças de roupa mais quentes para ela. As de minha filha devem servir. São mais ou menos do mesmo tamanho. Entendeu?

- Sim, senhor.

Deu meia-volta para entrar, mas, parecendo lembrar-se de algo, virou-se:

- Não esqueça de anotar o endereço dela.

- Sim, senhor. Não esquecerei.

Em seguida, irritado com aquilo que considerava trabalho demais por uma reles mendiga, Jorge a levou, pela entrada de serviço, até a cozinha. Lá, repetiu as ordens do patrão à cozinheira e, aliviado por ter-se livrado dela, retirou-se, voltando a seu posto.

188

Na cozinha, sentindo o calor agradável que vem dos fogões, a garota senta-se para comer. A seu lado, os criados, desocupados, tecem comentários sobre a festa e os convidados. Cada um fazia questão de demonstrar mais conhecimento que o outro sobre a vida daquelas pessoas da sociedade que ali estavam, experimentando imenso orgulho pelo olhar de admiração e surpresa dos colegas ao ouvirem uma novidade.

- Dona Margarida, uma das convidadas mais ilustres, e uma infeliz. Riquíssima, tem dois filhos que só lhe dão desgostos. Ambos passam as noites em festas, gastam rios de dinheiro e estilo sempre envolvidos com mulheres. Seus escândalos costumeiros, pois vivem cheios de álcool e de drogas, causam imenso constrangimento à família. Outro dia foram até presos!
- dizia um.

- E o senhor Fontes? - afirmava outro. - Conhecem o grande banqueiro? Aquele que está sentado ao lado do patrão na mesa? Coitado! Apesar de todos os bens que possui, não consegue esquecer a esposa, que fugiu com seu melhor amigo.

- Conhecem Figueiredo, o rico industrial? Esta semana descobriu que um seu funcionário, Rui, que criou dentro da própria casa como filho e que estava preparando para assumir a presidência das indústrias quando ele se aposentasse, o traiu. O rapaz deu um grande

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

rombo nas finanças da empresa e depositou tudo em contas no exterior. Vocês devem ter lido! Doutor Figueiredo tentou evitar que a notícia vazasse, mas não conseguiu. A história foi publicada nos jornais da cidade e região. O roubo foi descoberto por um outro empregado, que andava desconfiado do comportamento de Rui. Um escândalo! Pensei até que ele não viesse à festa. com certeza, Doutor Figueiredo não quis dar mais motivos a comentários...

- Eo ladrão? - indagou uma criadinha, curiosa.

- Fugiu.

- Fugiu? Mas a polícia o está procurando, certamente.

- Não. Dr. Figueiredo não quis registrar queixa. Afirmou que Rui só tinha se apropriado do que era seu de direito. Kcservara

189

uma grande importância ao filho do coração, que seria seu herdeiro, já que não possui descendentes diretos.

- Pobre homem! Ser traído assim é duro! Mas tem coisa pior. Viram uma moça bonita, muito elegante e bem vestida? Aquela, de cabelos pretos, longos...

- Qual? A de vestido vermelho?

- Ela mesma. Está muito doente. Sei porque minha amiga trabalha na casa dela e me conta tudo o que acontece por lá - assegurou outra ajudante.

- E o que ela tem?

- Está com câncer. Seu estado é grave. Talvez precise ser operada.

-Pobre moça! - exclamava a cozinheira gorda e rosada, cheia de compaixão. - Mas isso não é nada diante do drama do casal Belline. Perder bens materiais, afetos, é coisa que se resolve com o tempo. Mesmo doenças graves, como o câncer, já podem ser curadas, especialmente se descobertas no início. Hoje a medicina está muito avançada e existem recursos novos que desconhecemos.

- O que houve com eles? - indagou uma ajudante da limpeza.

- Ah! Eles perderam seus dois filhos, ao mesmo tempo, num acidente de carro. Foi horrível! Isso já faz alguns anos, mas eles nunca conseguiram esquecer.

- Coitados! Sempre os achei muito tristonhos, mas não conhecia o drama deles. Como estão numa festa, eles sorriem, mas noto que, no fundo, permanecem tristes - acrescentou um garçom que acabara de entrar na cozinha e escutou a conversa.

E assim por diante. Todos tinham problemas, dificuldades, sofrimentos físicos e morais. Ninguém na verdade era feliz.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Observando a pequena, que ainda não dissera uma palavra, mas que, enquanto comia, acompanhava a conversa atentamente, com os grandes olhos azuis arregalados de espanto, a cozinheira perguntou:

- Como é seu nome, garota?

- Dorinha.

Demonstrando simpatia, puxou conversa com a menina:

190

- Por certo sua vida é muito difícil, não é Dorinha?

- Sim, senhora. Não tenho pai, e minha mãe luta com muita dificuldade para manter nossa casa.

Naquele instante, a porta se abriu para dar passagem a um garçom com a bandeja, permitindo se vislumbrassem o salão de festas e os convidados que se divertiam em meio à música que tocava.

Dorinha olhou as pessoas que dançavam ao som da melodia e respirou fundo. A cozinheira, a quem não passara despercebida a sua reação, perguntou:

- Certamente, você gostaria de fazer parte desse mundo, não é? A garota pensou um pouco e depois respondeu, tranqüila:

- Se a senhora me perguntasse isso uma hora atrás, não teria dúvidas em responder que sim. Mas, depois de tudo que escutei aqui hoje, posso responder com certeza: não, não gostaria de fazer parte desse mundo. Vejo agora que essas pessoas, apesar de muito ricas, são bem mais infelizes do que eu. Em nossa casa, passamos fome, é verdade. Vivemos com dificuldade, mas não temos grandes problemas. Compreendi que a riqueza, quase sempre, traz muitos dissabores e aflições, afasta as pessoas, provoca a ambição e incentiva a traição. Entre pais e filhos, marido e mulher, não há entendimento.

Fez uma pausa, fitou a cozinheira que a ouvia, surpresa com a acuidade da menina, e concluiu:

- Em nossa casa existe entendimento e amor. Somos uma família unida. À noite, deitamos a cabeça no travesseiro e, apesar da barriga geralmente estar vazia, dormimos tranqüilos, sabendo que Deus vela por nós e atende nossas necessidades mais urgentes.

Dorinha levantou-se, agradeceu a refeição, pegou a sacola com comida que a cozinheira tinha separado e, puxando o capuz do casaco velho e puído sobre a cabeça, saiu, respirando aliviada.

Quantas vezes havia chorado, na solidão do seu quartinho pobre, desejando mais conforto, comida farta e uma casa em melhores condições! Quantas vezes havia invejado as pessoas mais

191

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

endinheiradas que via nas varandas das mansões, ou passeando pelas ruas em carros luxuosos! Quantas vezes se imaginou no lugar de garotas da sua idade que andavam bem vestidas e caminhavam em bando rumo ao colégio; e ela, que desejava tanto estudar, não podia nem ao menos freqüentar a escola do seu bairro! Quantas vezes ficara magoada com Deus, acusando-o de ter esquecido dela!

Agora não. Compreendia que era muito feliz. Dentro da simplicidade da vida que levavam, tinham tudo o que era realmente importante: amor e paz. Entendeu que o Senhor a conduzira àquela mansão, num dia de festa, para que pudesse entrar em contato com a realidade e constatar que nem sempre as pessoas que invejamos pela aparência são de fato felizes.

Intimamente, percebeu que tudo o que estava passando era necessário para seu aprendizado. Que, com resignação e coragem, conseguiria vencer. Resolveu lutar para obter tudo o que desejava. E o Senhor a ajudaria, por certo.

Olhou para cima e fitou as estrelas que surgiam varando as nuvens. A noite continuava fria e escura, mas no coração de Dorinha havia imensa paz.

Jesus nos orienta para nos preocuparmos mais com a busca dos bens espirituais, uma vez que os bens da Terra são transitórios, perecíveis. Hoje temos, amanhã poderemos não ter. De qualquer modo, a felicidade não consiste em *ter* ou não *ter*, mas em *ser*. Eis a questão, visto que, por mais rico que seja, um homem não depende dos bens que possua, mas, sim, do apego e do valor que atribui a esses bens.

A felicidade, portanto, está dentro de nós. Pense nisso.

192

CAP. 19 – ABNEGAÇÃO

Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, que todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo. (Mateus, 6:33.)

De família humilde, Ana vivia com bastante dificuldade. Embora tivesse apenas dezoito anos, enfrentava grandes problemas no dia-a-dia.

Toda a responsabilidade da casa repousava em seus ombros frágeis. O pai falecera há muitos anos, vitimado por enfermidade crônica nos rins. Apesar das hemodiálises constantes, não resistiu. A mãe, relativamente jovem, sofria de artrite reumatóide, permanecendo no leito grande parte do tempo com dores atrozes, sem condições de executar as mais simples tarefas domésticas.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Ana tinha dois irmãos menores, Márcio e Artur, de oito e dez anos respectivamente, que eram a luz da sua existência. Amava-os como filhos e deles cuidava com o zelo de uma verdadeira mãe.

Ela trabalhava como costureira numa fábrica de confecções. Serviço cansativo e mal pago; no entanto, graças a ele, não morriam de fome. Sobreviviam por milagre.

Quando retornava do trabalho, Ana preparava a comida do jantar, que era também a do almoço do dia seguinte, e cuidava da mãezinha, além de lavar e passar as roupas da família.

Pela manhã levantava bem cedo, quando ainda estava escuro, para deixar tudo em ordem, na medida do possível. Os meninos

193

ajudavam durante o dia, cuidando da enferma, limpando a casa e lavando as louças. Artur, o mais velho, esquentava a refeição e levava para a mãe. Como a doente não podia ficar sozinha, revezavam-se no horário escolar: Márcio, de manhã, e Artur, à tarde. Dessa forma, conseguiam atender às necessidades básicas da família.

Não obstante as dificuldades, Ana era dotada de coração bom e generoso, cultivando bom humor e otimismo. Alicerçada em verdadeira e robusta fé em Deus, jamais de seus lábios se ouviu uma queixa sequer. Por isso, todas as noites, ao recolher-se para dormir, elevava o pensamento em prece.

- Senhor Jesus, só tenho a agradecer todas as bênçãos que nos tens concedido: a dádiva de uma família amorosa; a casinha singela que nos abriga, quando tantas pessoas não têm onde morar; o trabalho que me permite sustentar os entes queridos. Sei que papai, onde estiver, estará velando por nós, amparando-nos e fortalecendo-nos nas tarefas que assumimos. Ajuda-nos, Senhor, para que possamos continuar com saúde para assistir mamãe nas suas dificuldades e, se possível, ameniza-lhe os sofrimentos, que são tão grandes. Abençoa todas as pessoas necessitadas e dá-nos uma noite tranqüila. Obrigada, Senhor!

E na manhã seguinte recomeçava seu labor com disposição e alegria. Na fábrica, constituía-se em exemplo para todas as pessoas que a conheciam. Sempre tinha uma palavra de consolo, de bom ânimo e de esperança para quem estivesse precisando.

Nos finais de semana, depois das ocupações domésticas, desdobrava-se em atividades de assistência aos doentes do bairro pobre onde residiam.

Muitas pessoas, inconformadas com sua maneira de ser, a criticavam:

- Ana, você não acha que já tem problemas demais dentro de casa? E sua mãe, quem cuidará dela? Não estará desvestindo um santo para cobrir outro?

- Ora, dona Jacinta, apesar das dificuldades, está tudo bem em nossa casa. Mamãe está bem assistida, alimentada e vestida.

194

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Meus irmãozinhos se revezam tratando dela quando não estou presente, e o fazem com muito amor.

- É, eu sei. Mas... os meninos também precisam de atenção. São crianças e quase não têm tempo de brincar.

Ana pensou um pouco, após as críticas da vizinha, e considerou:

- Agradeço sua preocupação, dona Jacinta, contudo meus irmãos são meninos de boa índole e que nunca deram problema. A senhora se engana quando afirma que eles não brincam. É que aprenderam a aproveitar as horas de forma útil, dividindo-as entre os cuidados com a mamãe, os estudos e as brincadeiras. Mesmo porque, acho que para eles é importante crescer conhecendo o valor do serviço e sabendo ser prestativo. Não lhe parece?

Despediu-se, com sorriso cativante, para atender um outro necessitado: o senhor André, um homem idoso, cujas pernas estavam sempre cobertas de feridas.

Ana limpou as pernas do velhinho, lavando-as com ternura e, depois de secá-las, passou remédio nas úlceras purulentas. O ancião não sabia como agradecer o desvelo e as atenções da mocinha e desejava recompensá-la de alguma forma. Ana, porém, afirmou comovida:

- Vê-lo bem é a melhor recompensa que eu poderia ter, senhor André. Até outro dia. Que Deus o abençoe!

Ao sair do casebre, deparou-se com um grupo de mulheres desocupadas que tomavam sol. Cumprimentou-as cordialmente, sem parar. Uma delas, com os braços cruzados, comentou:

- Estava agora mesmo falando que não sei como você arranja tempo para desperdiçar com essa gente.

Ana parou, virou-se e respondeu, serena:

- Desculpe-me, dona Eulália, mas não acho que esteja desperdiçando meu tempo. Ao contrário, estou usando-o de forma útil para ajudar um semelhante.

Outra mulher, fazendo uma careta de nojo, aduziu:

- Não sei como tem coragem! Esse homem fede! Que nojo! Além disso, é serviço inútil. Seu André sempre teve as pernas doentes, é muito velho e vai morrer logo! Para que tanto esforço?

195

Ana sorriu, discordando delicadamente:

- Não penso assim, Bete. Tudo o que pudermos fazer pelos outros, amenizando-lhes os sofrimentos, é bom. Jesus não disse para fazermos aos outros o que gostaríamos que eles nos fizessem? Então? E se fôssemos nós que estivéssemos na situação do seu André, como quereríamos que agissem em relação a nós? Além do mais, quem somos nós para julgar os

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

desígnios divinos? Como saber quanto tempo ainda nos resta de vida? Só Deus tem a resposta para essa pergunta. Pode ser até que uma de nós venha a morrer antes dele!

A interpelada baixou a cabeça depois dessas considerações, que não podia revidar, enquanto as outras concordavam com Ana.

- Você tem razão, menina. Continue assim - disse uma delas, encerrando a conversa.

Em outra ocasião, Josefa, uma vizinha, foi visitá-los e, conhecendo suas dificuldades, ponderou um tanto revoltada:

- Por isso é que não acredito em nada. Veja o seu caso, por exemplo. Você se mata de trabalhar, mal ganha para comer, ainda ajuda um monte de gente aqui do bairro e o que ganha com isso? Por que Deus não a socorre, dando-lhe melhores condições de vida?

- Mas eu considero minha vida muito boa, acredite! Não tenho do que reclamar! Acho até que Deus tem sido muito pródigo para comigo.

- Como assim? - retrucou Josefa, perplexa.

-Veja! Minha mãe está bem e não lhe faltam os medicamentos necessários. Meus irmãos são duas pérolas que Deus colocou em nosso lar, alegrando-nos a vida e colaborando comigo nos serviços. Tenho um emprego onde ganho o suficiente. Amigos não me faltam. Que mais posso querer?

- Mas sua mãe está numa cama, sofrendo!

- É verdade. Todavia, acredito que Deus é justo e que tudo tem uma razão de ser. Algum dia vamos ficar sabendo o porquê dos seus sofrimentos. Enquanto isso, temos que nos resignar, ter paciência e confiar em Deus.

196

Conversavam no quarto da enferma, que acompanhava o diálogo atentamente.

- Você concorda com sua filha, Marta? - perguntou a vizinha, dirigindo-se à doente.

- Sem dúvida, Josefa. Oro muito pedindo a Jesus que me ajude e me permita um dia ficar curada - disse a enferma com ar melancólico, mas com firmeza.

A vizinha meneou a cabeça:

- Não entendo como podem ter tanta fé. Qual a religião de vocês?

- Somos espíritas - afirmou Ana.

- Logo vi! E essa religião ensina a suportar tudo? A curvar a cabeça diante de qualquer situação, a não lutar?

- Absolutamente. Ensina a aceitarmos tudo o que não pudermos modificar com nossas ações. Se estamos doentes, é preciso procurar um médico e nos dispormos ao tratamento. Se, apesar de nossos esforços, não for possível obter a cura, então temos que nos resignar, pois Deus é justo e sempre sabe o que faz. Recebemos, invariavelmente, de acordo com o que plantamos.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Mas, que eu saiba, sua mãe nunca fez mal a ninguém!
- A Doutrina Espírita ensina que somos Espíritos em evolução e que não vivemos uma única vez. Voltamos à Terra tantas vezes quantas forem necessárias para o nosso aprendizado. Dessa forma, os problemas que não têm raízes nesta existência certamente são conseqüências de nossos atos em vidas passadas.
- Interessante... Nunca tinha pensado nisso.
- Pois é. As dificuldades de hoje representam a oportunidade que Deus nos concede de repararmos nossas faltas. Entendeu?
- Mais ou menos. Ainda tenho muitas dúvidas e preciso pensar no assunto. Confesso, porém, que o que você disse tem lógica. Gostaria de continuar nossa conversa, mas preciso ir embora. Meu marido deve estar chegando do serviço.
- Apareça sempre que quiser, Josefa. Fazemos uma reunião uma vez por semana aqui em casa. É o Evangelho no Lar. Se

197

realmente se interessar por esses temas e quiser participar, é aos sábados às dezoito horas.

E assim Ana ia plantando o amor no coração das pessoas e espalhando o bem, confiante em que, um dia, as coisas iriam mudar.

Certo dia, pela manhã, Ana chegou à fábrica e teve uma surpresa. Chamada ao escritório, o chefe comunicou-lhe que estava despedida.

Atônita, sem poder acreditar naquilo que estava ouvindo, ela quis saber:

- Mas por quê? Sempre tenho procurado executar bem minhas funções, chego sempre antes do horário estabelecido, nunca falto, trabalho sem parar o dia todo. Por quê?

Constrangido, o chefe concordou:

- Você tem razão, Ana. Sempre foi excelente funcionária. Todavia, recebi ordem do patrão para dispensá-la. A fábrica está passando por uma situação difícil e precisa demitir dez empregados. Lamento. Passe no Departamento de Pessoal para fazer o acerto.

Ana deixou o prédio arrasada. Na sua cabeça passava uma série de preocupações. O que fazer agora? Como poderia suprir as necessidades da família? O que recebera como parte do acerto daria no máximo para dois meses. Ela achou pouco, mas eles lhe explicaram que era tudo a que tinha direito. Enfim, como conseguiria dali por diante comprar os remédios da sua mãe, sempre tão caros?

Naquele momento de angústia, quando a dor parecia constranger-lhe o coração, lembrou-se de Deus. O Senhor nunca lhe faltara. Em qualquer circunstância da vida, por mais difícil que fosse, sentira Sua presença inundando-a de luz. Agora não seria diferente. Confiava.

Sentou-se no banco de uma praça, sem coragem de retornar para casa. Naquele dia, a mãezinha amanhecera pior e gemia

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

198

dolorosamente. Por isso, não queria que percebesse sua tristeza e sofresse mais.

Resolveu comprar um jornal para procurar emprego. Destacou nos classificados aqueles mais interessantes e se pôs a campo.

Andou o dia todo inutilmente. Todas as vagas já tinham sido preenchidas. Estava exausta, comera pouco durante o dia para economizar o dinheiro, e seus pés doíam.

Era tarde. A noite caíra e ela ainda não se sentia com forças de voltar para casa.

Nesse momento, lembrou-se de que era quarta-feira, dia da semana em que costumava freqüentar uma Casa Espírita num bairro próximo. Resolveu ir até lá. Estava precisando se fortalecer, e o ambiente do Centro era o local mais indicado naquelas circunstâncias.

Entrou e acomodou-se. Poucas pessoas ali estavam. Ouvindo a música suave, entregou-se à prece. Dentro de alguns minutos, o salão pequeno foi sendo tomado pelos que chegavam. Notou que um rapaz, de aparência serena e sorriso simpático, a olhava de longe. Ela já o tinha visto outras vezes, mas ainda não tivera oportunidade de conhecê-lo.

Após a palestra, passou-se à aplicação dos passes. Em seguida, com uma prece, foi encerrada a reunião.

Ana continuou sentada. Estava sem vontade de levantar-se da cadeira. Sentia-se bem ali, naquele ambiente de paz. A palestra a reconfortara e o passe a supriu de energias. Nesse momento, entre as pessoas que se apressavam em sair, viu o rapaz, que vinha ao seu encontro. Ao chegar perto dela, ele se apresentou:

- Olá! Eu sou Ricardo. Desculpe-me se a aborreço, mas gostaria de conversar com você.

- Prazer, Ricardo. Chamo-me Ana. E não me aborrece, em absoluto.

Mais à vontade, o rapaz sentou-se a seu lado. Pensou um pouco antes de falar:

- Ana, não me interprete mal, contudo, desde que você chegou, percebi que não estava bem. Tinha um ar triste e abatido,

199

que nunca vi em seu rosto. Olhe, se eu puder ser útil em alguma coisa, disponha.

A mocinha não conteve a emoção diante dessas palavras. Era a primeira vez que alguém lhe oferecia ajuda. Sempre era ela que tinha que ser forte, tomar atitudes, consolar... mas agora sentia-se tão frágil. Agradecida, Ana explicou:

- Não imagina como me fazem bem suas palavras, Ricardo. Quando cheguei, realmente estava péssima, mas o ambiente desta Casa, a ajuda dos nossos amigos espirituais, a palestra, o passe, me fizeram muito bem. Meus problemas continuam os mesmos, mas eu mudei por dentro. Estou mais forte, mais cheia de esperança e de confiança.

- Bem, gostaria que me considerasse um amigo, Ana. Se quiser se abrir comigo, talvez isso a alivie. Sabe como é, seremos dois a pensar numa solução para suas dificuldades.

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

Ana olhou aquele rapaz com quem nunca tinha trocado uma palavra e que agora lhe parecia um velho conhecido. Sim, sentia confiança e vontade de dividir com ele suas dores.

com naturalidade, contou-lhe como era sua vida, falou-lhe sobre a mãe, os irmãos, os esforços de todo dia. E concluiu dizendo:

- Após a desencarnação de meu pai, sou a responsável pelo sustento da casa. E hoje, logo cedo, fui despedida. Passei o dia todo procurando outro emprego, e nada. Sem coragem de voltar para casa, resolvi vir à reunião.

Ricardo comoveu-se com o relato da moça e com o exemplo de vida que ela representava, apesar de ser ainda tão jovem. Cheio de íntima admiração e respeito, ele considerou:

-No que fez muito bem. Além do mais, pudemos nos conhecer.

- É verdade.

- Ana, talvez eu possa ajudá-la.

- Ajudar-me? Como?

- Bem, sou arquiteto e estou precisando de uma secretária.

- Verdade?

- Verdade! Justamente na semana passada minha secretária deixou o emprego.

200

Não está dizendo isso por piedade, somente para me ajudar?

- Claro que não.

- Bem... então, se precisa mesmo de alguém, aceito com prazer. Ana estava radiante. Além de ter conseguido um emprego, ainda teria a satisfação de trabalhar ao lado de Ricardo, por quem sentia tanta afinidade.

Cheia de alegria, agradeceu a ele.

- Não me agradeça. Acredite, você estará me fazendo um favor. Meu escritório está uma bagunça!

Vendo que todos já se haviam retirado e que o responsável desejava fechar o Centro, saíram. Ricardo levou-a para casa.

Quando entraram, Marta notou que a filha estava feliz, rindo por qualquer coisa. Ana apresentou o rapaz à mãe. Os meninos já estavam dormindo.

com muita emoção, contou à mãezinha o que tinha acontecido e o socorro que viera na pessoa do novo amigo, Ricardo.

Marta, com os olhos úmidos, agradeceu ao rapaz:

ERROS ACERTOS

Pelo Espírito Marcelo – Célia Xavier de Camargo

- Sabe, meu filho, antes de vocês chegarem abri o Evangelho e vejam o trecho que caiu.

Comovidos, eles leram:

Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, que todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo.

A confiança em Deus e a fé no futuro despertam na criatura a certeza de melhores dias e a tranqüilidade no amanhã.

Aquele que possui fé inabalável jamais se sente sozinho, nem cultiva tristeza ou desânimo, porque crê, acima de tudo, que o Pai vela por todos os seus filhos, e que o socorro não deixará de surgir, como bênção de luz varando as trevas.

Todavia, é imprescindível se esteja em condição de receber a ajuda do Alto, prosseguindo com o pensamento elevado, cultivando a oração, mantendo, assim, abertos os canais de ligação

201

com os amigos ou familiares que, do Mundo Maior, se disponham ao auxílio fraterno.

Em qualquer circunstância, não se esqueça de cultivar o otimismo e a alegria de viver, confiante na Divina Providência.

202

FIM
